

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

BEATRIZ REALE FERRARI KOK RIBEIRO

O BRINCAR EM JOGO

**Uma reflexão sobre a importância do brincar
no desenvolvimento emocional da criança
e suas relações com o trabalho psicopedagógico.**

**SÃO PAULO
2011**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

BEATRIZ REALE FERRARI KOK RIBEIRO

O BRINCAR EM JOGO

**Uma reflexão sobre a importância do brincar
no desenvolvimento emocional da criança
e suas relações com o trabalho psicopedagógico.**

Monografia apresentada como exigência parcial para
obtenção do Certificado de Especialização em
Psicopedagogia - Curso de Pós-Graduação "Lato
Sensu" da PUC-SP - COGEAE.

Orientadora: Professora Dra. Anete Busin Fernandes.

**SÃO PAULO
2011**

Agradecimentos

Dedico essa monografia à minha tia Ebe querida que tanto me incentivou e apoiou para que eu fizesse o curso de Psicopedagogia.

Agradeço ao meu marido pelo seu companheirismo e amor para começar uma nova etapa da minha vida.

Agradeço, em especial, à professora Anete M. Busin Fernandes por sua paciência, dedicação e sensibilidade, dando amparo nos momentos de dificuldade e dúvida, e, sobretudo por sua sabedoria ao me orientar durante toda a monografia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1. POR QUE AS CRIANÇAS BRINCAM?.....	09
1.1. A dimensão do brincar na teoria Winnicottiana.....	14
1.2. Winnicott X Psicanálise Tradicional.....	21
1.3. O papel dos pais na experiência lúdica da criança.....	28
2. O BRINCAR NA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA.....	34
2.1. O brincar como espaço de autoria.....	39
3. UMA INTERVENÇÃO A PARTIR DO BRINCAR: ENTREVISTAS COM OS PAIS.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	65
ANEXOS.....	68

INTRODUÇÃO

“O brincar é sério, uma vez que supõe atenção e concentração. Atenção no sentido de que envolve muitos aspectos inter-relacionados, e concentração no sentido que requer um foco, mesmo que fugidio, para motivar as brincadeiras. O brincar supõe também disponibilidade, já que as coisas mais importantes da vida da criança - o espaço, o tempo, seu corpo, seus conhecimentos, suas relações com pessoas, objetos e atividades - são oferecidas a uma situação na qual ela, quase sempre, é a única protagonista, a responsável pelas ações e fantasias que compõem essa atividade. (...). Para nós, o brincar é a saudade ou a recuperação daquela criança que fomos um dia, que dava sua vida para as coisas pelo gosto e pelo valor que tinham em si mesmas, pelos benefícios ou pelas consequências inerentes ao próprio ato de sua realização”.

(Lino de Macedo, 2005, p. 1)

A escolha desse tema surgiu por um interesse pessoal, pois sendo mãe de duas filhas assisto diariamente ao desenvolvimento delas, suas novas descobertas; percebo como se relacionam com os brinquedos, com os colegas da escola e compartilho com elas suas experiências e frustrações.

Ao escolher o tema da monografia, meu objeto de estudo teria que ser algo que eu estivesse vivenciando e que trouxesse respostas às minhas dúvidas, algo que realmente me intrigasse e que pudesse ser relevante para o meu futuro papel como psicopedagoga. Sendo assim, escolhi como objeto de estudo a importância do

brincar no desenvolvimento emocional da criança e suas relações com o trabalho psicopedagógico.

Um dia em casa, vendo minha filha menor brincar com uns blocos de montar percebi o quanto ela se divertia em vê-los cair. Naquele instante, recordei-me de uma mesma cena vivida pela minha filha mais velha. A reação tinha sido oposta, ela chorava e ficava com raiva cada vez que o bloco desmoronava. Por que uma mesma situação poderia causar reações tão diferentes? Essa situação me fez lembrar Winnicott (Fernández, 2007, p. 65) que disse: "... apenas se soubermos e aceitarmos que a criança deseja derrubar a torre de tijolos, terá valor comprovar que pode construí-la".

Além disso, visitando um hotel durante as férias, percebi que minha filha mais velha rapidamente já estava inserida em um grupo de recreação desse hotel. Fiquei bem admirada com seu entrosamento relâmpago, pois era primeira vez que ela estava conhecendo o lugar, assim como eu, e ela não era uma menina tão solta com pessoas estranhas. No entanto, comecei a observá-la e percebi que o que a atraía eram as brincadeiras que eram dadas pelos monitores. Percebi que durante sua estada, essas brincadeiras influenciaram positivamente o seu desenvolvimento infantil, tornando-a mais independente e criativa.

A disciplina do Diagnóstico do Raciocínio ensinada no Módulo I, com a qual tive o primeiro contato com as obras de Piaget e Freud, e, principalmente, as primeiras horas de jogo do Diagnóstico Psicopedagógico, revelam que foi por meio do brincar que se construiu o laço de confiança com a minha paciente e foram as bases para eu entender o quanto é relevante o brincar para a criança, tanto para a sua socialização como para seu aprendizado.

"Conquanto seja fácil perceber que as crianças brincam por prazer, é muito mais difícil para as pessoas verem que as crianças brincam para dominar angústias, controlar ideias ou impulsos que conduzem à angústia se não forem dominados". (Winnicott, 1982, p.162)

Quanto ao fator social, a criança inicialmente, brinca com a mãe ou sozinha, depois ela terá que aprender a compartilhar com as outras crianças e é por meio da brincadeira que se forma essa socialização, sendo uma forma de relacionar-se com o mundo. Além disso, o fator emocional é também manifestado e incentivado pelo

brincar, pois quando uma criança brinca, ela descobre como enfrentar situações de medo, de alegria, de dor e de ansiedade.

Segundo Winnicott, (1982, p. 163) “É em grande parte através da brincadeira, em que as demais crianças são ajustadas a determinados papéis preconcebidos, que uma criança começa a permitir às outras que tenham uma existência independente”.

O enfoque do trabalho foram duas pesquisas: uma bibliográfica e outra qualitativa semiaberta.

O objetivo intrínseco da pesquisa foi investigar a importância do brincar e quais seriam os seus impactos no desenvolvimento emocional da criança.

Meu objetivo extrínseco foi a construção do conhecimento sobre esse assunto, e assim ter subsídios para poder, como psicopedagoga, auxiliar crianças, por meio de atividades lúdicas, a expressarem suas frustrações, suas fantasias e seus medos, possibilitando também que elas transitem entre o mundo interior e o mundo exterior.

No Capítulo I, inicio com a compreensão do por que as crianças brincam e para tal descrevo as várias definições do brincar na visão de diversos autores; as definições do significado do brinquedo, brincadeira e jogo, e quais as contribuições que o brincar favorece. Após abordar e entender mais esse prazer de brincar, achei importante dividir o Capítulo I em três subcapítulos.

No primeiro subcapítulo, aprofundo-me exclusivamente na dimensão do brincar na teoria de Winnicott, abordando o brincar como uma atividade humana que se caracteriza pela qualidade da relação que o indivíduo estabelece com os objetos da realidade externa, transitando entre o mundo exterior e interior, além de manifestar sua criatividade. Explicito o significado do self, descrevo as fases do processo maturacional pessoal desde a fase da dependência absoluta, percorrendo pela etapa da ilusão e desilusão e a importância de um espaço transicional até chegar à independência. Além disso, achei relevante descrever quais as consequências quando falhas ambientais ocorrem, durante esse processo, assim como também o significado do falso-self.

No segundo subcapítulo, comparo a teoria de Winnicott com a Psicanálise Tradicional; descrevendo brevemente as heranças deixadas por Freud e Melanie

Klein , como eles foram influentes para a construção do pensamento de Winnicott e quais foram os principais pontos discordantes.

No terceiro subcapítulo, descrevo a importância que tem a família na brincadeira da criança, favorecendo o seu desenvolvimento emocional e cognitivo.

No Capítulo II, descrevo o brincar na visão psicopedagógica e para tal, ressalto as obras de Alicia Fernández e Sara Paín na questão do brincar como sendo promotor da autoria de pensamento, pois segundo Fernández (2001, p. 127) “A primeira experiência de autoria é o brincar. Algo que se faz porque sim. Algo que se faz sem a demanda do outro e sem a exigência da necessidade”.

Segundo Alicia, mesmo que a criança conviva com um adulto que possa desqualificá-la, seja pai, mãe ou professor, não podemos esquecer que o oposto também pode trazer prejuízo, isto é, quando em tudo o que a criança faz estão parabenizando-a e/ou aprovando-a, essa atitude é prejudicial em termos de aprendizagem, já que a criança acaba sendo colocada como dependente da aprovação do outro em suas criações.

No Capítulo III, apresento uma pesquisa qualitativa semiaberta, realizada por meio de entrevistas com pais de crianças, já alfabetizadas. É um momento em que questiono o brincar em suas vidas, nas gerações que os antecederam, e nos dias atuais com seus filhos.

Aprendi com esta monografia que como psicopedagogos, devemos sempre oferecer um espaço para que a criança desenvolva essa capacidade de estar com ela mesma, deixando-a encontrar-se a fim de que apareça esse espaço “entre”, no qual estarão presentes o brincar e a autoria.

A Psicopedagogia transita exatamente nesse espaço quando o brincar e o aprender acontecem, e que é chamado por Winnicott de “espaço transicional”, isto é, entre a área da subjetividade e a área da objetividade. Nesse espaço, é que se pode entender o que impede o indivíduo de aprender, e é possível criar condições propícias, por meio do lúdico, para que ele retome o seu processo de construção de conhecimentos.

CAPÍTULO I: POR QUE AS CRIANÇAS BRINCAM?

“O brincar traz de volta a alma da nossa criança: no ato de brincar, o ser humano se mostra na sua essência, sem sabê-lo, de forma inconsciente. O brincante troca, socializa, coopera e compete, ganha e perde. Emociona-se, grita, chora, ri, perde a paciência, fica ansioso, aliviado. Erra, acerta. Põe em jogo seu corpo inteiro: suas habilidades motoras e de movimento veem-se desafiadas. No brincar, o ser humano imita, medita, sonha, imagina. Seus desejos e seus medos transformam-se, naquele segundo, em realidade. O brincar descortina um mundo possível e imaginário para os brincantes. O brincar convida a seu eu mesmo”. (Friedmann, 2006, p. 39-40)

Inicialmente se me perguntassem por que as crianças brincam prontamente a resposta seria por que gostam de fazê-lo. Mas à medida que fui estudando e lendo mais sobre o assunto pude perceber que é muito mais do que isso, já que é no brincar que as crianças encontram objetos e inventam facilmente as brincadeiras e em consequência disso surge o prazer.

A criança ao brincar cria e recria de uma forma reveladora, singular e pessoal, tornando o brincar, quando livre e espontâneo, mais importante do que o brinquedo.

Quanto mais se enxerga que as crianças brincam por prazer, mais difícil é ver que também é uma forma de dominarem suas angústias, seus medos, suas

fantasias, seja controlando suas ideias ou impulsos que conduzem a esses sentimentos e sensações. Segundo Winnicott (1982, p. 162) “A ameaça de um excesso de angústia conduz à brincadeira compulsiva, ou à brincadeira repetida, ou a uma busca exagerada dos prazeres que pertencem à brincadeira”.

Para Lino de Macedo (2005, p. 14):

“... O jogar é o brincar em um contexto de regras e com um objetivo predefinido(...).O brincar é um jogar com ideias, sentimentos, pessoas, situações e objetos em que as regulações e os objetivos não estão necessariamente predeterminados(...).O jogar é uma brincadeira organizada, convencional, com papéis e posições demarcadas. (...).O jogo é uma brincadeira que evoluiu. A brincadeira é o que será do jogo, é sua antecipação, é a sua condição primordial. A brincadeira é uma necessidade da criança; o jogo, uma de suas possibilidades à medida que nos tornamos mais velhos”.

Ao falar de brincar, também é importante apresentar a sua etimologia e as definições de brinquedo, brincadeira e jogo.

A etimologia de brincar é a junção de brinco + ar. Brinco tem origem alemã, *blinken*, que significa “brilhar, cintilar”, depois esse sentido passou a ser “agitar-se”. A etimologia de brincadeira “brincado + eira” quer dizer divertimento, passatempo. (Friedmann, 2006, p. 42)

Segundo o Dicionário Houaiss (2001, p. 513):

“O brinquedo é um objeto que as crianças brincam. A brincadeira é o ato ou efeito de brincar e o jogo é a designação genérica de certas atividades cuja natureza ou finalidade é recreativa; diversão; entretenimento; atividade espontânea das crianças. Os divertimentos infantis são jogos de aprendizagem. O chicote queimado e a cabra-cega são jogos infantis”.

Nas brincadeiras, as crianças encontram uma forma de escoarem seus ódios e suas agressões, como se esse fato para elas fosse algo de mau. No entanto, esses impulsos coléricos ou agressivos podem ser extravasados num meio conhecido para a criança cujo ódio e violência não serão devolvidos para ela.

A agressividade deve ser aceita na brincadeira da criança e, conforme Winnicott (1982, p. 162.) "... esta sente-se desonesta se o que está presente tiver de ser escondido ou negado(...). A agressão pode ser agradável, mas acarreta inevitavelmente o dano real ou imaginário de alguém, de modo que a criança, não pode evitar ter de fazer frente a essa complicação". Quando a criança expressa seus sentimentos agressivos por meio das brincadeiras, ela de certa forma, está contribuindo socialmente mais do que se o fizesse em crises de raiva.

"É no brincar, e talvez apenas no brincar que a criança ou adulto fruem sua liberdade de criação". (Winnicott, 1975, p. 79). Pode-se entender que por meio do brincar, a criança libera toda a sua espontaneidade, não escondendo nenhum sentimento que a impulsiona. É como uma fonte de vida.

Por meio das brincadeiras e das fantasias é que a criança vivencia suas experiências, sejam elas externas ou internas, sendo de extrema importância e riqueza para o seu desenvolvimento cognitivo e emocional de sua vida adulta. A brincadeira possibilita de forma gradual que as crianças enxerguem o mundo externamente real e "... é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência". (Winnicott, 1982, p. 163)

Inicialmente a criança brinca sozinha ou com sua mãe. Por meio da brincadeira, na maioria das vezes, é que surge a possibilidade da entrada de outras crianças e nesse momento, quando os papéis de cada criança são estabelecidos, permite às outras crianças que tenham uma existência independente.

"A brincadeira fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento de contatos sociais". (Winnicott, 1982, p.163). Dessa forma, a brincadeira ajuda a criança na socialização e, por conseguinte, a aprender sobre as pessoas e as coisas que estão ao seu redor.

Além disso, a brincadeira, o jeito como se trabalham as formas e a arte são auxiliares e aliados para o que Winnicott chamaria de unificação e integração geral da personalidade. Segundo o autor "... pode-se facilmente ver que as brincadeiras servem de elo entre, por um lado, a relação do indivíduo com a realidade interior, e, por outro lado, a relação do indivíduo com a realidade externa ou compartilhada (1982, p. 164). Quando uma criança apresenta uma grave cisão da personalidade, isto é, quando a realidade interior de uma criança não está

conjugada com a sua realidade exterior , ela “... não pode brincar, pelo menos em formas reconhecíveis, por parte dos outros, como relacionadas com o mundo”. (ibid.)

A criança quando brinca tenta mostrar para as pessoas que convivem no seu meio ambiente, nem que seja de forma sutil, tanto o seu interior como o seu mundo exterior.

As brincadeiras também são uma forma de ligação das ideias com a função corporal. Nesse assunto, Winnicott faz referência à questão da masturbação ou qualquer outro tipo de fantasia, onde o consciente e o inconsciente estão presentes e assim como nas brincadeiras, se equilibram. Para o autor, quando a criança apresenta, por exemplo, uma masturbação compulsiva, onde não há fantasia, é que se reconhece “... a tendência saudável que existe na brincadeira que relaciona mutuamente os dois aspectos da vida, ou seja, o funcionamento físico e a vivência das idéias”. (1982, p. 164)

Segundo Piers e Landau (apud Moyles, 2002, p. 21), o brincar “desenvolve a criatividade, a competência intelectual, a força e as estabilidades emocionais, e... sentimentos de alegria e prazer: o hábito de ser feliz”.

Como pode-se perceber, o brincar é um paradoxo que por um lado traz alegria e por outro resolve conflitos e ansiedades. Isto é, da mesma forma que o brincar cria estímulos, concentração e motivação por meio de uma experiência não ameaçadora, permitindo que a criança tenha uma significativa interação com o meio ambiente; por outro lado, também pode ser uma fuga das pressões da realidade, uma forma de aliviar o aborrecimento, um tipo de relaxamento ou até mesmo uma chance para a solidão, que é tão difícil de ser encontrada com tamanha quantidade de atividades e tarefas que o cotidiano nos fornece.

Pode-se ver o brincar como um processo, em que segundo Bruner (apud. Moyles, 2002, p. 24) “... a principal característica do brincar - quer infantil quer adulto - não é o seu conteúdo, e sim o seu modo. O brincar é uma abordagem à ação, não uma forma de atividade”.

O brincar motiva e sendo assim proporciona um clima especial para a aprendizagem. Ao brincar, a criança desenvolve suas potencialidades, a sociabilidade, faz amigos e aprende a conviver e a respeitar o direito dos outros. Segundo Cunha (2007, p. 11) “... é brincando que a criança se desenvolve e exercita suas potencialidades. O desafio contido nas situações lúdicas provoca o

pensamento e leva a criança a alcançar níveis de desempenho que só as ações por motivação intrínseca conseguem”.

O ato de encaixar, de empilhar, de construir e de montar quebra-cabeças proporcionam à criança exercício e desenvolvem nelas algumas habilidades. Mas o brincar em si, só ocorre se tiver prazer, pois do contrário, tornam-se tarefas realizadas com brinquedos. Além disso, para se criar é necessário que haja motivação, uma vez que por criar entende-se desde um problema a ser resolvido, uma emoção a ser expressada até a uma resolução de um problema. Para que esse ato criativo aconteça, a criança deve ter confiança na capacidade de criar, independentemente de seu resultado.

Quando o lúdico é proposto para ensinar crianças, pode-se dizer que também é uma forma de aprendizagem exploratória, buscando formas não usuais a fim de estimular o pensamento intuitivo e a criatividade.

O jogo possibilita experimentar situações que não são vivenciadas por medo do fracasso e da punição. Quando a criança é impulsionada pelo prazer, ela consegue brincar livremente, sem cobranças e sem a preocupação com resultados. Por essas brincadeiras, muitos problemas são solucionados, justamente por não temerem o erro e aceitarem sugestões.

O brincar permite que a criança assuma outros papéis e explore também suas capacidades físicas como dar piruetas, cambalhotas e etc. Essas encenações possibilitam que aos poucos a criança tenha cada vez mais controle sobre os seus movimentos, partindo sempre de um momento de hesitação até que sua agilidade fique desenvolvida. Tais encenações podem ser derivadas de conceitos de comportamento e não necessariamente de uma imitação direta de outras pessoas. Por meio da brincadeira, a criança aprende a se movimentar, a se expressar e a descobrir estratégias para solucionar problemas.

O brincar tem também extrema contribuição na linguagem, pois ao brincar a criança tem a possibilidade de experimentar formas de combinar a linguagem, o pensamento e a fantasia. Segundo Kishimoto (2008, p. 148): “Para ser capaz de falar sobre o mundo, a criança precisa saber brincar com o mundo com a mesma desenvoltura que caracteriza a ação lúdica. (...). O que faz a criança desenvolver seu poder combinatório não é a aprendizagem da língua ou da forma de raciocinar, mas as oportunidades que têm de brincar com a linguagem e o pensamento”. (ibid.)

1.1. A dimensão do brincar na teoria Winnicottiana

Para Winnicott, o ser humano é essencialmente criativo e segundo o autor “ é no brincar, e somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)”. (1975, p. 80)

Em 1971, Winnicott escreveu a sua definição de self às tradutoras de sua obra para o francês (Forlenza Neto, 2009, p. 19):

“Para mim, o self, que não é o ego, é a pessoa que eu sou, que é somente eu, que possui uma totalidade baseada na operação do processo maturativo. Ao mesmo tempo, o self tem partes e é, na verdade, constituído dessas partes. Tais partes se aglutinam num sentido interior-exterior no curso do processo maturativo, auxiliado, como deve sê-lo (principalmente no início), pelo ambiente humano que o contém, que cuida dele e que de forma ativa o facilita. Normalmente o self se acha localizado no corpo, mas pode em determinadas circunstâncias, dissociar-se do corpo nos olhos e na expressão facial da mãe, no espelho que pode vir a representar o rosto da mãe. Finalmente, o self atinge significativa relação entre a criança e a soma das identificações que, depois de bastante incorporação e introjeção de representações mentais, se organizam sob a forma de uma realidade interna viva. A relação do menino ou menina com sua própria organização psíquica interna modifica-se de acordo com as expectativas manifestadas pelo pai e pela mãe e por aqueles que se tornaram importantes na vida do indivíduo que até então cresceu e que continua a crescer da dependência e imaturidade para a independência, ou capacidade de identificar-se com objetos de amor maduros, sem perda da identidade individual”.

Para a questão do self, Winnicott enfatiza a descoberta de um processo de individuação, que se inicia na fase da dependência absoluta. Essa fase corresponde ao **narcisismo primário** quando o bebê e sua mãe formam uma unidade, ou seja, o bebê vive uma relação objetal com sua mãe. Segundo Winnicott, não existe um

bebê sem sua mãe, isto é, “não há como descrever um bebê ou uma criança pequena sem descrever os cuidados que ela está recebendo”. (2003, p. 130). O termo narcisismo primário a que Winnicott refere-se significa “o estado anterior à aceitação de que existe um meio ambiente, é o único estado a partir do qual o ambiente pode ser criado”. (1988, p. 151)

Segundo Dias (2003, p. 130) o ambiente a que Winnicott refere-se no início é a mãe, os modos de ser da mãe - **é parte do bebê, indistinguível dele**. Essa fase de dependência absoluta refere-se à autora (ibid) “... ao fato de o bebê depender inteiramente da mãe para ser - do modo como é, como pode ser, nesse momento inicial - e para realizar a sua tendência inata à integração em uma unidade.” Em suma, essa fase, de “*dependência absoluta*” só é possível com a existência de outro ser humano. A mãe faz parte do bebê à medida que ele é afetado pelos cuidados recebidos por essa mãe.

Essa relação mãe-bebê na fase da dependência absoluta irá criar um padrão nas relações que o bebê desenvolver com a realidade externa. Sendo assim, o bebê possui potencialidade inata e na relação objetal com sua mãe irá possibilitar que eles vivam um processo de ilusão.

A etapa da ilusão é uma fase em que a criança pensa que os objetos que estão ao seu redor foram criados por ela e é quando Winnicott diz “... o seio é criado pelo bebê repetidas vezes, pela capacidade que tem de amar ou (pode-se dizer) pela necessidade”. (1975, p. 26). A partir daí, a criança desenvolve um fenômeno subjetivo chamado de: seio da mãe, por Winnicott ao afirmar que: “A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato.” (ibid.). Essa fase também é conhecida como a experiência da onipotência e é permitida pela mãe por um curto período. Com o passar do tempo, a mãe deve gradualmente ir desiludindo seu bebê. A essa mãe Winnicott irá chamar de **mãe suficientemente boa**.

A mãe suficientemente boa é aquela que propicia um ambiente facilitador, permitindo que a criança se desenvolva sem ser intrusiva, sendo acolhedora e transmitindo segurança (holding¹). À medida que a criança tenha um vínculo com

¹ Para que se obtenha o sucesso no processo de amadurecimento são necessários cuidados maternos específicos. No caso do holding para a integração no tempo e no espaço corresponde ao segurar ou sustentar.

essa mãe, com o seu seio, as experiências não se perdem e essa criança vai reconhecendo essa mãe.

Segundo Dias, a mãe é “suficientemente boa”: “porque atende, ao bebê, na medida exata das necessidades deste, e não de suas próprias necessidades”. (2003, p. 133). A autora ainda ressalta que essa mãe deve ser real, isto é “sendo consistentemente ela mesma, falível porque é humana, mas confiável exatamente por ser falível”. (ibid.)

Essa mãe suficientemente boa não necessita compreender intelectualmente tudo e nem saber tudo do lactente. Conforme Dias “o que a orienta é a sua capacidade de identificar-se com o bebê” (2003, p. 135). Para tal, basta ter sido um bebê e ter sido acolhida, pois tais registros de conforto e segurança estão em seu corpo além de sua própria experiência de intimidade pessoal. A atenção e a sua espontaneidade são refletidos o tempo todo ao bebê por meio de seus gestos, de sua postura e de seu olhar.

Quando o bebê se desenvolve com uma mãe tranquila na fase de dependência absoluta, isto é, quando as suas necessidades são atendidas por essa mãe suficientemente boa, o bebê passa por uma experiência que Winnicott denomina de “eu criei isto”, quando a fantasia e a realidade se fundem e o bebê torna-se aquele que cria e controla o mundo. Vivenciar a etapa da ilusão será fundamental para que o bebê consiga prosseguir para as outras fases.

A fase seguinte é a da desilusão gradual, que é o que Winnicott irá chamar de dependência relativa, quando o bebê ocupa um espaço separado de sua mãe. Surge o “eu” separado do “não eu”, passa a existir um dentro e um fora e um esquema corporal. Essa etapa maturacional Winnicott chama de **personificação**, ou seja, é um sentimento que habita um corpo biológico (real), como um residir da psique no soma. Esse corpo real abriga um self verdadeiro e por isso é importante a apreensão.

Em direção à independência ou adaptação à realidade surge o EU SOU, quando a criança se reconhece como um ser interno e externo, como uma pessoa inteira. Ser externo é sentir-se real, conseguir encontrar seu próprio caminho, saber se relacionar com os outros e consigo mesmo. Essa criança tornar-se-á capaz de apercepção criativa do mundo de ter sua experiência subjetiva vinda da mãe suficientemente boa e do ambiente (cultura).

Nessa fase, o ego da criança inicia a sua independência em relação ao ego auxiliar da mãe. O ego é uma instância psíquica, é uma parte do self, que com as experiências vividas e o desenvolvimento do cérebro, a mãe suficientemente boa possibilita que esses núcleos dispersos se integrem formando uma mente saudável em condições favoráveis.

Essa fase da independência nunca é absoluta, pois o indivíduo não é isolado e se relaciona com o ambiente de tal forma que eles se tornam interdependentes.

A realidade subjetiva é quando se acrescenta algo de subjetivo em um objeto concreto e ele deixa de ser só objetivo, isto é, ele é e não é.

A realidade subjetiva, quando há sentido, significado e funções, Winnicott irá chamar de realidade transicional, que é composta de objetos reais e experiências reais e que acontecem num espaço transicional (ou espaço potencial). Esse espaço é virtual, é um espaço entre, em que as experiências particulares acontecem, isto é, é um espaço onde os fenômenos transicionais surgem, por meio de objetos transicionais a fim de dominar angústias, separações e perdas da mãe.

Quando o subjetivo do real não é constituído, os fenômenos transicionais não têm sentido nem significado e logo não irão trazer benefício algum. “Um bebê a quem não foi fornecido um sentido de segurança, incorporado como uma crença, não pode “ausentar-se”, distraído com o objeto transicional; ao contrário, consegue apenas ficar alerta, prevenindo possíveis invasões.” (Dias, p. 233)

Essa fase é de extrema importância, pois é quando o indivíduo gradualmente ao se separar de sua mãe, irá unir-se à sua família e posteriormente à unidade social, abrindo cada vez mais seus círculos de convivência e adquirindo assim mais autonomia. O grande desafio dessa fase está no relacionar-se de forma objetiva com essa realidade externa sem perder sua criatividade e sua espontaneidade.

Os fenômenos transicionais posicionam-se justamente nesse entre, isto é, na passagem da realidade subjetivamente concebida à realidade objetivamente percebida, em que há o apego pelo objeto transicional e o início da capacidade de simbolização, desenvolvendo depois a capacidade de brincar.

“Os objetos transicionais e depois o brincar são os precursores da capacidade do adulto de usar o campo da cultura, da religião, da arte, para o necessário e salutar descanso da eterna tarefa de separar os fatos da fantasia”. (Dias, p. 234)

É interessante perceber que os fenômenos transicionais pertencem à etapa da ilusão, na fase chamada oral, quando ocorrem as necessidades de chupar o dedo, dos pequenos murmúrios e da vontade do bebê de se aproximar de algum objeto para criá-lo e reinventá-lo, dando início a uma relação de afeto com ele. Pode-se dizer que essa fase oral será a precursora da adoção pela criança do seu objeto transicional, como por exemplo: uma fralda predileta, uma boneca inseparável e uma ponta de cobertor.

Durante um bom tempo, esses objetos são tratados pela criança com imenso afeto, sendo indispensáveis na hora de dormir, pois constituem uma defesa contra as inquietações e angústias, como por exemplo, na passagem da vigília para o sono ou em situações de grande ausência da mãe.

Um objeto transicional tem uma existência concreta, mas está articulado à própria subjetividade sendo assim para a criança o primeiro objeto não-eu, a primeira experiência da brincadeira. Esse objeto tem tanta importância e valor para a criança que os pais, segundo Winnicott, permitem que eles sejam levados para as viagens, mesmo sujos e entendem que "... se lavá-lo, introduzirá uma ruptura de continuidade na experiência do bebê, ruptura que pode destruir o significado e o valor do objeto para ele". (1975, p. 17). Sendo assim, deve-se deixar que o bebê passe por essa experiência, pois, com o passar do tempo esse objeto será esquecido, perderá o seu significado à medida que, "... os fenômenos transicionais se tornaram difusos, se espalharam por todo o território intermediário entre a "realidade psíquica interna" e o mundo externo, tal como percebido por duas pessoas em comum, isto é, por todo o campo cultural". (1975, p. 19)

O fundamental compreender do objeto transicional é que o objeto em si não se altera e sim o seu sentido de realidade, isto é, ele representa a mudança, a transição que decorre do processo de amadurecimento do estado da relação mãe-bebê para uma relação em que o bebê já está separado de sua mãe, criando seu próprio mundo e seu novo espaço que será transitado por ele. O bebê transita nele mesmo, podendo situar-se em vários mundos por ele criados e onde novos objetos podem aparecer.

É nesse espaço da relação mãe-bebê que se constrói uma fidedignidade . A experiência que o bebê tem dessa fidedignidade materna ou dos elementos ambientais faz despertar nele e na criança que cresce um sentimento de confiança. Essa confiança experimentada por um período longo é que torna possível a separação do não-eu a partir do eu. No entanto, essa separação acaba por ser evitada, tornando-se infinita, pelo preenchimento desse espaço potencial pelo brincar criativo, que com o tempo transforma-se na posse da herança cultural.

Em suma, é nesse espaço potencial que o brincar acontece, “é área de toda a experiência satisfatória mediante a qual ele pode alcançar [sensações intensas] que [pertencem aos anos precoces], e assim, a consciência de estar vivo”. (1982, p. 78) Ou seja, Winnicott designa que qualquer atividade pode estar nesse espaço desde que a criatividade e o sentimento do indivíduo estejam presentes.

O espaço potencial é o lugar onde acontece uma comunicação significativa através da troca de experiências, “... e as relações interpessoais podem atingir [uma riqueza e uma facilidade que trazem consigo uma estabilidade flexível à qual damos o nome de saúde]”. (1979, p. 79)

É fundamental entender que o espaço potencial, também chamado por Winnicott de terceira área, é o lugar onde se encontra a brincadeira e a experiência cultural, e que a criança depende das suas experiências de vida para existir ou de tendências herdadas. A brincadeira é universal, natural, saudável, conduz à sociabilidade e é uma forma de comunicação.

A brincadeira e a experiência cultural “são coisas que vinculam o passado, o presente e o futuro, e que ocupam tempo e espaço.” (1975, p. 151) Quando se fala que a brincadeira tem um lugar e um tempo significa que ela não está nem dentro (realidade psíquica) e nem fora (realidade concreta) do controle mágico. Além disso, para que se tenha o controle do que se encontra fora é preciso fazer coisas e esse fato demanda tempo. Logo, pode-se dizer que brincar é fazer.

Para Winnicott, quando a criança brinca sozinha na presença de alguém, com brinquedos que utilizam a sua imaginação ou mesmo por meio dos jogos que dependem de uma percepção da realidade externa, ela está demonstrando a sua capacidade de criar e de se expressar com base na suposição da pessoa a quem ela ama e confia permanecendo presente ao ser lembrada, após ter sido esquecida, isto é, `a medida que o tempo passa a criança torna-se capaz de renunciar à

presença real da mãe ou figura materna, estabelecendo o que o autor vai chamar de ambiente interno.

Quando se está só, segundo o autor, é quando se descobre a si próprio, é o momento em que se relaxa e "... um dos mais importantes sinais de maturidade no desenvolvimento emocional". (1982, p. 53)

Para Winnicott, (1982, p. 53) ficar sozinho não é a mesma coisa que estar a sós na realidade:

"Uma pessoa pode estar numa prisão solitária, e ainda assim não ser capaz de estar a sós. O quanto ela deve sofrer fica além da nossa imaginação. Não obstante, muitas pessoas se tornam capazes de usufruir a solidão antes de sair da infância, e podem até valorizar a solidão como uma das posses mais preciosas".

Quando existe uma privação na fase da construção da confiança ou até mesmo a perda do objeto, a criança é incapaz de brincar, perde um símbolo significativo e conseqüentemente apresenta pobreza na sua capacidade de experiência no campo cultural.

Quando as falhas ambientais são grandes, a criança se defende do mundo externo desde cedo e pode desenvolver o chamado falso-self. O falso-self é uma substituição da essência da criança pela essência da mãe intrusiva, isto é, daquela mãe que não respeita o gesto espontâneo da criança. É como se essa criança morasse em uma casca, vivendo apenas na concretude, pois não conseguiu desenvolver sua criatividade e subjetividade. Para essas pessoas, o ambiente é persecutório e a criança, por não saber de que forma livrar-se dele, vive reagindo.

Sucessivas experiências de ruptura levam a esses buracos no self (isto é, áreas que não têm representante psíquico para pensar determinada experiência, não há símbolos e são sem sentido). Esses buracos do self podem levar a um adoecimento psíquico por meio da substituição do verdadeiro self pelo falso self e congelar seu estágio de desenvolvimento.

Deve-se ficar atento na análise de um paciente para que se evite "... a criação de um sentimento de confiança e uma área intermediária em que a brincadeira se possa efetuar, e depois, injetar nessa área ou inflá-la com interpretações que, com efeito, provêm de suas próprias imaginações criativas". (Winnicott, 1975, p. 141)

Por isso, é de extrema importância que o psicopedagogo reconheça a existência desse espaço potencial, pois é lá que se inicia a brincadeira e também é lá que há a possibilidade da reconstrução e resgate do verdadeiro self, para trazer a criança de um estado no qual não é capaz de brincar para o estado em que é.

Para Winnicott, primordialmente, o brincar envolve o corpo pelo contato com os objetos e em alguns momentos esse interesse está voltado a uma excitação somática. Os fenômenos externos, que são escolhidos pelas crianças, são cheios de significados e sentimentos oníricos. No entanto, para que o brincar aconteça é necessário confiar no ambiente.

Winnicott ressalta que por meio dos fenômenos transicionais é que o brincar se inicia e a partir daí é que se prossegue para um brincar compartilhado, quando a criança faz amigos e inimigos mais facilmente do que fora da brincadeira, caminhando assim para as experiências culturais.

No jogo, o que importa para as crianças pequenas não é o seu conteúdo, e sim a sua preocupação. Essa preocupação pode ser comparada à concentração das crianças mais velhas e a dos adultos.

O brincar é excitante e precário devido "... à inter-relação na mente da criança entre o que é subjetivo e o que é objetivamente percebido". (Winnicott, 1982, p. 76) Além disso, o brincar possibilita a contenção da experiência que consequentemente atinge o seu ponto de saturação, sendo a base para a existência vivencial do homem e o lugar em que o processo ensino-aprendizagem acontece.

1.2. Winnicott X Psicanálise Tradicional

Winnicott sempre valorizou a relevância do saber médico em seus pensamentos. Esse saber, muitas vezes, o ajudou, na clínica, a detectar em seus pacientes, sintomas psicológicos que derivavam de um fator físico ou em alguns casos, até mesmo a ausência de um distúrbio físico também poderia apresentar um distúrbio psicológico.

Por não acreditar que a saúde e a doença poderiam ser analisadas de forma orgânica apenas, e que era muito artificial separar o físico do psíquico, sendo impossível diagnosticar alguns distúrbios relacionados à pediatria sem incluir os aspectos psicológicos, resolveu incluir a psicanálise em sua formação.

Inicialmente, Winnicott valorizou a herança deixada por Freud na questão da psicanálise ser uma disciplina de cunho científico, sendo as teorias e as práticas sujeitas de forma permanente às revisões, defendendo essa abordagem no estudo do desenvolvimento humano. Para ele, tanto Freud como também a herança deixada por Melanie Klein, tiveram um valor supremo, ao compreenderem que os distúrbios psíquicos são de ordem psicológica. Segundo Dias (2003, p. 37), Winnicott dirá mais tarde:

“Freud deu-nos esse método que podemos usar, e que não interessa para onde nos leve, o certo é que nos leva a algo; trata-se de uma maneira objetiva de examinar as coisas e está destinado às pessoas capazes de abordar algo sem noções preconcebidas, o que num certo sentido, é o que faz a ciência”.

No entanto, ele não aceitou a ciência em que Freud apoiou sua psicanálise. Ele diz: “Sou um produto da escola freudiana ou psicanalítica. Esse fato não significa que eu aceito tudo o que Freud disse ou escreveu”. (1965, p. 33)

Winnicott rejeitava nas ciências humanas tudo que se transformaria em sistemas fechados, em dogmas e em teorias que tivessem a pretensão de uma solução definitiva, isto é, tudo que pudesse constranger o pensamento e deixar de enxergar o ser humano por completo. Seu interesse estava justamente em transformar o estudo da natureza humana numa ciência.

Segundo ele, a criação de Freud sobre o fato de que qualquer transformação do ser humano acontece no interior de uma relação humana deve ser mantida, mas, é a partir daí, que Winnicott irá inserir os procedimentos de observação (contato pessoal afetivo com o paciente) e a descrição (registros) dos fenômenos que surgem, levantando novas hipóteses à luz da teoria do amadurecimento.

Durante a sua prática como pediatra e psiquiatra infantil notou que, não só crianças mas também bebês, apresentavam perturbações emocionais primitivas. Essa precocidade dos distúrbios e a importância dos fatores psíquicos serem responsáveis por seu surgimento, influenciaram Winnicott na evolução de seu pensamento analítico e por consequência, na sua discordância pelo que a teoria tradicional entendia por psíquico.

A psicanálise tradicional freudiana baseava-se no desenvolvimento das pulsões sexuais com base no complexo de Édipo. Sua solução paradigmática estava na identificação do menino com o pai, o que resultaria na resolução da angústia de castração e o abandono de se pretender ocupar o lugar como marido da mãe. Já para Winnicott, o centro estava justamente como sendo o bebê no colo da mãe e esforçava-se para explicar o que se passava com ele no início de sua vida e qual era a natureza específica da dificuldade que o afligia.

Winnicott, além de Freud, teve uma grande influência de Melanie Klein que foi sua supervisora por aproximadamente seis anos. No entanto, à medida que elementos básicos conceituais de sua teoria foram evoluindo, cada vez mais, ele se distanciava das teorias kleinianas devido às suas discrepâncias.

Pela psicanálise tradicional, a delinquência juvenil era vista como manifestações de angústias ou de culpa, derivadas do conflito inconsciente que surge entre o ódio e o amor pois, à medida que a culpa não pode ser sublimada, o sujeito encontra-se em uma situação em que algo deve ser feito concretamente (o chamado acting out). Ou seja, para a psicanálise tradicional a delinquência era derivada de um conflito intrapsíquico, atribuindo os problemas à constituição e a conflitos internos.

Já para Winnicott, baseado em suas observações e nos dados da experiência, o predominante nessas questões era o fator ambiental, isto é, o ambiente em que esse sujeito estava inserido.

Além disso, em meados do século XIX, começava-se a discussão da ideia de saúde como sendo a ausência de doença e por isso a doença deveria ser erradicada no ponto de vista dos pediatras e dos psiquiatras. Na visão winnicottiana, mesmo que fisicamente algum desvio de saúde fosse chamado de anormal, a diminuição física da saúde, derivada de tensões e pressões emocionais, não precisava indicar uma anormalidade.

Para Winnicott, "... a vida é difícil em si mesma e a tarefa de viver, de continuar vivo e amadurecer é uma batalha que sempre permanece." (Dias, 2003, p. 62). A partir desse fato é que ele ressaltava a necessidade de se estudar as dificuldades que uma criança fisicamente saudável poderia vir a ter pelo simples fato de ela estar inserida em uma sociedade formada de seres humanos.

Ao se convencer de que a saúde psíquica é instalada já nos primórdios da infância e que o bebê já é um ser humano, Winnicott enfatizou muito a importância daqueles que estão em contato direto com o lactente, seja o pediatra ou enfermeiros, enfim, pois tanto podiam facilitar ou atrapalhar o processo de amadurecimento dele. Ele enfatizava a necessidade dos pediatras em obter um conhecimento analítico a fim de detectarem qualquer tipo de distúrbio que possa estar instaurado e vir a se manifestar em algum momento da vida adulta.

Sendo assim, Winnicott discordou das teorias que consideravam distúrbios psíquicos em termos de constituição e hereditariedade, das teorias organicistas (desequilíbrio hormonal), como das teorias da psicologia tradicional.

Segundo a psicologia tradicional, a influência do ambiente na estrutura da personalidade da criança era vista como situações de brutalidade, crueldade e abandono efetivo, sendo considerados esses traumas como os precursores dos distúrbios mentais. Segundo essa psicologia, o ambiente era visto de forma distorcida, não percebendo a importância do ambiente como algo necessário e efetivo na implantação da saúde.

Para Winnicott, quando se faz o uso da palavra ambiente externo, considera-se esse externo, nos estágios iniciais do bebê, como sendo da perspectiva de quem observa, pois no começo da vida, o ambiente não é nem externo e nem interno e sim subjetivo, participando de forma intrínseca da constituição do si-mesmo e não como uma influência externa. O sentido de externalidade na criança só será alcançada no decorrer de seu processo de amadurecimento, quando o ambiente é visto como externo e mesmo assim não é sempre e nem de forma inteira.

Uma das grandes contribuições da psicanálise à psiquiatria, referente aos estudos dos distúrbios psíquicos, foi o resgate da história do indivíduo e não apenas rotular de acordo com as entidades nosológicas.

Winnicott não negou que fatores constitucionais e hereditários poderiam ser importantes, pelo contrário, reconheceu a existência de distúrbios psicológicos relacionados com as anormalidades. No entanto, para ele, as doenças psíquicas não se encaixavam como uma doença em si, e sim como relativas às falhas do amadurecimento.

A partir dessa constatação, o autor ressaltou a importância de se distinguir os distúrbios psiquiátricos, oriundos de doenças ou lesões físicas, daqueles que eram fundamentalmente psíquicos, isto é, causados por falhas do ambiente.

Winnicott não desdenhou os fatores hereditários, pelo contrário, acreditava que podiam ser complementados com alguns aspectos mais importantes para a vida do sujeito do que o próprio distúrbio.

Naquela época, a psicanálise tradicional não aceitava enxergar que um sujeito com um distúrbio, seja psiquiátrico ou psíquico, carregava, sobretudo, uma história de vida que pertencia somente a ele. Pela psicanálise tradicional, essas pessoas com distúrbios eram movidas por forças internas e que essas poderiam ser analisadas e quantificadas por meio de uma abordagem bioquímica e neurológica, deixando-se de lado o ser humano como tal.

Segundo Dias "... pode haver, sim, é uma conjugação desses dois fatores, visto que uma mãe, capaz de ser suficientemente boa para um bebê saudável, pode não suportar a tensão de cuidar de um bebê com complicações cerebrais". (2003, p. 74). Isto é, mesmo que um bebê apresente desequilíbrios físico-químicos decorrentes desse quadro cerebral, deve-se considerar que é importante também cuidar dos distúrbios oriundos de um fracasso ambiental por parte da mãe por encontrar dificuldades para cuidar de seu filho, desfavorecendo seu processo de amadurecimento.

Em suma, na visão winnicottiana, o pequeno indivíduo (o bebê) que já é um ser humano, tem uma história que o antecede, e é passível de ser afetado pelo ambiente, já que está no início do processo de amadurecimento que irá levá-lo à integração do eu num tempo e num espaço. Se durante esse processo, algo falhar, esse bebê jamais chegará a ter um eu para contar. Sendo assim, Winnicott afirma que para se ter uma história, o sujeito depende de processos que não são do domínio da sexualidade e muito menos das pulsões, como a psicanálise tradicional acreditava, pois não podem ser dadas e nem ser vistas como algo que decorre de maneira automática com o crescimento.

A grande preocupação de Winnicott baseava-se na pessoa, no seu sofrimento ou aprisionamento pela sua incapacidade de viver e não nos mecanismos e forças que ela carregava consigo.

Ao analisar a obra de Freud, Winnicott considerou dois tipos de teorias em sua obra às quais se opõe: a metapsicologia e a psicologia dinâmica, que interpretava os fenômenos clínicos individuais. Na metapsicologia freudiana, tanto a saúde como a doença são movidas pelo princípio determinista causal das intensidades de forças pulsionais. Winnicott discordava dizendo que não são as forças pulsionais em conflito que colocam a vida em movimento e sim pelo simples fato de o bebê estar vivo e ter alguém que responda de maneira satisfatória a ele. Para o autor, o bebê amadurece por ter uma tendência inata ao amadurecimento e por ter alguém facilitador para que essa tendência aconteça.

Sendo assim, esse processo de amadurecimento inato não deriva nem da biologia nem de qualquer outro substrato físico e sim de uma relação com a natureza humana e a sua capacidade de existência. O psiquismo no qual existem as fantasias, as repreensões e etc..., não é dado e sim adquirido por meio do processo de amadurecimento.

Outro ponto de objeção de Winnicott a Freud é por esse pensar que a teoria sobre a natureza e a dinâmica das neuroses seriam a chave para se compreender todos os distúrbios psíquicos, e que esse estudo das neuroses levariam a uma compreensão da natureza humana. Em outras palavras, para Freud, uma criança saudável poderia ser compreendida pelo estudo das neuroses e suas origens. Por outro lado, Winnicott acreditava que para a criança ser neurótica supõe-se que ela tenha atravessado de forma bem sucedida todos os estágios de amadurecimento, desde os mais primitivos até chegar a sua integração num eu unitário, para que assim possa ser afetada por esse conflito.

Para esse autor, a neurose "... significa saúde, e é este o sentido da afirmação de que, se o desenvolvimento primitivo é perturbado, a criança não tem "saúde suficiente" para chegar a uma neurose". (1988, p. 56)

Para a teoria tradicional, a saúde e a doença eram baseadas na teoria das neuroses. A doença acontecia devido às angústias oriundas dos conflitos pulsionais relacionados ao Complexo de Édipo e a saúde baseava-se no estado das defesas do ego, isto é, um estado livre de repressão, rigidez e inibição dos impulsos do instinto. Os mecanismos egóicos organizavam-se a fim de evitar uma ansiedade gerada pelas tensões do instinto já pertencentes ao eu. De acordo com esse

pensamento, a teoria tradicional pressupunha que há uma estruturação do ego e portanto, a criança alcançava um grau de amadurecimento sofisticado.

Para Winnicott, a estruturação do ego não era derivada das tensões do instinto e nem das formações de defesas por ela desencadeadas e sim ao contrário, isto é, “... é essa estruturação, facilitada pelas boas condições ambientais, que gera a ansiedade da tensão instintiva ou da perda do objeto”. (Dias, 2003, p. 84)

Para Freud, sua teoria considerava desde o início a atuação do id e desconsiderava a ideia de que há sujeitos que não têm defesas egóicas, por não conseguirem constituir um ego capaz de se defender devido a uma falha na formação das defesas egóicas. Por um outro lado, para Winnicott, o id só acontece depois da formação do ego e esse desenvolve-se numa “zona livre de conflitos”, ou seja, depende da qualidade dos cuidados do ambiente, não sujeito às vicissitudes instintuais. O ego prevalece sobre as funções sexuais.

Pela teoria winnicottiana, é necessário que haja primeiramente um indivíduo para que a sexualidade humana possa ocorrer. Ou seja, para que o bebê seja constituído como tal, ele depende de um ambiente facilitador onde esse bebê ainda não é unitário e nem sabe da existência de um mundo externo. Por meio da relação do bebê com sua mãe descrita como uma unidade bebê-mãe (objeto subjetivo) ou dois-em-um é que se inicia o contato com a realidade externa. Esse contato não é dual, nem triangular (Édipo) e nem regido pelo princípio de prazer, mas sim, pela necessidade de se sentir real e de pertencer a um mundo real, para o qual é necessária a confiança da mãe, da comunicação com ela, da sua intimidade e da oportunidade de criar o mundo.

Com relação à concepção de saúde, Winnicott acreditava que não significava ser uma ausência de doença como a psicanálise tradicional defendia, e sim uma saúde que carregava um sintoma, construída de forma defensiva, carregando os mais variados medos que passam pela vida de qualquer pessoa.

Segundo Dias (2003, p. 85):

“...saúde inclui a capacidade de brincar, que é o protótipo do viver criativo; diz respeito à possibilidade de habitar o espaço potencial e entregar-se aí a uma experiência que está sustentada pela ilusão básica; refere-se igualmente à liberdade de transitar pelos vários mundos que são criados no decorrer do amadurecimento, o que

abarca a capacidade de estabelecer relações com o mundo objetivamente percebido sem muito sacrifício da espontaneidade pessoal”.

Os fundamentos da saúde psíquica winnicottiana estava na experiência de lidar com as tarefas dos processos de amadurecimento, e conseqüentemente , de resolvê-las com sucesso, diferente da saúde psíquica freudiana que se desenvolvia conforme o desenvolvimento das funções sexuais e as conquistas do amadurecimento ocorriam de forma automática.

A cultura, a moral, a arte e a socialização para a psicanálise tradicional derivam da sublimação, dos conflitos pulsionais. O indivíduo é feito de mundo, não tendo lugar para a criatividade originária já que ele, segundo a teoria tradicional, introjetava objetos e depois os projetava. Já para Winnicott, o indivíduo é criativo porque é humano e a sua origem vem da capacidade que qualquer ser humano tem de poder criar o mundo novamente.

Com relação ao conceito de brincadeira, percebe-se também uma grande diferença entre Winnicott e Melanie Klein. Klein acreditava que o brincar expressava os fantasmas das crianças, quer dizer, suas inibições, sendo uma forma de descarga masturbatória, de domínio das angústias e de realização de seus desejos. Para ela, o que mais importava era a finalidade da brincadeira e não o brincar em si. Winnicott, ao contrário, valorizava a essência do próprio brincar, reconhecendo o seu significado clínico por ser uma forma terapêutica, natural da vida e da criatividade.

1.3. O papel dos pais na experiência lúdica da criança

Ao longo desse capítulo, foi abordado o processo de amadurecimento do indivíduo, explicitando cada fase e destacando que à medida que a criança amadurece, ela caminha em direção à independência, quando irá reconhecer-se como um ser interno e externo, tornando-se independente em relação ao ego auxiliar de sua mãe.

Durante esse processo, por meio do brincar, vimos que a criança transforma a sua realidade subjetiva, e essa quando tem sentido, é chamada por Winnicott, de

realidade transicional, em que suas experiências reais acontecem num espaço potencial a fim de dominar angústias, separações e perdas da mãe.

Vimos que essa fase é essencial para que a criança comece gradualmente a se separar de sua mãe, a fim de se ligar mais à sua família e em seguida à sociedade. É de extrema importância que a criança relacione-se de forma objetiva com essa realidade externa sem nunca perder sua criatividade e sua espontaneidade.

A família tem uma participação fundamental para que esse processo ocorra da forma mais tranquila e natural. Quando uma família permanece íntegra e vai se desenvolvendo, as crianças se beneficiam desse ambiente. A família contribui para o crescimento e enriquecimento da personalidade de seus filhos de forma individual.

Como dizia Winnicott (1982, p.151):

“Todos precisam de uma família. (...). A família protege a criança do mundo, mas gradativamente, o mundo começa a entrar. (...). Essa penetração gradativa do ambiente é a forma através da qual uma criança pode, da melhor maneira, lidar com o mundo mais amplo, e segue exatamente o padrão de introdução da realidade externa pela mãe”.

Uma das formas de ajudar nesse enriquecimento é que os pais (sejam eles mãe, pai, avós, tutores) participem cada vez mais da vida de suas crianças, agindo como aquele que ensina a fim de que se tornem um modelo de identificação.

As crianças não aprendem simplesmente porque imitam, mas porque querem fazer o mesmo que o outro faz. Elas aprendem a fim de se parecer com quem elas amam e com quem as ama para serem aceitas como semelhantes. Sendo assim, depois, fica mais fácil para elas, ter o desejo de se diferenciar de seus ensinantes sem carregar tanta culpa.

A participação dos pais logo nos primórdios da vida de uma criança é de suma importância para seu desenvolvimento. Ao nascer, somos apenas organismos e à medida que somos desejados por aqueles que se constituem como pai e mãe até mesmo a partir do pensamento antecipado deles, passamos a ser corpo. Esses aspectos tanto para a Psicanálise como para a Psicopedagogia ,segundo Fernández (2001,p.132) “são imprescindíveis tanto para estudar os processos de subjetivação

precoce quanto para entender, em particular, as origens das modalidades de aprendizagem,(...) principalmente quando as primeiras marcas ensinantes aprendentes tenham sido de sofrimento”.(ibid.)

Segundo Fernández (2001, p. 133) “... a carícia que o pai ou a mãe proporcionam ao brincar com seu bebê não só constrói corpo para a criança, mas também para os pais”. Ou seja, à medida que se intensifica essa experiência corporal entre pai/mãe e filho, mais se constitui tanto no homem como na mulher o seu papel como pai (homem) e como mãe (mulher), tornando-os pessoas capazes de oferecer aos seus filhos espaços de autoria e consequentemente mais autonomia.

À medida que esse pai se apropria do corpo de seu filho, ele, ao mesmo tempo, se constrói como pai e reconhece na criança um filho. Essa experiência corporal é a porta de entrada para que esse pai se posicione como um ensinante já que ensinar, segundo Fernández “...é pôr o saber em jogo, e isso só se pode jogar partindo do corpo”. (2001, p. 133)

Quando se fala no papel dos pais nas atividades lúdicas das crianças, não só me refiro à importância deles para o desenvolvimento cognitivo da criança como também emocional, à medida que a família traz consigo uma representação de amor, atenção e de um olhar diferenciado.

Conforme Winnicott, os pais carregam com eles sempre um desejo profundo de serem como seus próprios pais, com o intuito de serem adultos. Ao formarem uma família, percebem que precisam ter um ambiente social direto, isto é, relacionar-se com a sociedade que os circunda a fim de construir a sua base familiar.

No entanto, para que essa família mantenha-se integrada é preciso que seus filhos de forma individual também estejam integrados. A criança, de forma individual, à medida que cresce com uma personalidade emocional saudável vai sendo a estimuladora da construção familiar, pois além de dar a sua contribuição pessoal, deposita toda a confiança nos familiares e espera a disponibilidade dos pais a fim de suprir suas necessidades.

Essa relação de construção surge porque os pais começam a identificar-se com seus filhos, as suas próprias capacidades são fortalecidas devido às expectativas que seus filhos têm em relação a eles. Para que essa identificação ocorra, Winnicott destaca que é preciso que esses pais tenham tido uma evolução

suficientemente boa em seu próprio desenvolvimento de personalidade quando eram crianças.

Quando a criança tem a possibilidade de criar e recriar a família por meio do jogo, assimilando sua realidade interna, Winnicott diz que isso significa que a criança está pronta "... a utilizar a família em sua função de rota que leva a uma relação com grupos sociais mais amplos". (1982, p. 154). Esse fato significa que a presença contínua de uma família real possibilita que a criança seja capaz de viver num mundo descoberto, mais amplo, mas que simbolicamente represente o colo da mãe, ou seja, um lugar que lhe remeta segurança e que saiba que existe uma volta à situação que foi rompida.

A família para uma criança pode ser uma referência de acontecimentos passados ou pode ser uma família centrada em si mesma. De qualquer forma, em ambos os casos, é mais fácil para essas crianças fazerem esse caminho de volta.

Com o passar do tempo, a criança irá gradativamente deixar de ter essa reivindicação sobre o pai e a mãe reais, devido ao deslocamento desses pais, pela criança, para o mundo externo. Sendo assim, a família fica solidificada, e cada membro dessa família, de forma individual, terá seus pais reais vivos na sua realidade psíquica interna.

Como vimos no primeiro capítulo, o brincar promove a resolução de problemas e a criatividade, estimulando o desenvolvimento social. A criança, ao brincar, está explorando e criando novos universos, e essas experiências lúdicas são experiências de aprendizagem que ensinam: brincar também é aprender.

As crianças quando brincam com adultos, no caso os pais, tendem a usar os objetos não como reais, mas sim como símbolos de outros objetos, possibilitando que de forma criativa, eles exerçam outras funções, e consequentemente, auxiliam no desenvolvimento do seu pensamento abstrato. Da mesma forma que brincar sozinho é importante, também a presença dos pais nas brincadeiras é importante para o desenvolvimento do pensamento simbólico da criança, desde que essas brincadeiras não sejam comandadas e nem controladas por eles.

Aprender a manipular símbolos e desenvolver o pensamento abstrato é importante para o processo linguístico da criança já que a linguagem, a leitura, a resolução de problemas e outros raciocínios mais complexos são formados por símbolos.

A brincadeira tem que partir do desejo da criança, pois o brincar em si além de ser espontâneo e voluntário, tem de ser divertido. Esse fato não impede que os pais ofereçam limitadas opções às crianças para brincar, porém o fundamental é deixar que elas façam suas escolhas.

Por meio das brincadeiras livres, as crianças não só aprendem a divertir-se com outras crianças, mas também aprendem a ter iniciativa, criando suas próprias atividades. Essa sensação de poder oferece a possibilidade da criança ser líder, comandando seu mundo real ou imaginário de forma independente.

Segundo Dorothy Singer, pesquisadora e professora da Universidade de Yale (apud Hirsh-Pasek, 2006, p. 243):

“Por meio das brincadeiras de faz-de-conta as crianças podem ser qualquer pessoa que queiram e ir a qualquer lugar que queiram. Quando fazem brincadeiras sociodramáticas, aprendem a lidar com sentimentos, a fazer do mundo grande e confuso um mundo pequeno e manejável; e a se tornar competentes socialmente, compartilhando coisas com outras crianças, sabendo dar a vez ao outro e cooperando uns com os outros. Quando as crianças brincam, elas aprendem novas palavras, como resolver problemas e como ser flexíveis. Mas, mais do que tudo, elas simplesmente se divertem”.

Considero muito importante a participação dos pais, pois eles são os primeiros ensinantes e com eles aprendem-se as primeiras interações que ao longo do desenvolvimento se aperfeiçoam. Essas relações estão constituídas na criança, que ao chegar à escola terá uma considerável influência na sua produção como sujeito.

Os pais precisam ter uma postura durante o jogo de não apenas serem aqueles que sabem, mas sim aqueles que aprendem, valorizando suas atividades, suas vitórias e apoiando suas perdas, explicando por conversas que nem sempre se ganha, mas sempre podemos aprender com os erros. Essas situações de ensino pelos pais no brincar, possibilitam que os filhos avancem um pouco mais do que se o fizessem sozinhos. O desafio de ir mais além motiva e amplia as habilidades nascentes da criança desde que esteja dentro de suas possibilidades de aprendizagem, dentro de seu alcance e façam sentido no contexto de sua vida

cotidiana. Por exemplo, quando pais brincam com os filhos e estimulam a contar quantos objetos têm no chão, esse fato constitui uma experiência de aprendizagem lúdica em relação aos números.

Quando os pais não respeitam o que a criança é ainda capaz de fazer, oferecendo tarefas muito difíceis, acabam criando frustrações, sentimentos de impotência e podem levar a criança a pensar que não é inteligente, chegando até a deprimi-la.

Essa violação no princípio da aprendizagem dentro das possibilidades da criança pode até levá-la a memorizar, mas não a compreender. Quando não há compreensão, a criança não entra em contato com o conhecimento, pois o aprendizado para acontecer tem que ser autêntico e fazer sentido. Segundo Hirsh-Pasek (2006, p. 295), "... as crianças que são forçadas a memorizar e a mostrar seus conhecimentos aprendem mais pelo desejo de agradar do que pelo desejo de aprender".

Ao se contar uma história para os filhos, os pais permitem que seus filhos escolham os papéis que querem representar, e estarão, dessa forma, mais envolvidos com a história. Quando as crianças tornam-se os donos da história, mais facilidade terão na compreensão do enredo e poderão desenvolver mais habilidades para a aprendizagem da leitura.

Uma relação saudável na dinâmica familiar, em que existem modelos, confiança, apoio, respeito pelo outro e pelas suas emoções, juntamente com as atividades do brincar, são contextos perfeitos para a construção dos processos simbólicos, favorecendo a organização do pensamento, que conseqüentemente, ajudará muito no processo de alfabetização e no aprendizado dos processos lógico-matemáticos no futuro da criança.

CAPÍTULO II: O BRINCAR NA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA

“Aprender é quase tão lindo quanto brincar”

(Fernández, 2001, p. 28)

Lendo o livro “Saber em Jogo” de Alicia Fernández, deparei-me com uma frase mencionada por uma menina de três anos. Lucía (esse era seu nome) que numa conversa com sua irmã de seis anos, queria entender o significado da palavra aprender. Tão logo sua irmã explicou, Lucía respondeu:

- Ah! Aprender é quase tão lindo quanto brincar.

Nessa frase, pode-se observar que há algo que antecede o aprender, que é o desejo, a vontade, o prazer. Assim como o brincar, o aprender pode ser uma alegria compartilhada e uma experiência de satisfação desde que o ensinante e o aprendente sejam ambos responsáveis por essa aprendizagem.

O ensinante é aquele que realiza um trabalho subjetivo e que precisa aceitar que, assim como um objeto transicional, existirá um momento em que o aprendente não precisará mais dele, sendo a prova mais rica de sua utilidade.

Os ensinantes são os pais, avós, irmãos e outras pessoas da família, assim como os professores e integrantes de uma escola. O ensinante é aquele que vai além de sua qualidade pedagógica, além daquele que auxilia na construção de conhecimentos. É aquele que constrói uma relação que permite o acesso à subjetividade do aprendente possibilitando que esse tenha um lugar de sujeito pensante e criativo.

Ensinar não é fazer pelo outro e sim colocar-se ao lado desse, prestar atenção, compreender aquele que aprende. É importante que o ensinante tenha uma postura neutra e segura de si mesmo e não se apoie e dependa do êxito do aprendente para sentir-se realizado e feliz. Além disso, o ensinante deve ter o seu próprio gesto na direção ao aprender.

É fundamental que na relação ensinante e aprendente haja uma responsabilidade compartilhada em que ambos estejam juntos no desafio de aprender e ensinar.

Brincar e aprender podem dividir o mesmo espaço, mas processam-se de formas diferentes. Segundo Fernández (2001, p. 36) “Brincando descobre-se a riqueza da linguagem; aprendendo, vamos apropriando-nos dela.”

Enquanto que por intermédio do brincar, novas histórias são inventadas, o aprender permite sermos nós os criadores da nossa biografia. Além disso, para que se aprenda é preciso que haja uma inclusão de “como fazer” ensinado por outro, ou seja, é preciso que se aceite o aprendizado, e essa aceitação limita a urgência do desejar fazer agora, representando assim uma das diferenças entre o jogar e o aprender.

No processo de aprendizagem, além de se construírem autores do ato de ensinar e de aprender, essencialmente se constrói o próprio sujeito. No entanto, esse processo de construção nem sempre é fácil de se seguir pois junto com o desejo de conhecer há o medo de enfrentar as responsabilidades que a autoria tem.

Segundo Fernández (2001, p. 34): “O desejo de conhecer (a pulsão epistemofílica) supõe o contato com a carência, com a saída da onipotência”. Muitas vezes os problemas de aprendizagem decorrem da dificuldade em entrar em contato com a própria fragilidade humana, vivendo num mundo que o exime de responsabilidade e, conseqüentemente, de sua autoria.

Uma das intersecções entre o aprender e o jogar está quando, por intermédio do jogo, se adquire para si o conhecimento do outro. Esse jogo, como demonstrei no Capítulo 1, refere-se não a um produto, e sim ao processo que Winnicott chama de espaço transicional, entre o dentro e o fora.

É nesse espaço transicional que a aprendizagem ocorre, isto é, é dentro desse processo que se cria, que se transforma o objeto, segundo a experiência de cada um, e conseqüentemente, se deixa transformar pela inclusão desse objeto.

A área de jogo na prática clínica psicopedagógica é um espaço em que tudo é permitido, as ideias e movimentos das crianças são lançados, de forma espontânea e criativa, cuja finalidade é compartilhar a confiança e ajudar o paciente a recuperar sua autonomia e o prazer perdido de aprender.

Quando um paciente brinca nesse espaço de confiança, ele está se mobilizando, pois para jogar é preciso de um outro, e a partir desse movimento é que se modifica a rigidez das modalidades de aprendizagem sintomáticas ². -

Ao jogar, segundo Winnicott a criança expressa agressões, adquire experiência, controla suas ansiedades, usa de sua criatividade e identidade, entra em contato com a aprendizagem e estabelece contatos sociais como integração do prazer e da personalidade.

Esse momento durante o diagnóstico, denominado de Hora do Jogo, é de extrema importância, pois é nesse espaço que a criança se mostra, se oculta e se esconde. É importante ressaltar que esse momento é diferente daquele durante a intervenção, quando a criança joga para mostrar como pode jogar.

Como vimos, o espaço de aprender e de jogar são coincidentes, e ambos requerem três momentos, nessa ordem: um material, uma organização e uma integração. Quando uma criança apresenta em sua estrutura um problema de aprendizagem, apresenta dificuldades e graus variados nos dois primeiros momentos e não consegue chegar ao terceiro, que é o de apropriação.

Para Fernández (1991, p. 117) “aprender é apropriar-se” e essa apropriação é tanto objetivante como subjetivante. Objetivante significa quando diante de um objeto é possível apropriar-se dele por meio da classificação, seriação e inclusão em alguma estrutura de classe e hierárquica, e subjetivante trata-se do desejo de apropriar-se desse objeto incluindo-o de forma metafórica.

A Hora do Jogo, segundo Fernández (1991, p. 168) “permite observar a dinâmica da aprendizagem”. Por meio do brincar, da atividade lúdica é possível que aconteça o desenvolvimento das significações de aprender e que se compreenda o que pode ter levado a criança a ter uma patologia no aprender.

² O sintoma na modalidade de aprendizagem decorre de uma situação onde o aprendente não pode se aproximar ou reconhecer a existência de um segredo, crendo, não ter o direito de saber sobre o oculto. Há uma culpa por conhecer tanto do aprendente como do ensinante. Por não poder apropriar-se, o aprendente anula ou culpa por conhecer tanto do aprendente como do ensinante. Por não poder apropriar-se, o aprendente anula o desconhecido, que gera o fracasso da simbolização, e por consequência a modalidade fica enrijecida, impedindo ou dificultando a aprendizagem de certos pontos da realidade.

Como diz Fernández (2001, p. 36), “Jogar é pôr a galopar as palavras, as mãos e os sonhos. Sonhar acordado, fazer dos sonhos textos visíveis. (...). Sendo assim, aprender está justamente em arriscar-se a tornar esses sonhos reais”.

Brincar é um caminho de aprendizagem na vida das crianças. É algo livre, inesperado e transformador. É uma atividade social e cultural, não é nem genético e nem inato, mas um processo de construção social para e pela criança.

Quando se brinca, vários aspectos da história de construção do próprio sujeito são articulados como: os aspectos biológicos, cognitivos, sociais e afetivos sem que isso lhe seja solicitado externamente a não ser pela própria espontaneidade que a brincadeira cria.

Para Paín, o jogo da criança possibilita obter informações do que está em processo de construção e elaboração dos esquemas que organizam e integram o conhecimento em um nível representativo.

Conforme Weiss, o uso das situações lúdicas durante o diagnóstico: “... é mais uma possibilidade de se compreender, basicamente, o funcionamento dos processos cognitivos e afetivo-sociais em suas interferências mútuas, no Modelo de Aprendizagem do paciente”. (2008, p. 74)

Retomando Paín, a atividade lúdica é formada por três aspectos da função semiótica: o jogo, a imitação e a linguagem. A realização desses aspectos, por meio da fantasia, possibilita uma aprendizagem adequada, pois a partir dela é que são construídos os códigos simbólicos e signálicos e também processados os paradigmas do conhecimento conceitual.

Analisando cada um desses aspectos, vê-se que primeiramente o jogo é reconhecido como uma atividade de predominância assimilativa no qual a criança exercita seus esquemas simbólicos, atribuindo características ausentes a um objeto presente, mantendo entre eles uma relação motivada. Na prática, é quando na brincadeira da criança ela usa da sua criatividade para modificar um objeto em nível representativo, simbolizando-o, por exemplo, quando ela transforma uma lata de sardinha em um carrinho.

O segundo aspecto é a imitação. A imitação expressa aquilo que foi assimilado da realidade e é de extrema relevância, pois revela uma ação postergada ou seja:

[...] internalizada como imagem, que permite à criança realizar ações simbólicas sobre objetos simbólicos que têm por base o seu próprio corpo. Quando uma criança “faz que bebe de uma xícara” levando um cubo que tem na mão à boca e lavantando o queixo, representa simbolicamente o ato de beber, internalizado como esquema. Às vezes o corpo da criança é utilizado para imitar certos movimentos alheios ou mecânicos, como por exemplos, os eixos de um trem [...]. (Paín, 1985, p. 51)

O terceiro aspecto explicitado por Paín é a linguagem presente no jogo como um modo de substituição dos movimentos difíceis de mobilizar de forma material. À medida que a criança cresce, a linguagem vai cada vez mais tomando conta da cena até tornar-se o único agente da fantasia expresso pela narrativa.

Quando se abre durante o diagnóstico um espaço para brincar, Weiss diz (2008, p. 75), “... está possibilitando um movimento na direção da saúde, da cura”, pois as crianças ficam mais espontâneas e se revelam em seu fazer enquanto brincam.

O brincar no espaço psicopedagógico possibilita que se observe em qual modalidade de aprendizagem a criança se encontra (processos de assimilação-acomodação) assim como, permite que se analise como essa criança argumenta e constrói uma história e o quanto o seu conhecimento consegue organizar o seu mundo simbólico.

Mas, é importante lembrar que é nesse espaço psicopedagógico (o de confiança, o de jogo) que o olhar e a escuta psicopedagógica acontecem e como psicopedagogos, é fundamental saber ouvir essas falas, olhar esses gestos e compreender suas dramatizações durante suas brincadeiras, pois essas só ocorrem ali, nessa atividade lúdica, pois é a forma que a criança, na infância, tem de se comunicar, de ser e de estar no mundo.

Essa escuta e olhar do terapeuta pode ser comparada ao que Winnicott chamava de holding, à medida que elas não têm a intenção nem de qualificar e nem desqualificar o paciente, e sim de permitir que esse fale e seja reconhecido para que possa se transformar, possibilitando que o sintoma, a inibição ou o fracasso escolar consigam ressignificar-se.

2.1 O brincar como espaço de autoria

“Os deuses gregos riam, também, porque se sentiam criadores, pela alegria que dá o contato com a autoria e o jogar é um dos alimentos imprescindíveis para experienciar a autoria e criar”.

(Fernández, 2007, p. 100)

O brincar é a primeira experiência de autoria, pois é um fazer sem ser cobrado de exigências e sem a solicitação de outra pessoa. O brincar é uma forma de transformar a realidade do objeto aceitando os seus limites.

Brincando a criança descobre o seu espaço de autoria, de autonomia e é quando ocorre a construção do conhecimento.

Segundo Winnicott, desde bebê quando se usa a voz para fazer os balbucios ou se faz os movimentos dos pés sobre o colchão, já são demonstrações de experiências de autoria que irão inaugurar o pensamento.

Quando uma criança brinca, ela está construindo e reconstruindo sua história e seus personagens permanentemente.

Fernández define a autoria como “o processo e o ato de produção de sentidos e de reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção”. (2001, p. 90)

O pensamento não acontece de forma autônoma, ele se dá por meio das ligações, que o sujeito tem com o desejo de aprender e com os limites do real. Sendo assim, o sujeito é autor do seu pensamento na medida em que existe a possibilidade de escolher e de decidir.

Quando o sujeito não se reconhece autor, evitando o conhecimento e a aprendizagem e escondendo a inteligência, é preciso que nós psicopedagogos propiciemos um espaço de ação que facilite essa autoria de pensamento.

Por meio de uma intervenção psicopedagógica, é possível que se abram espaços de autoria de pensamento não só para as crianças atendidas, mas para os adultos que estão em torno dela, no papel de ensinantes.

Para que aconteça o brincar e sua autoria, é preciso que o psicopedagogo esteja disponível, sem exigências, diante de uma situação ameaçadora que essa criança possa ter em estar sozinha; ou seja, ambos podem trabalhar juntos para que exista o espaço transicional, (“entre”) que possibilite que ela consiga ser capaz de estar a sós na presença do outro para tornar-se criativa e livre para descobrir seus interesses.

O brincar provoca o pensamento por meio dos desafios presentes nas situações lúdicas, propiciando descobertas e dando estímulo para se auto-expressarem. O jogar possibilita que os sonhos sejam visíveis e aprender, além de propiciar a autoria, permite que esses sonhos sejam possíveis.

Segundo Fernández (2001, p. 107), “... o espaço de jogar-brincar é o que conecta com a autoria, com o prazer do domínio”.

Dentro da abordagem psicopedagógica, o brincar da criança possibilita que se descubram alguns significantes que levam às ideias inconscientes sobre o aprender. Além disso, depois de jogar, é importante que a psicopedagoga dê um espaço para se falar do que foi jogado, pois, ao se fazer um relato, tem-se uma forma de tornar pensável o que aconteceu na inter-relação com o outro.

Aprender não é uma forma de abandonar o passado, pelo contrário, é uma forma de utilizá-lo para criar o novo, numa dimensão de devir. Quando há o reconhecimento dessa passagem de tempo, do processo que o ajudou a construir, remete-se assim à autoria.

Para que um sujeito aprenda e torne-se autor é preciso que ele se historie, que signifique o mundo de forma ativa.

A adolescência é uma fase não apenas de elaboração de luto como se pensa, quando se perde a inocência da infância, e sim um dos períodos mais importantes pelo qual o sujeito percorre o seu passado e a partir dele, constrói-se.

Essa construção é uma forma de reconhecer-se, quando ele faz o seu próprio relato e não mais como na infância quando seus pais e/ou cuidadores eram os autores de sua história. Esses dados que lhe foram transmitidos como fotos, relatos e recordações, são de extrema importância para sua construção, mas esse é o momento em que ele será o próprio autor.

É muito rico na brincadeira que cenas sejam inventadas, pois dessa forma o relato está sendo criado e posteriormente, serão recordados, recuperados para produzir algo novo.

O processo de aprendizagem é justamente ressituar-se diante desse passado cheio de recordações e memórias para construir os espaços de autoria e poder se colocar no futuro.

A ressignificação da história nunca finda. Por ser um trabalho de construção e reconstrução permanente, o sujeito só preserva a sua autoria, em modificações que possam ocorrer, quando não coloca em perigo essa permanência, que precisa transmitir a sua história para ser coerente e quando o relato que se escreve tenha sentido para ele.

Essa parte permanente a que Fernández se refere vai se estruturando e se mantém para em seguida buscar o novo. Quando uma criança joga, ela está construindo e reconstruindo e tudo está em movimento. O presente vai sendo desfeito para que outro presente seja introduzido.

O autor é aquele que mostra em sua obra algo de novo dele (que ele próprio desconhecia) antes de ser modelada; é descobrir-se e ao mesmo tempo fazer-se diferente e é aquele que deixa sua marca, que será a mesma, assim como o gesto.

As palavras ao serem escritas manualmente sobre o papel, representam as marcas pessoais do sujeito e é por meio dela que pode-se detectar alguns problemas de aprendizagem como uma disgrafia, uma disortografia, por exemplo. Percebe-se assim que a escrita é uma forma visível de pensamento e também um gesto que relata aquilo que foi aprendido.

A autoria de pensamento requer uma agressividade saudável, uma diferenciação e um reencontro com o outro, a fim de que não perca nunca o desafio de conhecer o novo sem perder a possibilidade de relacionar-se com o antigo e também, de olhar para o novo como um diferente não-conhecido.

Entretanto, vive-se numa época cuja velocidade é predominante, o produto já vem criado para as crianças e todo esse excesso de estímulos externos limita, empobrece a capacidade de suas narrativas, gerando mais acomodação pela imitação do que pela aprendizagem. Quanto mais cedo a criança estiver exposta a esses tipos de jogos, em que não há espaço para que situações novas sejam inventadas, podendo ser levada ao que Winnicott chamava de acatamento, cuja

transicionalidade na constituição psíquica e o desenvolvimento da imaginação podem sofrer alterações.

Por isso, é imprescindível cada vez mais nos dias de hoje, que essas crianças autorizem-se a ressignificar sua história sem perder a sua recordação do passado e sem que os pensamentos fiquem restritos apenas às vivências que foram possibilitadas.

Quando os pensamentos ficam limitados, cultivam-se as experiências não vividas, que nada mais são do que lembranças contadas por terceiros, e não sua própria história.

Diante disso, é preciso abrir espaços lúdicos no pensamento para que a inteligência possibilite que o sujeito construa sua autoria, expresse e reelabore suas percepções, imagine e experimente diversas emoções e lide com os conflitos para aprender e desenvolver-se.

CAPÍTULO III: UMA INTERVENÇÃO A PARTIR DO BRINCAR: ENTREVISTAS COM OS PAIS

“As crianças são muito criativas quando têm a chance de brincar sozinhas. Em uma área segura, sob a supervisão de um adulto e com alguns brinquedos como bolas, baldes de areia, roupas velhas e outras coisas do tipo, as crianças se divertem muito inventando suas brincadeiras”. (Elkind, 2004, p. 60)

Com o objetivo de pesquisar na prática o tema brincar e sua importância no desenvolvimento emocional da criança, além de me basear nas pesquisas bibliográficas, achei de suma importância fazer entrevistas com os pais de crianças, já alfabetizadas, para que contassem como foi o brincar em suas vidas, como foi nas gerações que os antecederam, e nos dias de hoje, como é o brincar com seus filhos.

Segundo Severino (2007, p. 124) as técnicas de pesquisa “... são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas”.

A entrevista é uma técnica em que se coletam informações de forma direta com os sujeitos pesquisados havendo uma interação entre o pesquisador e o pesquisado. É uma forma de se obter dados por meio do que o sujeito pensa, sabe, representa, faz e argumenta.

As entrevistas foram realizadas com dois casais e eram estruturadas, ou seja, entrevistas em que as questões são dirigidas e pré-estabelecidas. Esse tipo de entrevista assemelha-se ao questionário, mas sem a impessoalidade desse e durante o processo, eu intervinha, discretamente, em algum assunto abordado, a fim de estimular o expoente de forma que o informante ficasse à vontade para expressar suas vivências pessoais. Por meio das questões diretas, é possível ter respostas mais categorizáveis e se necessário, fazer comparações.

Todas as entrevistas foram gravadas e realizadas na residência dos informantes. Posteriormente, essas entrevistas foram transcritas por um profissional especializado cujo material encontra-se anexo.

As entrevistas consistem de 17 perguntas, sendo que dependendo da resposta do entrevistado, algumas inserções foram feitas, a fim de obter mais dados de sua história de vida em relação ao brincar.

As 17 perguntas estruturadas das entrevistas foram as seguintes:

- 1) Quais foram as primeiras brincadeiras das quais vocês se lembram?
- 2) Até que idade vocês acham/lembram que brincaram?
- 3) Com quem vocês gostavam de brincar?
- 4) Com quem vocês realizaram as brincadeiras mais significativas?
- 5) Vocês inventavam as brincadeiras? Quais e como?
- 6) Vocês brincavam sozinhos?
- 7) Quais eram os seus espaços de brincadeira?
- 8) Vocês brincavam com a sua família? Com quem?
- 9) Com quem mais vocês brincavam além deles?
- 10) Seus pais contavam do que eles brincavam quando eram crianças? Que tipo de brincadeiras eram?
- 11) Como vocês veem o brincar ao longo de suas vidas?
- 12) Como vocês definem o brincar hoje?
- 13) Vocês acham importante o adulto participar das brincadeiras com as crianças? Por quê?
- 14) Vocês brincam com seus filhos? De que forma?
- 15) A que horas vocês mais brincam? Quanto tempo duram essas brincadeiras com seus filhos?
- 16) Onde vocês brincam com seus filhos?
- 17) Vocês acreditam que brincar com seus filhos é importante para o desenvolvimento deles? Por quê?

1ª Entrevista: Alice e Rogério

O primeiro casal entrevistado tem dois filhos, uma menina de treze anos e um menino de oito anos. A mãe chama-se Alice, tem 40 anos e é juíza, e o pai chama-se Rogério, tem 43 anos e é advogado. A entrevista foi realizada na casa deles e durou cerca de 40 minutos.

As lembranças bem marcantes de Rogério foram bem enriquecedoras para esse trabalho, pois, por ser extremamente envolvido com sua história, detalhou tanto a sua infância como a de seus pais.

O brincar para ele foi muito divertido. De uma família de seis irmãos, Rogério morava em uma casa com um terreno grande que o possibilitava realizar brincadeiras ao ar livre como: subir em árvores, jogar futebol usando o bambu do vizinho para fazer a trave do gol, andar de bicicleta e brincar de caça-ladrão.

As pessoas com quem ele mais gostava de brincar, na infância, eram seus amigos de rua, pois há quarenta anos não havia tanta preocupação com segurança. Tinha alguns amigos de escola com os quais brincava, mas naquela época não era muito comum, como nos dias atuais, ficar frequentando a casa dos amigos. No caso dele, essa frequência era uma ou duas vezes por semestre.

Seus amigos de brincadeiras eram mesmo os seus vizinhos e os amigos da rua onde morava.

Adorava inventar as brincadeiras com o brinquedo chamado Fort Apache e de inventar notícias, por meio um circuito de rádio, construído com fio de arame de varal, pregos e um carro de madeira.

Mesmo com vários irmãos, não era sempre que eles podiam brincar com ele porque algumas brincadeiras não os agradavam ou por estudarem em horários diferentes. Recordou-se de brincar de jogar bola ou andar de bicicleta no quintal sozinho.

Inicialmente, Rogério relatou que gostaria de ter sido filho único, como sua mãe foi, pois não conseguia com tantos irmãos, ter uma atenção única. No entanto, quando se deparou sozinho, devido aos horários diferentes, odiou esse fato, chegando a usar o termo desesperador e cruel. Descobriu, que estar só em uma família enorme, era assustador para ele.

Diante desse comentário, lembro-me de Dias: segundo o pensamento de Winnicott, o bebê em algum determinado tempo irá criar a externalidade do mundo e terá capacidade de relacionar-se com essa realidade externa, sem que, no entanto signifique uma ameaça para o si-mesmo pessoal. Para Winnicott, é preciso que durante o processo maturacional, na sua fase inicial, a forma como o mundo foi apresentado não implique na perda da realidade subjetiva.

Percebi que Rogério teve uma infância bastante agitada, mas sem ter momentos em que pudesse ficar só consigo mesmo. Segundo Winnicott, a capacidade de ficar a só é “... um dos mais importantes sinais de maturidade no desenvolvimento emocional”. (1982, p. 53). A capacidade de ficar sozinho surge quando existe um ambiente interno estabelecido, tornando possível o estado de não-integração que para um adulto corresponde ao estado de relaxar.

Seus espaços de brincadeira eram basicamente fora de sua casa (na rua, no quintal). Dentro de casa, os brinquedos ficavam guardados em uma caixa, dentro dos armários.

Com relação à família, Rogério falou muito da presença de sua mãe nas brincadeiras de roda, nos jogos de carta e nos jogos de tabuleiro, como o War. L

Lembra-se de sua mãe colocar disquinhos de vinil, para eles ouvirem as histórias infantis nas vitrolas da época. Seu pai, no entanto, não era uma pessoa que gostava de brincar.

Seu avô participou também de sua infância como organizador das brincadeiras. Apitava os jogos de futebol, e fazia o papel de guarda de trânsito das bicicletas.

Sua mãe compartilhou com ele momentos difíceis da infância dela, como o ressentimento que tinha das suas amigas. Por ser filha única e não ter outra criança para brincar, dentro de casa, convidava suas amigas para ir à sua casa. Entretanto, se aborrecia muito com essas amigas, pois como seu pai a enchia de presentes, percebia que essas “amigas” só iam brincar com ela por causa dos brinquedos. Outra pessoa da família que Rogério recordou-se foi sua tia-avó, que jogava basquete na década de 1920.

Vimos o quanto Winnicott abordou a importância da singularidade de cada ser humano a fim de que se sinta vivo, e também a importância da presença de outras pessoas para que ocorra o acontecer humano, enfatizando o agir como uma

maneira de agir no mundo. Nesse caso, podemos dizer que por meio da memória transgeracional o mundo ganha sua permanência.

De forma criativa e singular, o gesto do bebê leva a encarnar a memória do seu grupo cultural, ou seja, carrega em sua memória, a boa maternagem como também as suas falhas.

Deve-se lembrar que, segundo Winnicott, a “mãe suficientemente boa” não existe sem os outros, ou seja, tem origem na mãe, no pai, nos ancestrais, nas características sociais e culturais de sua época.

À medida que o bebê apropria-se do corpo de sua mãe como sendo o seu, ele organiza-se de acordo com as características étnicas do seu grupo cultural. A partir desse fato, pode-se dizer que o ser humano é a memória étnica de seus ancestrais.

Com o passar dos anos, os aspectos étnicos da criança vão se desenvolvendo e sofisticando-se por meio da convivência dessa criança com pessoas do meio ambiente. Essa memória é muito importante, pois possibilita à pessoa que tenha e organize sua própria subjetividade.

Segundo Rogério, todas as suas brincadeiras aconteceram até os seus dez anos de idade. Mesmo com o crescimento, ele acredita que o brincar em si não acaba, apenas muda-se a forma de brincar.

Essas brincadeiras foram as que propiciaram as aptidões que ele tem nos dias atuais, sendo uma lembrança muito prazerosa quando revisitada. Ele acredita que muito do que ele sabe fazer hoje advém dessas experiências do brincar.

Quanto às crianças de hoje, ele ressalta que a forma de brincar é diferente, pois as pessoas não têm mais o mesmo espaço de brincar como antigamente e, por isso, não desenvolvem habilidades para brincar de uma forma diferente.

O brincar, como era antigamente, “é natural nas crianças, como o gato que fica atrás do novelo de lã, por exemplo” (sic). O brincar é um atrativo que a natureza oferece, e que a criança tem desde o começo de sua vida.

Winnicott chamou o brincar “... de experiência e uma experiência satisfatória de brincar” (1982, p. 78), em que a criatividade juntamente com o lado cognitivo, permite que o indivíduo alcance a independência para que possa interagir com o mundo. Segundo o autor, o brincar é uma alternância entre o autoenriquecimento com a descoberta do significado das coisas.

Quando questionado sobre a importância de um adulto participar das brincadeiras com as crianças, ele não deu uma resposta precisa, mas disse que para ocorrer deve existir de fato uma vontade real do adulto em participar. Acredita que é preciso que o adulto resgate a criança que foi um dia para que possa brincar com o outro.

Por outro lado, ele também afirmou que é preciso entender que quando um adulto não está com vontade de brincar, aquele momento torna-se uma tortura, assim como quando a criança não tem vontade, ela simplesmente vai embora. Winnicott afirmava (1975, p. 67): “(...). As crianças brincam com mais facilidade quando a outra pessoa pode e está livre para ser brincalhona”.

Conforme Winnicott, mesmo que os pais amem seus filhos e carreguem uma série de sentimentos por eles, as crianças precisam mais dos pais do que o próprio amor que eles dão. De fato, o que as crianças precisam é do que permanece quando são odiados ou quando são odiosos. Como vimos no capítulo 2, a família para o autor é algo que todos precisam ter, pois essa protege a criança do mundo. No entanto, de forma gradativa, o mundo vai sendo inserido na vida dessa criança por meio de outros parentes, dos amigos da escola, dos vizinhos e etc. Na medida em que o ambiente vai penetrando na vida da criança, ela vai aprendendo a lidar com o mundo em sua amplitude e introduzindo a realidade externa.

Há uma passagem de Winnicott em que ele diz que a presença paterna é muito importante, pois, abre um mundo novo para a criança e se tudo vai bem entre o casal a criança consegue construir sua vida mais fácil, conduzindo-a mais docilmente. Quando ele participa do jogo da criança, acrescenta elementos novos e valiosos, e quando ele os retira, a criança vê o mundo através de um novo olhar.

Para Alice, as primeiras brincadeiras mais marcantes foram brincar dentro de uma casinha de boneca que havia na sua escola. Lembrou que nessa casinha havia banquinho, pratinho e mesinha.

O brincar para ela aconteceu até os 12 anos, e principalmente com suas melhores amigas. Essas amigas, diferente de Rogério, eram da escola e filhas de amigos dos pais.

Adorava inventar brincadeiras, em especial, de brincar de cabana que ela montava com cobertor, lençol, toalhas e usava também as portas e as cadeiras.

As brincadeiras que fazia sozinha era jogar “Cinco Marias” e fazia roupas de boneca. Adorava brincar de Suzi (o nome da boneca na época) sozinha.

Os espaços de brincadeira dela eram, principalmente, dentro do apartamento e às vezes, na parte debaixo do prédio.

O adulto com quem mais brincou em sua infância foi sua babá. Com seu pai, ela brincava com jogos de tabuleiro como o War e Leilão de Arte. Com sua mãe, recordou-se apenas de jogar buraco. Não tem nenhuma recordação de histórias do brincar de seus antecessores, pois seus pais não falavam deles para ela.

Para Alice, o brincar ao longo da vida foi um período importante e cheio de lembranças boas. No entanto, a adolescência foi uma fase em que esse brincar acabou.

Nos dias de hoje, mesmo com novos brinquedos no mercado, as crianças não mudaram tanto o jeito de brincar, gostando de brincar como antigamente. Para Alice, se elas não o fazem é por falta de opção.

Em sua opinião, as crianças precisam e devem brincar com outras crianças. O adulto pode ajudar a ensinar a criança a brincar e a estimular o seu desenvolvimento, mas, acredita que isso é mais importante quando elas são muito pequenas, pois ainda não têm condições de brincar com outras crianças, quando ainda não sabem interagir e estão imersas em sua subjetividade. À medida que a criança cresce, essa dependência vai diminuindo e a intervenção do adulto torna-se cada vez menor.

É interessante esse comentário, pois de fato é o papel da mãe “suficientemente boa” propiciar à criança a área da ilusão da onipotência, em que sua comunicação com o seu bebê acontece de uma forma silenciosa, sem o uso de palavras. Segundo Dias, Winnicott afirmava: “... o modo como a mãe olha quando se dirige à criança, o tom e o som da voz, tudo isso é comunicado muito antes que se compreenda o discurso”. (2003, p. 223)

Não importa a comunicação entre mãe e bebê nessa fase, e sim a experiência de cuidados efetivos, ou seja, que demonstre que ela é confiável por saber do que ele precisa. Aos poucos, a mãe vai apresentando à criança o que Winnicott chamou de desilusão, quando ocorre uma desadaptação da mãe com relação ao bebê a fim de que se rompa a unidade indiferenciada mãe-bebê. O bebê

deixa para trás a ilusão da onipotência e começa a perceber que o mundo já existia antes dele.

Essas falhas do cuidado materno durante o processo de separação ocorrem de forma gradual e irão impulsionar, pelo uso da mente, a passagem para a dependência relativa. Esse processo de libertação terá início no estágio da transicionalidade, em que novos riscos e desafios serão enfrentados.

No entanto, é importante comentar que a passagem da dependência para a autonomia precisa sempre estar em aberto, já que deve existir sempre um caminho de retorno, pois por mais inovador e excitante que seja a independência, ela também gera medo, e para uma criança é terrível pensar que não se pode retornar. Essa possibilidade de retornar à dependência e ao mundo subjetivo é uma necessidade sadia eterna para todos nós (criança, adolescente, jovem e adulto).

Na brincadeira com os filhos, Rogério acha que brinca com eles “desde sempre” (sic). Para Alice, as brincadeiras aconteceram mais quando eles eram pequenos, antes de ir para a escola, por volta dos três anos de idade em média. Nessa fase, ela contou que levava as crianças, todos os dias, na pracinha, e eles adoravam brincar com a areia, de bola e de subir em árvores. Para ela, o Rogério brincou muito mais com os dois filhos do que ela.

Entre os relatos, Rogério brincou muito de boneca quando a Júlia era pequena. Alice não gostava de brincar de boneca com sua filha. Achei esse dado interessante, já que no resgate de sua infância, uma de suas brincadeiras preferidas era brincar de boneca.

As brincadeiras de boneca entre o Rogério e sua filha foram muito representativas, pois ele dava vida a essas bonecas, criando um diálogo entre eles por meio da fantasia. Esse “fazer de conta” permite à criança que transite entre a fantasia e a realidade e vice-versa.

As brincadeiras de Alice com Júlia eram mais comuns, pois ela gostava de brincar de massinha, de tinta, e de desenhar com sua filha. Júlia era uma menina mais tranquila comparada ao Arthur, e gostava de brincar de casinha com os pratinhos e as panelinhas, fazendo das plantas a sua comida.

Durante todo o tempo, Alice afirmou que o Rogério sempre foi mais de brincar com o Arthur do que ela e que isso acontece até hoje.

Ficou claro durante a entrevista que o casal depois do nascimento do Arthur (ele e a Júlia têm seis anos de diferença) se dividiram: o Arthur ficou mais com o pai e a Júlia mais com a mãe . Alice disse ter feito mais coisas com a Júlia como montar quebra-cabeça, fazer tricot, bijouteria, e outras coisas de menina, e Arthur, por sua vez, ficou mais próximo do pai.

Júlia é uma menina de quase quatorze anos, e não brinca mais. Já o Arthur, com seus oito anos de idade, mesmo adorando os jogos eletrônicos, ainda para em alguns momentos para montar um Lego, brincar com imã e se diverte quando monta jogos eletrônicos de papel com seu tio.

Segundo o casal, eles brincam com os filhos (mais com o Arthur) basicamente, nos finais de semana, pois durante a semana é difícil devido ao trabalho, ao horário que chegam a casa e à falta de paciência para brincar.

Durante a semana, o espaço do brincar é em casa. Nos finais de semana, eles andam a pé ou de bicicleta pelas ruas do bairro ou no parque.

Nota-se que em consequência das mudanças de hábitos e de como as pessoas levam suas vidas nos dias atuais, ocorre maior restrição com relação ao brincar ao ar livre. Esse fato acaba gerando na criança pouco tempo para brincar e quando ocorre é ou com os pais ou de forma solitária.

Para ambos, a participação deles, durante as brincadeiras de seus filhos, ajudou muito na imaginação, estimulou a criatividade e influenciou seus filhos para um maior apreço pelas Artes (pintura, artes cênicas).

Vê-se então que a participação dos pais e sua integração com os filhos têm uma grande influência no desenvolvimento de suas habilidades. É importante, entretanto, que os pais não se envolvam o tempo todo seja quando as crianças estiverem brincando sozinhas, seja com amigos pois, para a criança ter o olhar do adulto à distancia favorece suas preferências autônomas e auxilia no cultivo de novos gostos.

Winnicott sabia que nem todos os pais são capazes de fazer sacrifícios pessoais até que os filhos atinjam a sua independência de fato. Eles acabam por buscar o rompimento do casamento ou a necessidade de recomeçar outro casamento com outra pessoa. No entanto, ele acreditava que, na sua maioria, os pais eram maduros (como seus pais) para manter uma família.

Esse esforço de construção familiar dos pais traz para eles uma série de benefícios com relação às tendências integrativas da criança. A criança confia e espera a disponibilidade dos pais, em parte, porque existe a capacidade dos pais de se identificarem com os filhos. Essa identificação também é decorrente de uma evolução boa no desenvolvimento da personalidade desses pais quando tinham a mesma idade. Sendo assim, pelo fato de os filhos demandarem e esperarem muito de seus pais, eles fortalecem e trazem à tona as suas próprias capacidades.

2ª Entrevista: Renata e Pedro

O segundo casal entrevistado tem duas filhas: uma menina de seis anos e outra menina de quatro anos. A mãe chama-se Renata, tem 39 anos e é fisioterapeuta, e o pai chama-se Pedro, tem 39 anos e é jornalista esportivo. A entrevista foi realizada na casa deles e durou cerca de 1 hora e meia.

Essa entrevista foi também bastante interessante, pois percebi como as brincadeiras infantis podem influenciar as futuras escolhas profissionais.

Pedro é fascinado por futebol. Suas brincadeiras envolviam sempre esse esporte e tudo que via transformava-se em bola de futebol: um balde, uma bola de papel e uma bola de tênis. Gostava também de jogar queimada já que o objeto principal era a bola.

Duas vezes por semana, Pedro adora jogar futebol com seus amigos. Mas, ele descreveu que esse brincar não é mais puro como antes, e sim uma forma de aliviar o stress e de estar com os amigos. Até os trinta anos, ele armava o campo de futebol de botão, colocava as carinhas (dos jogadores) nos botões e sozinho narrava os jogos.

Essa hora foi bem interessante na entrevista, pois ele disse que era uma terapia para ele na época, pois esse brincar permitia a concentração e ao mesmo tempo era relaxante. Nesse momento, Renata o questiona o porquê de nunca mais ter brincado, pois para ela esse “parar de brincar” o transformou em uma pessoa mais neurótica e nervosa.

Segundo a Revista Mente e Cérebro na reportagem “Brincar é coisa séria” (Melinda Wenner, p.33), as pesquisas têm demonstrado que ao brincar consegue-se

encarar de maneira mais descontraída e menos ansiosa os riscos que o cotidiano oferece. Não significa que se negam os problemas, mas os coloca na sua real dimensão, possibilitando que se enxergue com mais facilidade as soluções, evitando o medo excessivo que a ansiedade em demasia pode trazer como alguns casos certa paralisia ou gerando decisões equivocadas.

Pedro relatou que essas experiências infantis vão muito ao encontro de sua atividade profissional, pois mesmo ele não sendo um narrador de futebol, todo o contexto desse tipo de brincadeira o beneficia até hoje. Por exemplo, quando tem que reconhecer a fisionomia de um jogador, ele nunca se engana e por isso, hoje, ele é o responsável em organizar e conferir o Guia do Campeonato Brasileiro.

Depois dessa recordação, Pedro concluiu que parou de brincar, no momento em que parou de jogar futebol de botão, mais ou menos com vinte e nove anos de idade.

As pessoas que mais brincavam com ele era o seu irmão, principalmente futebol de botão, e um amigo chamado José. Mas, o engraçado é que existia uma excentricidade, pois eles não jogavam um contra o outro e sim um ao lado do outro para que não houvesse conflito, pois cada um tinha um campo de futebol e seus times.

Sua brincadeira mais significativa era brincar de tabelas com seu irmão e com o seu amigo José. Eles imaginavam os confrontos na Copa do Mundo e cada um tinha um papel. José era o goleiro, e ele e seu irmão eram os jogadores dos times. Essa brincadeira envolvia ataques e defesas entre os países e acontecia durante todo o mês.

O espaço de brincadeira para Pedro (tanto para jogar o futebol de botão como para jogar bola) acontecia no corredor de seu apartamento. Também brincava, de vez em quando, no playground do prédio, que segundo ele “era um cimento” no térreo do apartamento. Ele descreveu esse espaço do brincar como restrito e sem verde, e a sua realização e libertação se davam quando saíam de São Paulo, e viajavam para um sítio em Atibaia, onde, além de jogar futebol, ele andava a cavalo.

Quanto à família, Pedro também tem uma recordação maior de seu pai brincando com ele. A mãe tinha a função de gerenciar a casa, de criar vínculos com a família de seus amigos e de acompanhar a lição de casa, e o pai era o que brincava de futebol, que empinava pipa e que descia de carrinho de rolimã.

Descreveu seu pai como mais moleque do que ele, e que tentava o tempo todo ensinar para seus filhos as suas próprias brincadeiras vividas.

Teve também influência de seu avô materno, que era o símbolo da família, o patriarca. Contava-lhe histórias que até hoje ele reproduz para suas filhas. Mesmo sendo uma pessoa mais reservada, também era carinhoso. Ele gostava de conviver com ele, pois além das histórias que contava, trabalhava com marcenaria e brincava de alicate e de minioficina de martelinho.

Com a separação de seus pais, sua avó materna veio morar com eles e teve uma importância fundamental em sua pré-adolescência, pois era uma pessoa vanguardista para os moldes da época: era separada, bebia e fumava.

Segundo Pedro, foi ela que ensinou as noções de beber, de fumar e até mesmo que caminhos seguir. Também seus padrinhos, que eram dez anos mais velhos do que ele, foram pessoas importantes na sua infância e participaram de suas brincadeiras.

Com relação ao resgate da infância de sua mãe, Pedro teve mais informações detalhadas de suas traquinagens e histórias pela babá. Mesmo sua mãe tendo lhe contado que brincava de boneca na infância com as amigas, só conseguiu entender o que isso significava para ela, quando teve suas filhas.

Mais uma vez retomando a questão da transgeracionalidade, é importante lembrar que um self bem constituído significa que a pessoa pode tanto ter em um registro a sua singularidade como também, em outros ela ser muitos, isto é, carregam com ela seus ancestrais, sua história com todas as pessoas que a auxiliaram com presenças atuais ou simbólicas na constituição de si mesma.

Para Winnicott, uma pessoa é ela mais suas experiências culturais. Cultura é o lugar em que se encontram experiências sobre a vida de outras gerações e em que se inserem as próprias experiências para contribuir para os outros.

Winnicott afirma que o campo cultural é uma maneira de se dar continuidade à vida das gerações na medida em que transcende a vida pessoal. Da mesma forma que é necessário inserir-se na vida social, é fundamental para o indivíduo que ele contribua, não só com seu aspecto pessoal, mas com a herança cultural da humanidade por meio das gerações, seja pelos filhos, pela história, por ações políticas e etc.

Segundo o autor (1975, p. 139), “... as experiências culturais estão em continuidade direta com a brincadeira: a brincadeira daqueles que ainda não ouviram falar em jogos”.

Assim como o brincar, a experiência cultural localiza-se no espaço potencial que existe entre o indivíduo e o meio ambiente, e é nele que estão as primeiras experiências de vida. O brincar e a experiência cultural vinculam o passado, o presente e o futuro ocupando um tempo e um espaço.

Renata era mais falante durante a entrevista e também passou ricas informações sobre sua infância.

Ela gostava de brincar de espiã e vestia-se com a capa de seu pai, gostava de usar aqueles óculos com nariz e simulava ser um detetive. Depois dessa fase, logo que aprendeu a ler, gostava de ir à biblioteca e pegar livros que ensinavam códigos secretos e escrevia mensagens de uma forma que só ela poderia entender.

Renata também gostava de brincar de boneca, e nessas brincadeiras ela queria ser sempre a menina pobre, coitada, mas linda, como a gata borralheira. Segundo ela, sua irmã representava o papel da dona-de-casa e ela era a faxineira.

Essas brincadeiras livres, em que a criança usa a imaginação e exerce novos papéis e atividades é uma forma de a criança desafiar o novo e exercitar sua flexibilidade de lidar com o inusitado. Ao brincar, a criança expressa suas angústias e medos e de forma inconsciente ela busca outras forma de assumir o controle de seus sentimentos.

Recordou-se bastante de que suas brincadeiras eram muito corporais, quando corria para subir um muro alto, pulava em uma piscina pequena, e tinha uma coleção de bola de gude que levava para todo lado.

As brincadeiras de movimento permitem que a criança administre novidades e surpresas, e ao mesmo tempo, representam um exercício de coordenação entre sentidos e movimentos.

Correr, pular e dar cambalhotas, além de darem prazer e serem formas de descarregar as energias revelam situações de competição, favorecendo a comunicação indireta, isto é, por intermédio de sinais a criança consegue se inserir em um grupo tendo a possibilidade de ser notada pelos outros.

Dessa forma, a criança aproxima-se do mundo de forma leve e o explora sem receio, desempenhando vários papéis que a auxiliam na socialização e na aprendizagem.

Renata brincou bastante com seu amigo imaginário, uma pessoa (sem nome) que sempre a observava, e era como se fosse uma minifadinha. Gostava também de fingir que estava dançando em um palco e tinha adoração em imaginar coisas com miniaturas, como se fossem mundos pequenos que para ela na época era claro, e que hoje ela não consegue explicar ao certo o que significava.

Brincadeiras teatrais além de divertirem, aprimoram os papéis sociais, revelam as fantasias, os receios e facilitam a cooperação.

Para Renata, o brincar acabou quando tinha doze anos. Não brincava mais com suas amigas e irmãs, pois, nessa idade o que tinham eram mais conversas. Ela brincava bastante na infância com sua irmã mais velha e por serem de idades próximas (diferença de um ano e meio), ela era a pessoa com quem gostava de fazer tudo.

Quanto a inventar as brincadeiras, Renata disse que era o tempo todo, e que não se recorda de ter muitos brinquedos. Adorava inventar personagens e representar papéis. A brincadeira mais marcante para ela foi durante suas férias com sua prima mais velha. Elas fingiam serem “As Panteras” e ficavam espionando os adultos.

O brincar sozinho para Renata era muito presente nos seus jogos de imaginação; para Pedro, além do futebol de botão, ele brincava sozinho de carrinhos imaginando uma corrida de Fórmula Um.

Ao brincar sozinha, por meio do gesto, a criança transforma o mundo em si mesmo, primeiramente o mundo é ela mesma e depois se apropria dele e o compartilha com outra pessoa.

Renata, por ser de uma família numerosa, morava em uma casa grande e os seus espaços de brincadeira eram mais amplos e arborizados. Andava de bicicleta e de patins no quintal e parques com seus pais.

A brincadeira com a família foi muito presente para Renata. Recordou-se que brincava muito com seu pai e com suas quatro irmãs. Tudo o que seu pai fazia para uma, tinha que fazer para as outras. Suas lembranças com ele envolviam muito o

corpo, pois se lembrou de que ele deitava no chão, todas as filhas subiam em seu joelho e que isso era muito divertido.

Brincava com ele do jogo do sério: seu pai gostava de abanar as orelhas para ver quem ria primeiro, e quem fizesse isso, perderia o jogo.

Com sua mãe, as brincadeiras aconteciam mais nas férias, quando iam para a praia. Por ter muitos filhos, rememorou que ela estava sempre atarefada e por isso deixava-a junto com suas irmãs brincarem entre si.

Para Renata, a mãe era aquela que favorecia as brincadeiras e a pessoa que ensinava a fazer coisas: seja jogar saquinho (“Cinco Marias”), fazer desenhos para as filhas e ensinar a fazer enfeites de feltro para decorar a árvore de Natal. Ela também disponibilizava argilas para que pudessem brincar. Já o pai era aquele que participava mais das brincadeiras corporais, montava pipa com elas para empinar, e fazia muita palhaçada quando chegava do trabalho. Seu pai adorava brincar de fazer cócegas em suas filhas, e o toque era uma característica marcante que Renata repete também com suas filhas até hoje.

Além de suas irmãs e primas, seus avós maternos também foram presentes e suas brincadeiras eram, basicamente, jogar cartas. Mas, mesmo que ela não brincasse com sua avó, essa permitia que suas netas acompanhassem a sua vida, como por exemplo, de ficar na cozinha com ela.

Quando a criança se desenvolve e seu amadurecimento vai se apurando, a criança torna-se cada vez menos dependente de obter de volta o eu (self) do rosto de seus pais e de outros parentes próximos.

À medida que essa família permanece íntegra, a criança vai extraíndo benefícios, podendo ver-se nas atitudes de cada membro da família ou da família como um todo. Quando as crianças têm essa oportunidade de ver seus pais e outras pessoas olhando-se a si mesmos, conclui-se o quanto a família contribui para o enriquecimento e crescimento da personalidade de seus membros de forma individual.

Renata recordou-se de sua mãe descrever uma boneca que levava para todo lugar e com a qual era muito agarrada. Única filha com dois irmãos mais velhos e uma mãe autoritária, essa boneca era sua maior companhia.

Quando falamos dessa boneca, fiz uma inferência e perguntei para Renata se ela se lembrava de ter tido algum objeto durante a infância. Renata contou que tinha

aquelas bonecas chamadas “fofoletes” que vinham em uma caixa. Ela as adorava e não se conformou de ter sido convencida a dar as bonecas para outra pessoa. Já Pedro não lembra, mas por meio de relatos e de fotos, sabe que tinha primeiro um lencinho e depois um cobertor.

Foi muito impressionante, tanto para mim como para Pedro, que enquanto ele falava do cobertor, ele fazia o gesto com o dedo, como se estivesse tocando nele da mesma forma como fazia para dormir.

Esse cobertor era denominado para Winnicott como um objeto transicional, isto é, um progresso no sentido da experimentação na jornada do que é subjetivo até a objetividade. Na saúde, segundo Winnicott (1975, p. 18) “... o objeto transicional não “vai para dentro” (...). Não é esquecido. Perde o significado”. Esse objeto, segundo o autor, inicialmente simboliza algum objeto parcial como, por exemplo, o seio da mãe e vai sendo, de forma gradativa, relegado ao limbo.

Ao perguntar como eles veem o brincar ao longo de suas vidas, Renata achou que por ter sido uma menina muito certinha e exigente, poderia ter brincado mais e ter sido menos responsável. A própria escola não a ajudou a sair desse lugar. Recorda-se de brincar na hora do recreio de pega-pega, mas em um determinado momento, ela não sabia mais o que fazer no recreio, não sabia brincar, era como se precisasse ser dirigida. O curioso é que suas filhas estudam na escola onde ela estudou.

Renata comentou que resgatou um pouco esse prazer do brincar quando começou a pintar. “A pintura é como se fosse uma brincadeira em que não precisa se preocupar ‘com o resultado e não precisa ficar bonito. O importante é o prazer que se tem em pintar” (sic). Ela começou a pintar quando estava no terceiro colegial (atual terceiro ano do Ensino Médio).

Esse tipo de brincar que Renata mencionou é muito enriquecedor, pois por meio da manipulação de objetos, no caso, tinta e pincéis, ela consegue criar algo que goste, sem precisar estipular uma meta, um objetivo claro e sem se cobrar de “ficar bonito” e sem obrigação de “fazer certo”. Essa é uma das essências do brincar.

Ela acredita que a brincadeira não pode ser interrompida, uma vez que deve ter um começo, meio e fim. Não se deve interromper uma brincadeira para realizar outra, deve-se deixar que ela termine para que, em seguida, se inicie uma nova.

Ela compara esse “não dar tempo para brincar” com a vida que as crianças (suas filhas) levam, pois tudo tem hora, e quando se vê, a vida das crianças é interrompida o tempo todo.

Renata teve uma infância cheia de atividades extraescolares: aos nove anos de idade fazia aula de patins, de tênis, de inglês e de natação. Por isso, pela sua própria experiência, ela se preocupa em como proporcionar para suas filhas um espaço de brincadeira e quer permitir-se entrar nesse espaço, e não apenas ficar dando ordens de como se deve fazer.

Já para Pedro, o brincar ao longo de sua vida foi mais tranquilo, sem tanta cobrança. Brincava no recreio da escola e era o “dono da bola”. Gostava de organizar os times.

Quando questionados como eles definem o brincar hoje, Renata acredita que para que o brincar aconteça é preciso de um tempo livre. Pedro definiu o brincar como um desligar-se para poder usufruir e compartilhar. Para eles, o que ocorre hoje é a dificuldade de achar esse desligamento e esse tempo para brincar. A preocupação não está no brincar e sim o quanto se está sendo competente, mesmo brincando. Existe uma falta grande da liberdade corporal para brincar, que permite o rolar na grama e o sujar-se. É um autoconhecimento.

As crianças estão sendo desviadas das brincadeiras por dois motivos: pela televisão, pois é uma programação que elas não interagem, e também pelo acúmulo de tarefas e obrigações do dia-a-dia. Para ela, é tudo tão corrido que não há tempo para uma brincadeira ser construída e executada.

Na opinião do casal, para que o brincar aconteça é preciso apenas que exista um ambiente que o favoreça. É possibilitar a criação, a imaginação e a construção da brincadeira.

A importância do meio ambiente para Winnicott é uma forma de mostrar quais os fatores que possibilitam o acontecer humano: o surgimento da subjetividade. Uma criança, segundo o autor, precisa de uma mãe que lhe dê a possibilidade de ter um **holding**, isto é, segurar uma criança de forma que esse entorno seja marcado por pessoas humanas e não apenas a uma corporiedade e sim, que irá dar um ponto de origem na vida humana.

Para Winnicott, a criatividade não é uma capacidade imaginativa que se integra com o mundo e sim a compreensão de que o ser humano se caracteriza pela possibilidade de agir e realizar uma ação por meio do gesto.

Antes, Renata achava que tinha que fazer tudo com suas filhas e sua mãe sempre lhe dizia: "você não deixa as crianças brincarem sozinhas". Hoje, ela entende muito o que isso significa, pois quando começou a se distanciar um pouco das filhas, elas começaram a brincar mais e a terem mais autonomia, sendo mais livres.

Foi muito importante esse comentário, pois segundo Winnicott, pessoas que vivem a onipresença dos pais, vivem também a onipresença dos outros. Esse fato significa que não existe nesse caso, nem espaço, nem tempo e nem lugar privado para estar a sós. Esses indivíduos acabam por tornarem-se pessoas que não conseguem repudiar aquilo que não faz parte de sua subjetividade e nem de destruir o mundo a fim de encontrá-lo em sua permanência.

Essas pessoas acabam por isolar-se como uma forma de fugir da presença constante dos outros. Essa fuga só traz mais angústia; a angústia de jamais ser encontrado.

Para Pedro, é importante o adulto brincar com as crianças, pois é uma referência para elas, e ao mesmo tempo, para o adulto também é, pois o auxilia a sair de uma redoma e entrar num mundo lúdico.

Winnicott acreditava que independente da idade, o brincar criativo auxilia as pessoas a lidarem com o tênue limite que existe entre a subjetividade e a realidade objetiva.

Renata enxerga os dois lados, pois é importante só ter o brincar das crianças e ter o brincar só com o adulto. Ela acredita nisso, pois por meio do brincar, o adulto sai da sua posição daquele que só manda. No momento em que ocorre a brincadeira, o contato da criança com o adulto é tão forte, que esse vínculo será para a vida toda. Esse brincar da criança com adulto traz proximidade, e é um momento em que o adulto também fica mais relaxado e mostra sua autenticidade. Além disso, o adulto pode ajudar e estar atento para que a brincadeira aconteça e também ser uma forma de o adulto contar e ensinar as suas próprias vivências e histórias de sua infância.

O adulto deve ter a sensibilidade de respeitar o espaço da brincadeira e perceber quando é preciso dar um estímulo a mais, seja um desafio, seja propor outra atividade.

Renata brinca muito mais com as crianças do que Pedro. Percebo que ele tem uma dificuldade em entrar nesse universo feminino, sendo extremamente desafiador para ele.

A forma com que Pedro consegue ter contato com as meninas é por meio de histórias que ele conta, de faz-de-conta, do afeto e de prestar atenção no que elas querem em um determinado momento. Ele preza bastante a questão do relacionamento.

Para ele, a Renata consegue, além de todas as atividades necessárias da rotina, fazer o que a mãe dela fazia, uma vez que proporciona o lúdico nos diferentes tipos de brincadeiras: desde brincar de pega-pega, de dar cambalhota como desenhar com elas.

Pedro fez questão de enfatizar que ele não brinca com suas filhas, mas sim se relaciona, conversa e preocupa-se com elas. Os momentos em que ele consegue ter esse contato são de manhã, quando ele leva a filha mais velha para escola a pé.

O lugar em que eles ficam mais próximos das filhas é quando viajam para Atibaia. Eles viajam quase todo o final de semana para lá e ele denominou esse lugar de “refúgio”. Pedro odeia morar em São Paulo, odeia ir ao Shopping, ao parque, e ao teatro.

Dentro de casa, o lugar que elas mais brincam é na sala e quando é verão, eles gostam de levá-las para passear na Praça Pôr do Sol.

Em termos de desenvolvimento, para eles o brincar favorece a sociabilidade, e estimula o conhecimento. Eles defendem que deve se respeitar as brincadeiras das crianças, tomando muito cuidado para não impor a elas somente as condições dos adultos.

Emocionalmente, para o casal, o brincar auxilia no vínculo entre os pais. Não importando a quantidade de tempo que se brinca, mas a qualidade que se construiu esse relacionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Brincando, as crianças são livres para pensar, sonhar, juntar ou ordenar o mundo. E, na magia dos objetos que brincam, podem se reencontrar com os temas eternos: nosso lugar em um mundo ainda tão desconhecido, os mistérios de nossa criação, de nossas relações com as pessoas e coisas, o modo como os adultos que lhes são caros se relacionam com elas e as outras pessoas, como vivem e o que fazem da vida. Nas brincadeiras, as crianças podem construir e atribuir simpatias e antipatias às pessoas e às tarefas do dia-a-dia. Podem aprender sobre o valor da obediência e do respeito para com as pessoas que cuidam delas e que lhes são referências importantes. Podem imitar ou repetir o que quer que seja, de qualquer jeito. Podem construir, a seu modo, a ilusão de um mundo e de uma vida que elas desejam para si ou para as pessoas e coisas que lhes são caras. Podem chorar ou simbolizar a morte, o nascimento, o medo do desconhecido, as alegrias e os desafios implicados na realização de um projeto”.

(Macedo, 2006, p. 12)

Por meio da teoria de Winnicott, o brincar tornou-se para mim algo mais amplo, vai além do desenvolvimento cognitivo, pois permite que os indivíduos possam “transitar” entre a área da subjetividade, que podemos denominar de

fantasias, sonhos e desejos e a área da objetividade composta por objetos da realidade externa.

Quando se brinca, criam-se sempre novos significados possibilitando por meio dos gestos espontâneos que o indivíduo seja criativo.

O brincar é terapêutico em si mesmo, pois é uma forma natural e criativa do indivíduo de se expressar. Por isso, como Psicopedagogos é mais importante observar como a criança brinca, do que no uso simbólico que essa criança faz do brincar, pensar por que ela está brincando de determinada forma.

Essas duas entrevistas ajudaram-me também a concluir a mudança dos espaços de brincadeira ao longo dos anos e a falta de tempo para brincar, seja por ter muito trabalho, pouca paciência e muitas atividades extracurriculares.

Percebi pelos relatos que não se brinca mais nas ruas, pois sendo o tráfego cada vez mais caótico, torna-se um desafio encontrar nos dias atuais um lugar seguro para que as crianças possam brincar. Mesmo assim, os pais devem proporcionar, sempre quando possível, exercícios, brincadeiras e interações para propiciar um desenvolvimento social.

As crianças precisam brincar e os pais precisam deixar que seus filhos sejam crianças, permitindo que vivenciem a infância, não só porque é divertido, mas porque quando negam as alegrias que o brincar propicia, de certa forma, estão impedindo que essas crianças se desenvolvam de maneira intelectualmente inquieta e criativa.

É na infância que existe o aprendizado de colocar-se na posição do outro e de suportar a perda e o risco quando os colegas não querem mais continuar uma determinada brincadeira. Geralmente, como a diversão é mais importante, as crianças aprendem a dispor-se das vontades alheias e diante de uma frustração não desistem, ajudando assim no desenvolvimento da persistência e da sua habilidade de negociação.

Percebi que para os pais, o brincar é visto como algo natural e que precisa em alguns momentos ter o auxílio de um adulto. No entanto, é muito importante, que o adulto saiba respeitar o tempo de brincar da criança, deixando que ela brinque sozinha como uma forma de estimular a sua própria imaginação, vivenciar novas experiências sociais e futuramente ter mais chances de serem adultos que possam enfrentar escolhas difíceis, impasses e até frustrações.

Vi que a presença das famílias nas brincadeiras e todas as histórias que elas carregam também são fundamentais para as crianças, pois podem ter influências para a sua vida toda, tanto no aspecto profissional como pessoal.

Percebe-se que os homens estão participando mais da vida dos seus filhos comparando-se com antigamente, e que os filhos hoje têm mais oportunidade de se expressar do que antes.

A brincadeira é e sempre será uma forma de relacionar-se com o outro assim como, uma forma de se conhecer. É uma maneira de expressar-se de forma positiva ou negativa, e é fundamental para manter a saúde emocional, pois ajuda as crianças a aprenderem a lidar com frustrações, situações de ansiedade, derrotas e ganhos.

As brincadeiras são lembranças que farão parte da vida para sempre e serão resgatadas quando se tem contato com outra criança ou com as memórias vividas.

Tenho uma profunda preocupação com as nossas crianças, que serão nossos adultos do futuro, pois me parece que o tempo para brincar para elas está cada vez mais escasso, devido ao excesso de atividades e à expectativa tão precoce dos pais em ter filhos bem-sucedidos. Espero, não só como psicopedagoga, mas, como cidadã ajudar na valorização do brincar durante a infância.

BIBLIOGRAFIA GERAL

BIANCCHINI, Luciane G.; OLIVEIRA, Francismara N. *O brincar como espaço revelador da experiência ativa da criança e a observação psicopedagógica*.

Disponível em: <http://www.psiquiatriainfantil.com.br/congressos/uel2007/103.htm>

Acesso em: 22 out 2010.

CUNHA, Nylse H. S. *Brinquetodeca: um mergulho no brincar*. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2007.

DAVIS, Madeleine; WALLBRIDGE, David. *Limite e Espaço: uma introdução à obra de D. W. Winnicott* e. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

DIAS, Elsa O. *A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

ELKIND, David. *Sem tempo para ser criança: a infância estressada*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artmed, 1991

_____. *O idioma do aprendente: análise de modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____. *O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento*. Porto Alegre: Artmed. Editora, 2001.

_____. *Psicopedagogia em Psicodrama: morando no brincar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FORLENZA NETO, Orestes. *Constituição do si-mesmo e transicionalidade. Coleção memória da Psicanálise: Winnicott: v.5*. São Paulo: Duetto Editorial, 2009.

FRIEDMANN, Adriana. *A arte de brincar*. São Paulo: Scritta, 1995.

_____. *Brincar: crescer e aprender - O resgate do jogo infantil*. São Paulo: Moderna, 1996.

_____ *O desenvolvimento da criança através do brincar.* São Paulo: Moderna, 2006.

HIRSH-PASEK, Kathy; GOLINKOFF, Roberta M. ; EYER, Diane. *Einstein teve tempo para brincar: como nossos filhos realmente aprendem e por que eles precisam brincar.* Rio de Janeiro: Guarda Chuva, 2006.

KISHIMOTO, Tizuko. M. *O Brincar e suas Teorias.* São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MACEDO, Lino; PETTY, Ana Lúcia; PASSOS, Norimar. *Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar.* Porto Alegre: Artmed. 2005.

MOYLES, Janet R. *Só Brincar? O papel do brincar na educação infantil.* Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAÍN, Sara. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.* Porto Alegre: Artmed, 1985.

SAFRA, G. (2002) *Memória e Subjetivação.* Memorandum, 2, 21-30.
Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/safra02.htm> .

Acesso em: 8 jan 2011.

Memorandum, Abr/2002

SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico.* 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

WEISS, Maria L. L. *Psicopedagogia Clínica - uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.* 13. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

WENNER, Melinda. *Brincar é coisa séria. Revista Scientific American Mente & Cérebro.* ed. 116. São Paulo: Duetto, 2011.

WINNICOTT, Donald. W. *A Criança e o seu mundo.* 6. ed. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1982.

_____ *A Natureza Humana.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

_____ *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas.* Rio de Janeiro: Imago, 2000.

O Brincar & a Realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ANEXOS

P - pesquisador

1ª entrevista: A - Alice e R - Rogério

2ª entrevista: Pe - Pedro e R - Renata

1ª Entrevista: Rogério e Alice

P: Bom, primeiro é o seguinte, obrigada, eu queria agradecer, tá. Vocês estarem me recebendo aqui. Ah Alice e Rogério. Então vou fazer algumas perguntas. Primeira pergunta, ah, quais foram as primeiras brincadeiras das quais vocês se lembram e qual mais te marcou?

A: Brincadeiras da gente, criança?

P: Isso, exatamente.

A: Eu me lembro, que me marcou. É que na minha escola, tinha a casinha de boneca que a gente entrava dentro e eu ficava deslumbrada com isso, com casinha de boneca, de entrar dentro.

P: E aí você brincava com as bonecas?

A: É::: brincava com as bonecas lá dentro, tinha banquinho.

P: Tinha tudo? Inclusive:::

A: Não tinham as coisas que tem hoje. Tinha banquinho, tinha pratinho.

P: E você Rogério?

R: As brincadeiras lá em casa, minha mãe tinha uma casa com um terreno grande, então as brincadeiras se dividiam entre você fazer uma atividade com o jardim, tinha árvore, jabuticabeira que a gente subia. Bambu no terreno vizinho que a gente ia pegar pra fazer trave de gol. E eram coisas muito interessantes, ou então andar de bicicleta porque tinha espaço com a turma da rua que era tranquila e tal.

P: Isso tudo a gente tá falando aqui de São Paulo?

R: Aqui em São Paulo. Aqui em São Paulo, quarenta anos atrás

P: Tá.

R: E tinha uma turma muito grande na rua, quer dizer, você convivia com as pessoas, os amigos, você tinha os amigos da escola, mas não eram esses os teus amigos preponderantes, eram aqueles da rua, que todo dia você via, tinha que ficar até a mãe gritando pra voltar pra casa e tomar banho. Então tinha bastante desse tipo de atividade fora, é lúdica também, né.

A gente era uma família grande tinham seis irmãos, então dava pra fazer aquelas brincadeiras de caça-ladrão, tem polícia e bandido. Tinha muito lugar pra se esconder, se usava muito os espaços. A rua era espaço, né. Porque a grade de casa inclusive era baixa, era uma grade que tinha um metro de altura

P: E você, você vou continuar aqui, e aí depois a Alice. E até que idade você considera que você brincou? Você sabe me dizer isso?

R: É::: que eu brinquei esses vários tipos de brincadeiras, eu acho que até os dez anos

P: Até os dez anos?

R: É.

P: E você Alice, até que idade você se recorda, assim. Você se vê brincando de?

A: Ah, eu. Brincar, outras brincadeiras assim, até uns doze anos eu brincava

P: E com quem você gostava de brincar?

A: Eu gostava de brincar com as minhas amigas, as minhas melhores amigas.

P: E de onde que eram suas amigas?

P: Você morava em prédio, casa?

A: Quando eu era bem pequena morava em casa. Depois morava em prédio, mas minhas amigas eram, tinham da escola e tinham outras que eu conheci por relacionamento dos meus pais.

P: Tá.

P: Rogério, você já me respondeu essa pergunta, né?! Que era o pessoal da rua mesmo.

R: Hum, hum.

P: Tem mais alguém que você queira, que mais te marcou.

R: Era mais o pessoal da rua mesmo, era pouco freqüente você, mas acontecia, você ter uns amigos mais chegados da escola.

P: Han

R: E você ia, às vezes, sei lá uma ou duas vezes por semestre na casa deles, passava à tarde, depois sua mãe ia buscar, seu pai, ou o contrário, isso era bem pouco mesmo, o mais eram os amigos da rua mesmo.

P: Com quem vocês realizaram as brincadeiras que mais marcaram vocês, mais significativas. Com quem?

A: Amiga.

P: Pra você são as amigas?

A: Com certeza. Ah, a minha irmã também, mas ela era quatro anos mais nova, né. Então mais com as amigas, algumas vezes a Claudia tava junto.

R: Acho que com os irmãos, a família. Particularmente um irmão que até hoje é muito próximo de mim, o Salvador.

P: Tá. Vocês inventavam as brincadeiras?

A: Eu inventava.

P: Quais?

A: Todas eram inventadas.

P: É?! Quais e como?

A: Não, menos as que eram jogo. Ah, que eu adorava, quando eu era criança, era brincar de fazer cabana com cobertor e lençol. É:::, usava cadeira::, portas. Era a que eu mais gostava, fazer cabana com cobertores, lençóis e toalhas.

P: E você Rogério?

R: Alice me resgatou uma coisa que eu tinha quase esquecido, mas tinha muita coisa, tinha fort apache, tinha brincar que você tava construindo um rádio, é:::.

P: Como, explica um pouco isso. Como que você fez isso?

R: Com fio de arame de varal e mais uma carroceria de um, de um::: caminhão que era o formato de uma Mercedes Benz. Eu lembro até a cor, e tudo, dentro dessa carroceria que era de madeira, a gente pregava uns pregos e ia passando o fio por dentro, como se fosse um circuito de rádio, né.

P: Hum, hum.

R: E a gente ficava brincando. Na oportunidade, quem ficava fazendo isso também era esse meu irmão Salvador, e a gente ficava fazendo isso pra provocar outro irmão. Porque o rádio estava começando a funcionar e estávamos nós dois fazendo e agente brincava que o rádio tava funcionando, dizendo como? Inventando notícias, e as notícias eram sempre contra esse irmão, né. (Risos)

P: Risos

R: Ah, o napão chegou! Que era o narigudo, tal não sei o que. E aí ia falando, né.

P: Provocativo, né.

R: Provocativo, é. Olha como funciona, acende a luzinha e tal, mas não tinha nada disso.

P: Hum, hum. Vocês brincavam sozinhos?

A: Agora vou ter que pensar.

R: Eu sim.

P: O Rogério sim.

R: Sim.

A: Eu brincava, mas de outras coisas aí.

P: Não, sozinho. Tudo bem brincava de outras coisas.

A: Brincava, eu brincava.

P: Você se recorda?

A: Hum, hum. Lembro, lembro.

P: Lembra? E você pode me dizer?

A: Eu jogava saquinho, né. Aquele de cinco, como é que chama?

P: Cinco Marias.

A: Isso, cinco marias sozinha, e::: também fazia roupa de boneca sozinha. E brincava com, de boneca sozinha, às vezes, de Suzi.

P: Hum. E você Rogério?

R: Também. É::: mesmo tendo vários irmãos, às vezes eles não estavam disponíveis. Então, já aconteceu de brincar sozinho, ou de bicicleta, de subir e ficar a tarde inteira no quintal sozinho, jogar bola sozinho, porque meus irmãos não gostavam, só o que gostava era o mais velho, e aí eu não tinha com quem jogar, brincava sozinho.

P: Mas era mais raro Rogério pra você, justamente porque você tem uma família grande?

R: Era mais raro, mas, por exemplo, eu quando mudei de escola e fui pro Santa Cruz passei um ano de transição, porque eu fiquei estudando a tarde e todo mundo estudava de manhã.

P: Ah é, isso tem até hoje.

R: Eu fiquei um ano, fui o único que fiquei totalmente desapareado dos demais, né. É:::

P: E tudo bem?

R: Eu sei como tinha muitos irmãos, evidentemente, como, acho que a grande maioria das crianças gostaria de ser filho único. Minha mãe era filha única, né. E eu não me conformava que ela tinha seis filhos. Então, portanto, tinha tanta gente pra atender. E a gente, né, evidentemente.

P: Mas exatamente porque ela foi filha única que ela quis ter vários filhos, né?

R: Exatamente, e daí eu falei como queria ser filho único, como eu queria ser filho único. Depois desse ano, que eu passei sozinho, eu nunca mais quis, porque é um desespero, né. Você imagina eu achei sempre cruel, eu acho pior estudar à tarde do que de manhã.

P: É.

Os caras chegavam e eu tava indo pra aquela obrigação. E ainda sozinho, eu ficava imaginando que eles iam ficar brincando e tal. Pegando o dia todo, porque de manhã, podia acordar um pouco mais tarde, porque eu acordava mesmo, eu acho nesse período. Ficava sem ninguém em casa, porque (SI).

P: E não tinha as atividades que tem hoje?

R: Não nada disso. Você ficava sozinho mesmo. E aí, é::: depois quando eles chegavam você sabia que você tava indo e era complicado.

P: Bom o Rogério eu sei mais ou menos, mas eu não quero. Quais eram seus espaços de brincadeira? Você até já me deu uma resposta aí, mas eu não quero.

R: Era basicamente pra fora de casa, porém a gente tinha lá em casa os brinquedos ficavam sempre em caixas nos armários

P: Sim.

R: Então, se você.

P: Isso dentro de casa?

R: Isso dentro de casa.

P: Han.

R: Então, um dos brinquedos legais que a gente tinha era o fort apache.

P: Sei, que tem até hoje.

R: Aí o fort apache, você pegava a caixa, abria e montava o que você queria e ia brincando lá sozinho. Aí se fosse à hora de acabar a brincadeira você desmontava tudo e guardava no mesmo lugar.

P: Isso era uma regra na sua casa?

R: Era uma regra, não podia deixar.

P: Também quantos irmãos?

R: Seis

P: E você Alice?

A: Eu brincava quase sempre dentro do apartamento, e, às vezes, também lá em baixo no prédio.

P: Tá. Vocês brincavam com a sua família? Você já me respondeu, muito com os seus irmãos, mas eu digo assim.

R: Minha mãe.

P: É.

R: Minha mãe sempre brincou muito com a gente

P: É?

R: Primeiro quando a gente era menor, tinha uma vitrolinha, pequeninha, uma vitrolinha

P: Vitrolinha! (Risos)

R: É pequeninha, com uns disquinhos coloridos de todas as historinhas infantis

P: Histórias?

R: E tal, que era muito bacana. Porque ela punha aquilo pra tocar e além das historinhas, ela ia brincando ia falando que existia aquela brincadeira de roda. Como a gente era bastante, né. Então tinha a brincadeira da

fruta: “se eu fosse uma fruta” e aí cada um vai falando. Tinha isso. E depois como a gente ia muito para o Guarujá, meu pai tinha um apartamento lá, e a gente passava quase dois meses nas férias de verão lá. E meu pai ia, mas não ficava direto, né, mas a minha mãe ficava com a gente. Então ela jogava carta, jogava War.

P: Então você lembra mais dessa presença materna, né?

R: Sim, das brincadeiras sim

P: E seu pai?

R: Meu pai era um cara muito ligado ao cinema, ele filmava a família inteira e todas as férias. E passava esses filmes pra gente ver e a gente curtia e tal, mas ele era mais de fazer esses registros assim, não era de ficar brincando

P: E você quando era pequena?

A: De adulto eu brincava com a babá.

P: Hum. De adulto é?

A: Não de pequena, eu brincava com a babá de adulto

P: Hum.

A: Mais velha, quando era pra jogar jogo, era meu pai que jogava, e minha mãe jogava um pouco de Buraco. Brincar mesmo era com a babá

P: Tá acho que além deles, né, que vocês brincavam. Tinha mais alguém da família?

A: Eu não tinha.

P: Não? Nem a Claudia?

A: Não a Claudia, sim. To falando de adulto

P: Tá. De adulto, não? Só a babá?

A: Só a babá.

R: A minha.

A: Pra jogar cartas, pra jogar War, jogar Leilão de Arte, era meu pai e a minha mãe era raro, só buraco.

R: A minha avó e meu avô, porque a minha mãe filha única, né. O meu avô fez um ajuste com ela de morar com ela, então construiu uma casa pra ela e passou a morar. Então a minha avó e o meu avô faziam parte dessas brincadeiras, é.

P: De que forma?

P: (Risos)

R: Ele fazia um papel de guarda no trânsito das bicicletas. Porque como a casa era funda, era um terreno de 50 metros de fundo. Você tinha por onde entrava o carro até o fundo. Que tinha essa largura, você tinha, cabia muitas bicicletas andando. Então os vizinhos brincavam também de fazer isso, da figura do guarda de trânsito, porque precisava pras bicicletas passarem, às vezes, também, quando a gente montava a piscina lá, naquela época você montava a piscina, piscina de lona, né. Muito engraçado. E faziam isso. A gente tinha a festa junina em casa, que as pessoas vinham, e esse meu avô comprava os fogos. Então você tinha todas aquelas coisa lá: quentão, pipoca, tal e não sei o que, e é os fogos, né. Juntavam os vizinhos, parentes e tal não sei o que. Então eram essas brincadeiras

P: Que divertido.

R: Era divertido.

P: Muito divertido, achei, estou achando o máximo sua infância.

R: É.

P: Os seus pais contavam do que eles brincavam quando eram crianças? Vocês se lembram disso?

A: Não, não contavam não

R: Minha mãe sim, porque

P: Você lembra que tipo de brincadeira que ela comentava?

R: Então, é::: a minha mãe quando criança ela sempre teve todos os brinquedos assim que saiam. Porque era filha única, o meu avô gostava e podia dar as coisas pra ela, só que ela se ressentia justamente de não ter amigos, que ela achava que as pessoas na verdade só queriam ser amigas dela por interesse. Porque as amigas iam lá para brincar com ela e levavam as coisas, né. O meu avô dava as bonecas, era tudo importado naquela época.

P: É verdade.

R: Não existia e as pessoas não tinham. Então as amigas, às vezes, falavam ah eu vou, mas só se você me der tal coisa, ela como não tinha irmão, não tinha nada e queria brincar, ela dava. Tudo bem. Então eu me lembro que ela falava que brincava muito com essas coisas, porque ela não tinha tantos amigos assim pra poder brincar. Dependia da disponibilidade dos outros e depois um pouco mais juvenzinha, tinha aquelas coisas. Mas acho que era muito vigiada, pelos pais, né. A minha avó, por exemplo, quando tinha aqueles bailinhos, aí naquela época as mães iam juntas. Então não iam as meninas sozinhas com doze, treze, quatorze anos, mais até. Então isso aí. Agora me lembro de uma tia dela, da minha mãe, que era irmã do meu avô que falava que na rua lá, tinha uns terrenos baldios que tinha quadra de basquete e ela jogava basquete.

P: Ai que máximo::::!

R: Uma tia que era muito amiga do meu avô, irmã muito próxima, e ela faleceu com oitenta e três anos, em 1980. Então, você imagina é::: como ela na verdade, então na verdade é mais até. Mas enfim, então você imagina como eram esses dezoito anos em 1920 jogando basquete e tal.

P: Pois é, pois é. Ela era bem vanguardista, não?

R: Eles eram sim.

P: Extremamente. ãh, como que agora vocês vêem o brincar ao longo de suas vidas, assim fazendo toda uma, depois de tudo que a gente tá conversando. Como é que vocês enxergam o brincar ao longo da tua vida? Como foi essa experiência do brincar pra vocês?

A: Pra mim são lembranças muito boas. Foi um período muito importante e tem uma fase mesmo, né. O brincar acaba, eu acho.

P: Hum, hum.

A: Né

P: O que é que você chama de acabar?

A: Você pára de brincar.

P: Quando?

A: Ah, quando você se torna adolescente.

P: Hum, hum. E você Rogério?

R: Ah, eu não penso nisso. Eu acho que você muda a forma de brincar, mas estas primeiras brincadeiras me dão, é, me dão, me propiciaram aptidões que até hoje eu trago comigo. Então, é uma lembrança gostosa quando revisito, e, ao mesmo tempo eu sei que estão presentes aqui com algumas coisas que eu tenho condição de fazer porque eu brincava daquele jeito.

Acho que isso é o mais significativo

P: E como que vocês definem hoje o brincar? Hoje?

A: Pras crianças de hoje?

P: É.

A: Eu acho que os brinquedos mudaram, mas as crianças não tanto. Se elas brincam diferente, é porque tem muita enxurrada de oferta de coisas diferente, diferentes. Mas eu acho que as crianças ainda gostam mais de brincar do jeito antigo que a gente brincava, e se elas brincam diferente agora é por falta de::: opção.

P: Tá. Fala um pouco você Rogério.

R: Eu acho.

P: Aí eu vou entrar um pouco nesse assunto com vocês, da essa questão dos filhos.

R: Eu acho que a forma de brincar hoje é um pouco diferente. As pessoas não têm mais espaço pra brincar de forma diferente. É: e por conta disso não desenvolve determinadas habilidades pra brincar de uma forma diferente, da forma que eles brincam hoje. Embora, eu acho que em algumas pessoas é mais natural tentar desenvolver aquela forma de brincar antiga. A pessoa sente essa necessidade, só que de repente ela não consegue realizar. Algumas pessoas conseguem superar isso, por conta de características específicas dela.

P: Explica-me isso melhor Rogério.

R: Eu acho que é essa coisa de brincar com as coisas que não são os eletrônicos, os.

P: Você acha que isso é natural?

R: Eu acho que é. Eu acho que é um chamado da natureza, pra você, por exemplo, subir numa árvore e fazer uma coisa assim

P: Mas será porque não está justamente é, de repente ela tá num ambiente que propicie isso a ela, por exemplo. Ela está num ambiente onde ela, onde ela tem pião, onde ela não tem, por exemplo, todo esse acesso de, né de brinquedos, de bonecos, enfim, onde ela pode inventar os próprios brinquedos. Você acha.

A: Ela não inventa. (SI)

P: Então é isso que eu quero saber, você acha que é dela?

R: Não eu acho que é dela.

P: Ah.

R: É dela, e se ela não tiver

P: Mesmo que ela tenha acesso, isso que você quer dizer?

R: Sim, sim

P: Tá era isso que eu queria entender.

R: Não porque ela aprende só porque ela tem acesso. Eu acho que ela tem, é::: tem uma aptidão pra isso. Como o gato que fica atrás do novelo de lã, é um atrativo é uma coisa maior do que. E as crianças também têm no comecinho da vida delas, acho que muito curto, de bebê, esse contato, que seria o equivalente a esse prolongamento depois a:: vida fora de casa. Mas que aí chega essa época dos eletrônicos que vai ficando meio pra trás. Sabe essa coisa física mesmo, eu acho

P: Mas você considera que com os eletrônicos elas não estão brincando?

R: Não, eu considero que elas estão brincando, mas estão brincando de uma forma diferente.

P: Tá. Ah, você acham importante o adulto participar das brincadeiras com as crianças?

A: Às vezes eu acho importante não participar, né. Deixar a criança brincando com criança e, mas às vezes talvez mais cedo, mais cedo eu acho importante o adulto participar

P: Por quê? Fala-me um pouco mais sobre isso.

A: Eu acho que quando ela é pequeninha ela não tem condição de brincar só com criança.

P: Sim, ela nem se enxerga ainda, né.

A: E, precisa da intervenção do adulto e depois precisa cada vez menos.

P: Tá. Então você acha que não é mais necessário a partir do momento que ela já se sociabilizou, você acha que.

A: Só que o adulto também, tem condições de ensinar muitas brincadeiras pra criança também. Eu acho que o adulto também tem sua parte de ensinar a criança brincar. É natural que ela brinque, mas eu acho que o adulto tem muita condição de estimular.

P: E você Rogério?

R: É a gente tá focando aí no brincar do outro, né, mas na verdade quando você brinca, se você tá afim, você tá resgatando aquela criança com você, quando você brinca com a outra. Então isso aí é uma coisa que a gente poderia também prestar um pouco de atenção. Quando você também não tá afim, porque aí você tem alguma outra coisa, você queria estar fazendo outra coisa que não estar aqui brincando, né, aí é uma tortura pra você, porque a criança não tá enxergando isso. Porque ela tá brincando na hora que ela tá afim, porque se ela também não tá afim ela vai embora

P: Tá.

R: Então é isso.

P: Vocês brincam com seus filhos?

R: Eu acho que desde sempre.

A: É, e que agora.

R: Brincamos.

A: O Rogério brinca com certeza.

R: Não, nós brincamos sempre.

A: Eu brinquei mais com a Júlia, do que com o Arthur.

P: Hum hum, por quê?

A: Pelas brincadeiras que ela gostava

P: Por ser menina?

R: Não é verdade. As únicas vezes que Júlia brincava de boneca era comigo. Ela não gosta de brincar de boneca, então.

A: Porque ela é, ela brincava mais parada. Ele brincou muito mais ó. O Rogério brincou com.

P: Mas olha que engraçado ela fez um resgate da infância dela, onde ela brincava com boneca.

R: É, é.

A: O Rogério brincou com os dois, eu brinquei mais com a Júlia

P: Que tipo de brincadeira você fazia com ela?

A: Eu gostava de fazer brincadeira de massinha, de desenhar.

R: Pózinho, tinta.

A: Tudo que era pintura, desenho, massinha.

P: Júlia, hoje, está com quantos anos?

A: Treze. Ela não brinca.

R: Vai fazer catorze.

A: É vai fazer catorze.

P: Mas o Arthur tem oito?

A: É tem oito. O Arthur tem oito e o Rogério, o Rogério ainda brinca com ele.

R: É, mas hoje, é às vezes.

A: Agora eu, às vezes, eu brinco também, mas eu acho que ele brinca mais.

R:: O Arthuré um cara, esse cara totalmente é tecnológico aí, né?! Metido com esses negócios, fica lá né. De repente ele pára uma hora e quer jogar um joguinho que nem ele tá brincando aí.

A: Com imã.

P: Do imã.

R: Né, ou de imã ou ele quer montar um negócio que não tem nada a ver com, né. Com Lego assim, às vezes, ele pára.

A: Eu acho muito importante, né, você perguntou àquela hora do adulto brincar com o filho, né.

P: É, é.

A: Porque eu me lembrei que muitas coisas a gente estimula mesmo, dá ideia. Então, eu me lembro de ensinar os dois, tanto ela, como ele, a fazer castelo de carta, coisa que não ia

P: É, isso sozinho:::

A: Não

P: Eles até poderiam, a gente não sabe, mas é difícil, né?

A: É.

P: Porque eles iam ficar um pouco frustrados, né?

A: Eu brincava mais com a Júlia também, porque eu adorava pratinhos e panelinhas, e::: assim lembrando né. A gente pegava até plantas na rua, fazia comidinha. Ele não, ele quando era pequeno, ele não brincava quieto.

P: E você Rogério? Que brincadeiras assim, específicas, você lembra?

A: Até de boneca ele brincava

P: Até hoje?

R: Nossa:: várias. Hoje, hoje, mais. Hoje são brincadeiras muitas vezes mais verbais.

A: Não de bola.

P: Mas de qualquer jeito é uma brincadeira.

A: Não, de bicicleta.

R: Bicicleta, desenho, sabe a gente fica desenhando. Eu, como eu te falei esse meu irmão que tinha muita proximidade, continuo tendo.

P: Ah.

R: A gente trabalha junto, que ele desenha, ele desenha pra coisas que eu faço, e aí então, de repente ele vem sempre aqui. E aí, às vezes, fica o Arthur ele e eu. O Arthur, ele e eu fizemos um joguinho, como se fosse um joguinho de.

A: Eletrônico.

P: Ahan.

R: Eletrônico, só que na base da canetinha.

A: Desenhado.

R: Então você tinha lá um papel, com os personagens, a gente mandava foguete. Cada vez que era a vez de um, ele ia lá e detonava uma bombinha no outro. E o papel vai se enchendo.

A: Você sabe que o Arthur prefere esse jogo de papel com o pai e o tio, do que o eletrônico que além de tudo é sozinho.

R: É. Então é engraçado, pois a gente faz um monte dessas coisinhas aí ainda. Além, daquelas coisas de futebol, andar de bicicleta.

P: Então vamos entrar um pouco nisso. Que horas que vocês brincam com eles?

R: Fim de semana basicamente

P: Hum, hum.

R: E sempre tem uma coisinha ou outra durante a semana. Porque, às vezes tem dado pra chegar um pouco mais cedo, ou saí um pouco mais tarde.

A: Às vezes não dá:::

P: Lógico.

R: (SI) Lógico não é tanto, né. Não é tanto, mas.

P: Mas quando você brinca você pode dizer, assim, quanto tempo você acha que dura essas brincadeiras?

R: Depende, depende, porque tem brincadeira que realmente eu não tenho muita paciência

P: Tá:::

R: E a gente tem limitações, porque você vai brincar a noite, como é mais fácil com o Arthur, né

P: Lógico.

R: Porque a Júlia, eu chego aqui ela tá mais.

P: É. (Risos)

R: Afim das coisas, da internet, tal, dos amigos aquela coisa toda. Agora o Arthur também não pode brincar de agitá-lo, porque senão você não vai dormir. Você vai dormir meia noite

P: É, tá certo.

R: Então tem limitações

P: Sim. E aonde vocês brincam? Porque lembra a gente fez um resgate da infância de vocês. Aonde que vocês brincam com seus filhos?

R: Então.

A: Ah, durante a semana só dentro de casa. No fim de semana vamos andar de bicicleta, ou brincar na rua, bola, lá embaixo.

P: Você chega a ir pra rua?

A: Com a bicicleta?

P: Não. Você vai andar na rua, porque, às vezes.

A: É na rua.

P: Ah, vocês andam na rua.

R: Ou parque

P: É, porque, às vezes por segurança.

A: Eu brincava também, eu esqueci, eu brincava com os dois todo dia nas pracinhas do bairro, quando eles ainda não iam pra escola.

R: É não só pra falar de hoje, né?!

P: Não, não é só.

R: É.

A: Quando eles não iam pra escola, eu levava todo dia nas pracinhas.

P: Hum, hum. Todo dia?

A: Todo dia.

P: Os dois?

A: Com os dois.

P: E o que você fazia com eles na pracinha?

A: Só parei de levar quando entrou na escola.

P: Lembra?

A: O que eu gostava, eles também, né. (Risos) É areia.

P: Adorei essa: "o que eu gostava!" (Risos) Eles também. (Risos)

A: Nas pracinhas brincava de tudo. Subia em árvore, brincava de areia. É jogava bola, tudo. Isso era todo dia, até eles entrarem na escola. Ele até dois anos e meio, e, ela até três anos e meio.

R: E meio.

A: E meio quase.

P: E vocês acreditam que brincar ou mesmo que vocês, ãh::, com o Arthur vocês ainda brincam, mais com a Júlia, que houve uma influência no desenvolvimento dela. Vocês acreditam que esse brincar que vocês compartilharam?

A: Ah::: sem dúvida.

P: Em que sentido?

A: Com certeza.

P: Que tipo de desenvolvimento vocês acham que isso ajudou?

A: Da imaginação, da criatividade, estimula a criatividade sim, com certeza. Também eles sabem inventar brincadeira::.

R: Olha a Júlia, a Alice não só brincava como levava muito, muito:: a pecinhas de teatro, a peças de teatro infantil, né.

A: É, é. Não estou contando isso.

P: Pode contar, mas, não deixa de ser um estímulo, né.

R: E a Alice sempre incentivou, sempre incentivou, mas era assim quase toda semana. A Eu nunca vi uma pessoa que eu acho que assistiu mais peça de teatro como a Alice.

A: Eu adorava::: e ele não quis ir.

P: Arthur não quer?

R: Sempre a Júlia teve muito dessa coisa das artes.

P: Tá::.

R: Então artes cênicas, depois, essa coisa da pintura, do trabalho manual. Então.

P: Mas isso é uma participação.

R: Além de ela ter esse talento nela, eu acho. Isso ajudou a vocacioná-la meio que pra isso.

A: Não, eu acho que ela tem mesmo. Eu acho que ela tem talento. Não se eu vou contar tudo isso, era todo dia na pracinha, a noite brincava de massinha com ela. Ele não parava muito, não deu pra fazer isso. E::.

P: Porque que você sempre fala isso: “ele não parava muito e aí não deu.”

A: Então não dava pra sentar e ficar brincando sabe, quando ele era pequenininho

P: Mas, por exemplo, a partir de seis anos? Vamos considerar a dois anos atrás?

A: Começou a ficar mais com o Rogério.

R: Mais do que isso.

A: Brinca mais com ele.

R: É, a gente meio que dividiu, ficou uma coisa assim.

Não, a Alice também, né, falou assim: “vou pegar mais a Júlia, por que::, porque eu acho que ela se vê, a coisa de menina, e de comprar roupa, sei lá e de sair.”

A: Não! (Risos)

R: É sim.

A: Não, não é. Ela era quase filha única, quase seis anos. Existe uma diferença.

P: É, é verdade.

R: Sim, mas e daí? No primeiro momento a Júlia ficou mais comigo, lembra?

A: Claro.

R: Sim, mas depois.

P: Porque você tava totalmente ligado.

A: É, tem uma coisa também, tudo que acabo fazendo ela resolve fazer junto. Então se eu for fazer tricô ela acaba fazendo junto. Aí se eu vou fazer quebra-cabeça, ela vai fazer quebra-cabeça. Ai eu resolvo fazer bijuteria, ela vai fazer bijuteria. É natural.

P: Ah é assim.

A: É ela sabe. Por isso que eu acho que ele acabou ficando mais com o Rogério.

R: Não é também tem algumas coisas semelhantes nos dois aspectos. Por exemplo, a Júlia é muito boa de matemática. O Arthur parece que é também.

A: Ele é também.

R: E a Alice valoriza isso muito, negócio da matemática, e, desde sempre, ficavam lá as duas também com essa coisa da matemática.

P: Você gosta da matemática?

A: É.

P: Tá.

R: E a Alice que sempre fazia essa coisa de.

A: A lição de Matemática.

R: As coisas de lição, em geral, da Júlia.

P: Hum, hum.

A: Menos a parte, sei lá.

A: De artes.

R: Não só isso, a parte de Artes e de Escritas.

A: É, não, não eu não consigo.

R: Ah?

A: É eu não consigo.

R: Então, essa parte artística de escrever, mais essa parte de Humanas, Geografia.

P: Hum, hum. Geografia, História.

R: É, Geografia, História.

P: Tá. Vocês querem acrescentar mais alguma coisa?

A: Não.

R: É.

P: Não? A entrevista está ok. Então tá bom. Obrigada viu.

R: Boa sorte viu, queremos acrescentar boa sorte.

P: Imagina, ajudou muito.

P: Continua aberto.

R: Quando a gente brincava de Polly, que a Alice não curti muito brincar de boneca, dizia isso. E aí eu brincava com a Júlia. Júlia, ainda filha única, então tinha aquele monte de brinquedos. Eu achava muito legal, a gente pegava as bonecas, e tinha várias opções de cabelo, vestido, roupa, calçado

P: Aquelas bonecas pequenininhas?

R: Bonecas pequenininhas, com aqueles materiais meio de lycra.

A: Tinha carro, casa.

P: Hum.

R: E aí.

P: Uma mini Barbie, né?

R: É. Aí eu sempre, primeiro, que eu encarnava com a Júlia as duas amigas, que eram as bonequinhas que a gente tava brincando. Então começava sempre assim, eu gostava disso, né, de falar, de me fazer de amiga da bonequinha da Júlia, né. Então eram as duas amigas, mas depois começava cada um a vestir a boneca e falava: “Nossa amiga mais que horrorosa essa bolsa, você teve coragem de comprar.” (Risos)

A: Isso era ele que falava. (Risos)

P: (Risos)

R: E a Júlia era tomada de surpresa, porque a amiga tava dando uma sacanagem, fazendo uma sacanagem com ela.

A: É, ele brincava sempre.

P: E ela entendia?

R: É, se surpreendia. No começo ela não entendia direito e eu continuava;

P: Ah.

R: Cutucando, aí ela ficava brava aí ela entrava no jogo e começava: “É mais essa sua bota também é de profundo mau gosto amiga.” Aí eu falei: “Ah é, você acha amiga?”

P: (Risos) É.

R: E aí ficava o tempo inteiro desse jeito, eu achava muito engraçado. (Risos).

A: (Risos)

P: E agora, eu acho importante, me deixa só retomar uma coisa. Porque assim, eu acho que foi muito bom pros meninos, a existência, já existiam na nossa época (SI), essas coisas. Mas hoje tem muito.

A: É tem muito.

P: Tem muito boneco.

A: É.

P: Tem muita opção de boneco, que eu acho muito rico, muito bom pros meninos.

R: Hum, hum

A: É.

P: Então você vê o Arthur com esse tipo de atividade lúdica, né.

R: Ele tinha, Ele tinha um Max Steel.

P: É.

R: Ele teve vários bonecos do Max Steel. Ele teve sei lá uns seis, sete.

A: Ele não era fissurado em boneco não.

R: Não é. Fora o Max Steel, por tinha também um, tem até um DVD com desenho, é um longa metragem esse Max Steel aí. E eu nunca conhecia, eu já tinha visto na televisão, mas nunca me liguei, mas o Lei que é antes do Arthur. A Claudia que deu, porque o Leo primo dele, já assistia e gostava antes, quando era moleque.

P: Sim.

R: E o Arthur ficou maravilhado com esse negócio. Então é o único boneco que ele usava, porque levava. Teve essa parte aí, né, da gente no banheiro que eu tava falando pro Roger, né. Aí ele falou: "Não banheiro legal, né!" É, pois é, tem quatro donos esse banheiro o nosso, do casal, né, o banheiro do casal. Porque tem uma, uma, sempre tomaram banho lá. Inclusive tomaram com a gente. Eu tomei banho com a Júlia, até sei lá, até a Júlia ter uns seis, sete anos.

A: Mais.

P: ãh.

R: Até uns oito anos. Depois com o Arthur também com espuma. Uma coisa eu me lembro que ficava apinhado de brinquedo dele. Porque ficava aquela coisa, vamos tomar banho com a gente e brincar com os brinquedos que estavam na banheira.

A: A banheira tinha uma meia dúzia de bonecos, tinha carro, tinha Barbie. A banheira era rodeada de brinquedo. Tinha muito brinquedo no banheiro.

P: Tá. Obrigada gente mais uma vez. Pronto.

2ª Entrevista

P: Pronto deixar assim.

Bom em primeiro lugar eu quero agradecer, tá. É::: por vocês estarem aqui, quer dizer, por eu estar aqui na casa de vocês. Por estarem me recebendo.

Então eu vou começar fazendo algumas perguntas tá. Então a primeira delas é quais foram as primeiras brincadeiras que vocês se lembram, tá:::. E qual mais te marcou? Acho que era bom cada um falar, senão, aí vocês. Você quer começar Pedro?

R: Melhor você.

Pe: Começo.

P: Vou deixar aqui, acho que dá pra ouvir bem, não.

Pe: As brincadeiras, quase todas elas, as da minha memória, ãh, me remetem ao futebol, né. As brincadeiras eram chutar bola, pode ser balde, pode ser bola de tênis, bola de papel. E derivado a isso o futebol de botão tal. Essas brincadeiras que eu me lembro que eu fazia e tal. E que eu acho que acabaram me levando, é até a minha carreira profissional, talvez tenha sido a infância futebolística assim. Lembro de algumas outras coisas, mas sempre envolvido com bola: queimada

P: E só me fala Pedro, desculpa, qual é sua profissão?

Pe: Jornalista.

P: Jornalista.

Pe: Esportivo

P: Ah, esportivo. Explicado.

R: Futebol só

P: Futebol, só?!

Pe Futebol, só. Não eu tô falando que assim, eu tinha algumas outras brincadeiras, mas que envolviam bola. Tipo queimada, essas coisas, essas coisas que eu lembro.

P: Tá.

Pe: E:::: as minhas principais brincadeiras eram sempre envolvidas com bola.

R: Eu, eu tô tentando lembrar porque pra mim. Assim, eu sei que a mais antiga, porque eu lembro que era um apartamento que eu morava antes. Eu me lembro de eu, que eu gostava muito de brincar de espiã, tinha uma capa do meu pai que eu punha, assim, tinha aqueles óculos com nariz, eu era tipo um detetive, tinha uma luneta.

E aí eu lembro que isso durou um tempo, porque depois quando eu aprendi a ler, eu pegava uns livros na biblioteca que ensinavam códigos secretos, a fazer, escrever mensagens, de um jeito que só você ia entender, de umas coisas de fazer as palavras sumir no papel e depois aparecer. Então eu lembro que isso era uma coisa que por um tempo, assim foi muito marcante. Mas era uma brincadeira que eu acho que era mais eu comigo mesma. E aí tem, assim, milhões de outras brincadeiras, que eu lembro assim, com as minhas irmãs, assim muito.

P: Tá:::. E você pode falar.

R: Porque eu acho que aí, eu lembro na outra casa, então eu acho que eu era um pouquinho mais velha, seis e sete anos, assim.

P: Tá::.

R: Que aí era, a gente tinha um corredor bem cumprido assim. Aí a gente montava um supermercado gigantesco, assim com tudo. A gente ia passando com o carrinho e ia comprando, as brincadeiras de boneca, que eu lembro que eu queria ser sempre pobre. (Risos)

P: Risos.

R: Eu sempre era pobre, a coitada. E era aquela que era pobre e linda, sabe assim. (Risos)

P: (Risos) Por isso que vai dá pano pra manga, entendeu. Pobre e linda talvez um pouco de conto de fada, né?!

R: É, tipo assim, meio gata borralheira

P: É.

R: A minha irmã era a dona da casa e eu era a faxineira, sabe assim?

P: Bem gata borralheira.

P: É. (Risos)

R: Eu queria, tipo eu sou.

P: Enquanto ninguém quer, né, ser. Você se.

R: E aí eu lembro muito disso. Lembro de umas coisas mais corporais, assim na piscina, que a gente subia o muro, que até hoje, eu penso que era muito perigoso, tinha um muro que era em forma de escada

P: Hum, hum.

R: Que dava pra parte de fora da casa. Tipo uma escada de pedra, assim, que era a entrada da casa. Então, a gente subia esse muro e pulava na piscina. Era uma piscina pequenininha, assim.

P: Nossa, que perigo!

R: Então era assim o tempo todo, caía na piscina, subia e voltava. Às vezes fico pensando como que minha mãe deixava, né. (Risos)

P: Que você não deixaria sua filha, agora.

P: Pois é, é engraçado isso.

R: Agora isso era a brincadeira com a minha irmã. Só que aí tinha outra brincadeira minha, que era muito assim da minha cabeça, que eu. Como é que era?

P: O que é que você chama da sua cabeça?

R: Que era uma coisa que eu ficava fantasiando assim.

P: Tá::.

R: Que eu ficava brincando, assim, sem falar nada com ninguém, assim, que eu ficava o tempo todo brincando daquilo

P: Tá::.

R: Como se tivesse.

P: E era sozinha isso?

R: Uma pessoinha pequenininha, que tava sempre me observando.

P: Tá:::.

R: E aí eu dançava, e essa pessoa. Eu tinha uma coisa meio que como se eu tivesse num palco, assim sem ninguém olhar.

P: Teatro?

R: Teatro. Então eu fazia assim, sempre umas coisas. E eu sabia que tinha essa coisinha me olhando. (Risos)

P: (Risos) (SI)

P: Coisinha, essa coisinha na verdade existia ou não? (Risos) Não era um amigo imaginário, né?

R: É:: devia ser uma coisa do tipo, mas não tinha nome nada.

Pe: Sabe o (SI).

P: Olha que coisa interessante. Ai nem me fale nisso.

R: Era como se fosse uma mini-fadinha.

P: Sei.

R: Ou alguma coisa do tipo.

P: Sei.

R: Eu lembro também que tinha uma coisa. Não sei se por isso ou associado a isso que eu gostava muito de coisa de miniatura, assim, sabe. Eu sempre ficava imaginando coisas com miniaturas, mundinhos pequeninhos. Se eu era pequeninha e ficava olhando as coisas escondidas. Não sei, tinha uma coisa que era meio assim, mas agora tá confuso na minha cabeça.

P: Tudo bem, não, lógico.

R: Parece tudo misturado, assim.

P: A gente vai voltar em algumas coisas aqui.

R: Ah.

P: Até que idade vocês acham que vocês brincaram?

Pe: Ah é, não. É

P: Fica a vontade gente.

Pe: Como o meu brincar era sempre com bola, eu brinco até hoje, assim. É a minha, a minha rotina de jogar futebol com os amigos e tal, é um pouco preencher o brincar. Eu jogo futebol com eles de terça e quinta, tal.

P: Tá.

Pe: Mas é algo que envolve outro componente, às vezes, saio irritado. Às vezes rola uma coisa, que não é o brincar mais puro, às vezes é uma coisa de se tirar o stress e tal, mas no final das contas, quando se joga futebol é estar com outras pessoas cada vez mais. Não são as mesmas pessoas cada vez e tal, só que me remete muito a esses tempos de criança, assim.

P: Mas se.

Pe: Então pra mim é essencial mantém esse espaço assim.

R: Fora isso, quando eu casei com o Pedro.

P: Hum.

R: Ele tinha, ele trabalhava na Folha. Tinha uma coisa que ele trabalhava muito o fim de semana e tinha dois dias durante a semana que ele folgava. E a gente morava na fazenda nessa época. E aí nesses dois dias de folga, ele armava o campinho de futebol de botão, fazia as carinhas colocava nos botões.

Acho que isso durou uns cinco anos, né PE.

Pe: Durou, durou

R: Acho que tipo isso durou ates os trinta anos, né Na. Acho que até os trinta você fez isso.

Pe: Até os trinta anos eu fiz isso.

R: Trinta anos mais ou menos, foi isso.

P: Eu jogava futebol de botão sozinho.

R: Sozinho, como ele jogava quando ele era pequeno.

R: Então, ele era os dois.

Pe: Era terapêutico, assim. Dava-me, me dava uma.

R: Você fazia os dois times, né?

Pe: Ah me dava, ah::.. Eu ficava assim, digamos, bem concentrado, e ao mesmo tempo relaxado, são duas coisas que.

P: Tá.

Pe: Não são necessariamente.

P: Nessa ordem.

Pe: Nessa ordem. Aí.

R: Ele ficava quietinho.

Pe: Ah é. Pode falar.

R: Ele ficava narrando. (Risos)

Pe: Tá vendo.

R: Ah, porque você parou de fazer isso? Era tão bom?

P: Ah, porque agora eu tenho outras prioridades.

R: Aí depois quando ele parou, ele ficou neurótico, ele ficou bem mais nervoso.

Pe: Não tinha as meninas?

R: Não.

PE: Não, não tínhamos

R: Reconhecer que tinha uma cara e na época

R: Mas ele parou antes, já.

Pe: Não, mas, assim o narrar o jogo de botão é um pouco, eu não sou narrador porque não tenho talento pra isso, mas vai muito de encontro com a minha atividade hoje, que é comentar um jogo de futebol, tal. E o narrar, o recortar carinhas de jogador de futebol e colocar no botão, até hoje me beneficia no momento de eu reconhecer a fisionomia de um jogador. Entendeu? Eu não erro por conta disso.

Pe: Não, e é muito prazeroso isso. Pra quem gosta.

R: Porque ele ia atualizando os times. Então ele sempre sabia a cara de todos os jogadores

R: E aí isso, no trabalho dele ele virou especialista. Porque ninguém faz um guia do campeonato Brasileiro sem ele conferir todas as carinhas com os nomes

Pe: Eu, eu.

R: Ele que tem que fazer isso. Porque ele é o único que sabe todas as carinhas. E é muito por causa disso, né.

P: Olha só.

Pe: Agora você.

P: É verdade, e você, até que idade você acha que você. Bom eu cheguei a uma conclusão, que eu acho que você não terminou, você não teve uma idade que parou de brincar. (Risos)

Pe: Não. Essa pausa do, digamos, entre

R: Não, eu acho que você parou de brincar, nessa fase que você parou de jogar futebol de botão.

P: É isso?

Pe: É acho que sim.

R: Porque, não, era impressionante.

P: Quantos anos vocês têm? Se me desculpe.

R: 38.

Pe: 38.

Pe: Eu vou fazer 39. Acho que faz dez anos, isso aí.

R: Porque eu não acho, eu acho, eu via muito mais o brincar nele quando jogava futebol de botão, do que jogar futebol

P: Do que jogar futebol, né.

R: Eu acho que jogar futebol, tem uma coisa de manter uma atividade física tem uma coisa meio assim, mais.

Pe: Sim. É aquilo que ele levou, aliviar a tensão.

P: É.

R: Também tem uma coisa de pra não engordar, sabe, tem outro.

Pe: Também reunir os amigos, também.

P: Também.

R: Por exemplo, nessa época, aí sim era brincar. A gente morava na fazenda, e tipo assim, no fim de semana, ele conseguia juntar a galera que morava lá em volta que trabalhava lá na fazenda, e sempre jogavam bola. Você nunca mais fez isso, tipo ficar horas, às vezes, só jogando você e mais dois. Chutar ao gol, umas coisas assim, você não fez nunca mais isso, né?!

Pe: Não.

R: Acho que mudou mesmo, teve uma hora que dá.

P: E você?

R: Eu parei de brincar muito antes, eu acho.

P: Muito antes?

R: É

P: O que é o muito antes?

R: De brincar mesmo, aí eu lembro mais

P: É, do que você lembra, né? Por que.

R: Ah, eu acho que eu parei de brincar, sei lá. Antes da oitava série será?

P: Pode ser.

R: É. Acho que sim, tipo uns 12.

P: Uns 12 anos?

R: São 12 anos

P: Porque esse corte assim? Porque antes da oitava série, por que você lembrou?

R: Ah, porque eu lembro que daí já era outra coisa, eu não brincava mais com as minhas amigas ou com as minhas irmãs. Era uma coisa mais de conversar, de, sei lá, outro tipo de coisa, mas não era mais brincar. Agora, tem o lado de que o que tenho coisas que eu faço e que me dão prazer, assim. Que são mais voltados pras artes, assim. Então desde que eu comecei o colegial, acho que eu me sinto meio como se eu tivesse. Ah, eu lembro que na oitava série eu fiz teatro e tinha uns jogos pra gente fazer, mas eram dentro da coisa do.

P: Mas não era uma coisa natural?

R: É não era coisa natural

P: Era dentro de um roteiro?

R: Não era uma coisa que eu brincava e tal

P: Entendi. É, é, aí já não é.

R: Aí tem essa coisa do desenho depois e é pra relaxar e tal. Mas aí não é o brincar e tal.

P: E aí você foi pra Fisioterapia, que isso depois a gente fala, que não tem nada a ver com o assunto. (Risos) Com quem você gostava de brincar?

R: Com o que?

P: Com quem?

R: Com quem?

P: É.

R: Com a minha irmã mais velha, muito. Mais com a minha irmã mais velha. Eu gostava também de umas brincadeiras mais levadas, que ela não gostava. Eu lembro que tinha uma amiga dela, que ia muito a casa, que era bem agitada, e aí às vezes ficava eu e a amiga dela, brincando muito de coisas mais corporais, e ela não.

P: Diferença de idade que você tem com a tua irmã?

R: Um ano e meio.

P: É pouca.

R: Mas ela era assim a maior identificação, assim, era com quem eu brincava, com quem eu queria fazer tudo

P: E você?

Pe: Eu também com o meu irmão, mas assim, ela, a Renata falou do futebol de botão. A gente tinha assim uma excentricidade, que era cada um jogar no teu campo separado, um do lado do outro.

R: Um do lado do outro.

P: Cada um tinha um campo? É isso? (Risos)

Pe: Cada um tinha um campo, cada um tinha os seus times. A gente não jogava um contra o outro, porque dava conflito. É engraçado, né. Chegou um momento que a gente falou: “ah não vale a pena a gente ficar fazendo isso, cada um faz o seu e a gente fica perto, um do lado do outro.”

P: Mas péra aí! De botão é isso?

Pe: De botão

P: Entendi, porque eu tenho um irmão e eu tô entendendo o que você tá falando, nas nunca imaginei isso, porque eu jogava com ele. Como ele não tinha irmão.

R: É, então.

Pe: Então, a gente não jogava com adversário. Claro, tinha quase sempre meu irmão. Eu tinha um amigo também, que eu mantenho até hoje, desde os seis anos, que assim, mas também entrava nessa brincadeira do futebol.

R: É o Álvaro.

Pe: Que é o Álvaro, a gente jogava futebol de botão, jogava futebol comigo. Ele estudou comigo, tal. Mas era isso, eu lembro assim, eu e meu irmão raspando costas um no outro e jogando futebol de botão, assim, no chão de taco, cada um jogando seu jogo, mas a gente tava assim, junto.

R: Junto.

R: Não, acho que, não, acho que era a minha irmã mesmo.

P: E no teu caso também?

Pe: Pra mim também, mas assim, eu acho que assim, nas brincadeiras a minha memória nivela, assim o meu irmão e o Álvaro esse meu amigo de infância

P: Tá. Vocês inventam as brincadeiras? Porque vocês chegaram a comentar isso, né?! Quais e como?

R: É. Então, eu acho, a gente inventava o tempo todo. Eu não me lembro de ter muitos brinquedos. A gente inventava bastante coisa assim. Agora, tinham essas coisas mais imaginárias que eu falei, é, pra mim, é bem marcante essa coisa de eu ser um personagem

P: É.

R: Sabe assim, de

Pe: Que você mencionou.

R: Fazendo papéis, assim, isso de espião era uma coisa bem marcante mesmo. Agora, eu me lembro e a minha irmã no clube assim, tipo andando e brincando. Ah, eu lembro, ó, lembrei, a minha prima mais velha, acho que ela era uns seis anos mais velha que a gente.

P: Hum, hum.

R: E a gente passava as férias juntas. E a brincadeira marcante assim com essa prima, era das panteras. A gente era três as panteras e aí não precisava de mais nada, era só a gente, as três inventava o tempo inteiro.

P: Verdade. (Risos)

R: (Risos) E a gente imitava todo mundo.

Pe: Qual que você era? Você era a Kelly, né?

R: Eu era. A Dani era a Sabrina, eu era a Cris. (Risos)

P: Ah, a Cris a loirinha baixinha?!

R: É, é. Eu era a Cris, acho que a Tati era Kelly. E a Dani era a Sabrina a mais sabichona. (Risos)

P: (Risos) A Cris.

R: E aí a gente tinha uma coisa, eu lembro no bosque. Eu me lembro um bosque cheio de folhas secas, assim, que aí a gente fazia armadilhas, a gente ficava de longe sempre observando os adultos, tinha umas coisas bem, sempre essa coisa meio de espiando, de esconderijo, de armadilha.

P: Entendi.

R: De aventura, assim. Essa é uma coisa, e a outra qual que é que eu ia te falar.

P: Você pode ir lembrando. O Pedro tem.

R: É, é.

Pe: As minhas brincadeiras de inventar, de imaginar, redundantemente, remetem ao futebol, mas assim. (Risos)

P: (Risos) Meu Deus!

Pe: A gente. A gente até quase adolescente, eu, meu irmão e esse meu amigo, a gente jogava, né, futebol imaginando é, digamos assim, confrontos da Copa do mundo

P: Hum.

Pe: Então, o meu amigo era o goleiro, sempre foi, eu era um time e meu irmão era outro time. E a gente entrava naquela situação de fazer.

R: Tabelas.

Pe: Trinta e dois jogos, tabelas e imaginando que eu era o México e meu irmão os Estados Unidos. E a gente, um atacava o outro e o goleiro o Álvaro defendia. A gente passa, assim, não era só o dia inteiro, passava trinta dias fazendo isso. Os dias da Copa do Mundo. E era assim, é, era gente imaginava e tal. E era a minha memória, assim, é essa questão de ficar no futebol imaginando ser jogador ou ser um time, ou ser o tal jogador.

P: E sozinho também? Porque eu acho que você. Eu vou entrar um pouco nisso, porque assim vocês brincavam sozinhos?

R: Eu brincava muito. Engraçado porque eu tenho três irmãs, né. Então eu tinha um monte de gente na minha casa sempre

P: Han.

R: Mas eu lembro muito das brincadeiras eu sozinha. Lembro muito, de né, ficava imaginando

P: Essas que você mencionou?

R: É, lembro demais.

P: E você também mencionou, também?

Pe: É eu mencionei o futebol de botão sozinho, mas eu também fazia assim, muito estereotipo de menino, né. Eu fazia corridas de carrinhos, né. Eu tinha vários carrinhos de miniatura, mas também já meio voltado, como se fosse uma corrida de Fórmula Um.

P: Tá.

Pe: Narrava.

P: Bom, mas fugiu um pouco, né?!

Pe: É exato.

P: (Risos)

Pe: Largava todos os carrinhos ao mesmo tempo, e ficava fazendo voltas, fazia circuitos tal. Com carrinho, tal, eu me lembro que fazia isso sozinho

P: Sozinho?

Pe: É.

P: Tá.

Pe: Era muito divertido, embora não tanto quanto o futebol de botão.

P: Agora tá claro.

R: Claríssimo

P: Tá. Quais eram os seus espaços de brincadeira? Tá clara essa pergunta?

Pe: Tá. Posso começar

R: Hum, hum.

Pe: Acho que pra mim é uma boa pergunta, porque eu sempre morei em apartamento, né. Agora a gente tá falando numa casa, pra mim já é uma realização. Então o espaço que eu tinha era um corredor, corredor sempre é, né, tanto pra jogar futebol, de botão, quanto pra brincar com carrinho. E o máximo era o tal do playground, porque não tinha playground, era um cimentão no térreo do apartamento. É, então um espaço, meio, tipo restrito, não tinha, não tinha verde, não tinha árvore. Era uma coisa, era uma brincadeira meio concentrada num espaço curto, assim. Sempre, ãh, eu não, mesmo jogando futebol era um espaço restrito, assim. Então a minha lembrança é o apartamento da minha mãe, ainda bem que ela saiu agora, esse ano, porque era um lugar, assim, ao mesmo tempo aconchegante, mas muito restrito, o último andar... Hum.

R: Mas você descia muito lá no prédio.

.

Pe: Então, mas era um playground cimentão.

P: Então eram lá que você realizava todas essas coisas que você falou isso pra mim?

Pe: Todas essas coisas. É exatamente

P: E você?

R: A gente era diferente, porque a gente morava numa casa enorme, muito grande, com muito jardim, e com piscina tal. Então, é, eu me lembro de situações nesse corredor bem, que era um corredor largo, não era um corredor fechado era um corredor largo, que dava pra um parapeito, que dava pra sala lá embaixo.

P: Hum, hum.

R: Então era um espaço, assim. Dava a sensação de amplitude, tinha muito vidro na casa toda, sempre com jardim, assim. A gente sempre viveu com o jardim, minha mãe sempre fez uns jardins maravilhosos nas casas dela.

P: Você ficava até mais fora do que dentro então?

R: A gente ficava muito fora.

P: Fora?

R: É. Eu lembro sempre das brincadeiras no quintal, com a minha cachorra, sabe assim.

Tinha cachorro, sei lá. Lembro dessas coisas. Lembro assim, da gente ir muito a parque com meus pais, andar de bicicleta, eles levavam a gente pra andar de patins, andar de bicicleta, então tem bastante coisa que a gente fazia fora assim.

P: Fora, você fazia alguma coisa, tirando embaixo do prédio Pedro?

R: Vocês não iam pro clube?

Pe: É, então, assim, a gente ia de vez em quando pro clube. É, sobretudo, depois que meu pai se separou da minha mãe, tipo, aí ele ia, ele ficava com a gente no final de semana e levava a gente pro clube. Mas, assim, o que eu mais me lembro de fora, era, era esse sítio em Atibaia, que a gente vai até hoje.

P: Tá.

R: É na época que vocês não paravam em casa, né?!

P: É daí.

P: Porque aí é a libertação, né?!

Pe: É, ficava enclausurado no apartamento, aquilo lá era, a gente só voltava pra dormir. Aí tinha o campinho de futebol, tinha o cavalo.

P: Ele tem duas meninas, acho totalmente engraçado. (Risos)

Pe: É totalmente, só menina e eu sou só menino. É totalmente diferente

P: Eu também só tenho duas meninas.

P: Não, agora eu tenho duas meninas.

P: Pois é.

Pe: Mais, assim, a libertação pra gente era Atibaia assim, mais que o clube. O clube eu não gostei do clube, porque achava que, o clube já tem a.

R: Algumas panelas.

P: É.

Pe: Panelas, seguimentos e castos, e tal. E turmas, e tal. E aquilo pra mim não combinava nada com a minha escola que era uma coisa mais, assim, sortida, tal, solta. E assim, eu, onde eu tinha mais espaço era justamente no sítio.

P: Vocês brincavam com a sua família? Você já respondeu que com sua irmã? Mas com quem? Eu posso considerar aí, que. Eu quero saber um pouco mais sobre seus pais.

R: Os pais.

P: É.

R: Meus pais brincavam assim, muito, de brincadeira de ficar com meu pai, que a gente era quatro. E o que uma fazia a outra tinha que fazer.

P: Quatro mulheres?

R: É. (Risos)

P: Tá.

R: E aí assim, eu lembro que ele deitava no chão com o joelho, e a gente subia no joelho dele. Assim, tinha muita coisa corporal, assim com ele, assim, de proximidade corporal também. E ele fazia muita palhaçada então tipo as minhas amigas, até hoje, que iam a casa quando a gente era pequena, até hoje elas falam: ah seu pai abanava a orelha. Porque ele abanava a orelha a gente fazia jogo do sério. Tinha umas brincadeiras muito marcantes com meu pai. E tinha umas coisas muito marcantes em viagens com a minha mãe, assim no mar, sabe. Eles brincavam bastante com a gente assim. No dia a dia eu acho que a mãe tinha uma coisa mais atarefada com um monte de filho, que eu não lembro. Eu me lembro dela deixar a gente brincar muito sozinha.

P: Tá.

R: Assim entre a gente, né. Mas aí meu pai chegava do trabalho e brincava muito. Tem essa coisa mais, de que ele estava descompromissado do serviço caseiro.

P: A gente sabe como é isso, né. (Risos)

R: Aí ele brincava bastante, assim, fazia palhaçada, então tinha uma coisa gostosa assim, do cotidiano assim de brincadeira com ele. E a minha mãe era muito presente assim, acho que ela favorecia as brincadeiras, ela punha argila, sabe. .

Pe: Ela disponibilizava bastante.

R: Bastante, assim. Mas ela não brincava tanto junto, eu lembro.

P: De sentar no chão.

R: Eu me lembro dela, que ela brincava muito de desenhar com a gente.

P: Hum, hum.

R: Eu lembro que ela fazia uns desenhos, a gente ia pedindo e ela ficava desenhando. Isso eu lembro bastante, assim.

P: E você Pedro?

Pe: É pra mim, guardando as devidas proporções. Eu também, a minha lembrança de brincar, é mais com o meu pai. Embora, ãh, eles tenham se separado quando eu tinha nove anos. E minha mãe muito mais com essa função de gerenciar a casa, tal. Mas eu me lembro do meu pai também com brincadeiras. Algumas que eu repito hoje com as minhas filhas, tipo: virar a mão.

Pe: Enfim, de fazer algumas coisas de sentar no pé e outras coisas. É de jogar futebol, também. É, assim, quando os meus pais se separaram eu tinha nove e meu irmão sete, a minha mãe logo depois teve um acidente de ter que ficar um ano quase no hospital com a bacia e meu pai tinha acabado de separar. Então, ele ia muito à casa da minha mãe, onde a gente tava com a minha avó. E a gente ali a gente quase destruiu a casa praticamente, né, com ele brincando, jogando futebol no corredor, no lustre e tal.

P: Imagino.

Pe. Mas assim, eu acho que me desenvolveu mais naquele período, assim, até. Mas essas lembranças são as lembranças com meu pai. E ele sempre foi assim, mais, digamos, moleque do que eu, ele gostava de empinar pipa, descer de carrinho de rolimã em Atibaia. Coisa que eu nunca fiz, eu não sei empinar pipa, eu não sei construir pipa, não sei descer de carrinho de rolimã, não sei construir carrinho de rolimã. E meu pai até hoje, ele tem essa coisa de brincadeira, que ele teve na época dele, e que ele tentou passar pra gente assim. É.

P: E algum, e o teu irmão conseguiu pegar isso dele?

Pe: Não meu irmão é até mais sério do que eu. É um absurdo. A gente puxou muito mais a minha mãe, talvez por essa.

P: Proximidade.

Pe: É proximidade, essa questão de, né, talvez a separação tenha pesado, porque a gente ficou muito pelo lado da minha mãe e tal, mas assim, as coisas mais divertidas de brincadeiras, de sentar no chão, como você falou, de, né, de, eu lembro, da minha lembrança é meu pai.

P: E com a sua mãe?

Pe: A minha mãe era coisa mais de parceria nas coisas que a gente tava vivendo tipo, lição de casa. ãh, tipo chamar amigo, ir à casa de amigo, na questão de vínculos.

P: Sociabilizar.

Pe: É exato. É uma coisa mais da minha mãe.

R: Tanto que ela ficou bem amiga da família do Álvaro, né.

P; É.

R: Isso é uma coisa meio família, né.

Pe: Por nossa conta meio que foi se aproximando de outras famílias. E era uma coisa diferente, era uma coisa de. E assim se você for pensar nessa ruptura de separação e sofrer um acidente, ela não podia mais sentar no chão (SI). Não tinha mais uma coisa, sabe.

P: Próxima.

Pe: É, a coisa próxima dela era sentar e deitar do lado dela e assistir um filme ou ver um vídeo era uma coisa mais limitada, assim. E assim, de brincadeira eu lembro essas coisas mais do meu pai.

P: E além, pai e mãe têm mais alguém da família, que marcou, que vocês acham que vale a pena mencionar.

R: Além das minhas irmãs, teve essa prima minha que eu brincava muito, meus avôs.

P: Seus avôs?

R: É, que a gente conviveu muito com meus avôs da parte da minha mãe.

P: Tá.

R: Então era uma coisa assim de tipo chegar à sexta-feira na casa deles e ir embora no domingo, assim com muita (SI), assim. E.

P: E eles brincavam com você?

R: Então, eles não brincavam. Tinha coisa, por exemplo, de jogar cartas, eles jogavam muito

P: Tá.

R: Até a adolescência assim, isso foi uma coisa que a gente manteve muito por conta deles. E joga carta muito. E eu lembro que lá tinham pouquíssimos brinquedos, tinha massinha. Tipo eram três brinquedos que tinham lá assim.

P: Tá.

R: Mas a gente é, tinha um espaço, assim, sabe?! Que ela deixava a casa pra gente, assim, é, então não me lembro de brincar com ela. Lembro a gente na cozinha com ela. A gente acompanhava a vida dela assim, que era de um jeito também, era gostoso. Não era uma brincadeira, né, mas era gostoso.

P: É o estar à vontade, né, com ela.

R: É, é.

P: E você Pedro, tem alguém?

Pe: Tenho, tem sim. Eu acho que mais significativo assim. Tem algumas pessoas da família que são assim, bem diferentes, mas que me influenciaram. Os avôs, assim, os avós maternos, o meu avô que era meio símbolo da família e tal. Ele, primeiro ele contava histórias, assim, que eu reproduzo até hoje pras minhas filhas. E têm histórias muito legais, de fazenda, de campo, e coisa assim, contos mesmo assim, bem legais.

P: Porque você falou que ele era o símbolo da família?

Pe: Ah, porque ele era o.

P: Que junta, vamos dizer assim.

Pe: O agregador, o patriarca de todo mundo.

R: Meio adorado por todo mundo, assim.

P: Que unia todo mundo.

Pe: É, é.

P: Então.

Pe: Embora ele fosse uma pessoa meio assim é, digamos, fria, ao mesmo tempo, ele era carinhoso e conseguia atingir os seus pontos. Eu gostava muito de conviver com ele. E além, dessa brincadeira, dessa brincadeira não, dessa história, do conto, ele tinha coisa de marcenaria, mini oficina de martelinho, de alicate, umas coisinhas assim, de mexer com madeira. Eu ficava na, quando eu ia de final de semana na casa deles, assim, eu ficava brincando na oficina, assim.

E a minha avó paterna.

P: Esse é o avô materno?

Pe: Esse é avô materno. A minha avó paterna era uma coisa completamente diferente. Era digamos uma geração diferente, era mais jovem, e, ela foi fundamental na minha adolescência, assim. Quer dizer, ao mesmo tempo, assim, nessa infância, no momento da separação e tal, foi ela que veio pra casa, logo que a minha mãe teve o acidente.

P: Ah tá.

Pe: e, ela tinha umas coisas muito mais, hã, digamos desapegadas, assim. Sem tanta doutrina de acordar e tal. E tinha uma convivência, ela era mais boêmia e fumava e bebia.

R: Muito moderna, tipo assim.

P: Vanguardista, né?!

Pe: É.

R: Ela usava maiô numa época que ninguém usava nem saia. Sabe assim, ela era muito moderninha. Bebia, fumava, se separou, imagina uma avó separada, né. (Risos)

Pe: Mas foi, foi fundamental na minha adolescência, acho assim, as informações que ela me dava. Inclusive assim, noções de beber até onde, fumar até onde, ir até onde, foi minha avó que me deu, não foi nem meu pai, nem minha mãe. É, então eram formações bem distintas assim, de, de avós, mas eu também tive duas pessoas bem importantes, que foram meus padrinhos, né. Que eram a Teca, minha madrinha e o Zé meu padrinho. E eles foram meus padrinhos coisa que eu não dou nenhuma importância hoje, mas por conta deles eu parei pra pensar. Um tinha 12 e o outro 11 anos, e foram meus padrinhos de batismo. E eles me, tipo, brincavam, o Zé louco, assim. Ele descia do velotrol comigo e me dava o velotrol, me dava a pistola de brincadeira, ele, ele, engraçado como uma pessoa de 12, 11 anos, pensava no presente pro afilhado

P: Pois é.

PE: Ele, então, tipo, ah tá na fase de ver não sei o que. E a Teca idem, era, eu até não dava muita importância a padrinho, mas eles foram são dez anos de diferença, mas fundamentais assim, pra algumas coisas que eu tive.

P: Agora eu vou fazer uma pergunta que você deu início tá, numa dessas conversas. Você falou do seu pai, né, porque assim, seus pais contavam do que eles brincavam quando eram crianças? Você chegou a dar certa introdução sobre esse assunto, e aí eu quero saber que tipo de brincadeiras que eram? Você também chegou a falar um pouco, né?!

P: Assim, contam ou até contam até hoje, assim

P: Han, han. É.

Pe: O meu pai assim, ãh, nessas coisas, porque algumas ele tentou introduzir pra gente que era tipo pipa, carrinho de rolimã, é, mais acho que num espaço diferente, né, que a cidade propiciava, né. Tipo ele andava de carrinho de rolimã na Vila Mariana, aí já não dava mais o espaço, aí ele desenvolvia lá em Atibaia e a pipa também, futebol, essas coisas de menino. E eu sempre ouvi relatos da minha mãe, porque eu só vim assim, a ter noção agora com as minhas filhas, que é casinha de boneca, é, essas coisas que. (Risos) Ah brincava de casinha de boneca na casa das minhas amigas o dia inteiro. Mas como, ficavam o dia inteiro brincando de casinha de boneca, brincando de cozinhar, sendo que meu, vamos jogar bola. (Risos)

P: Risos.

Pe: Hoje eu entendo que casinha de boneca é importante e que é legal pra caramba e tal. Até a gente construiu uma lá em Atibaia. Mais eles passavam essas coisas da infância deles, assim, de como eles.

P: Sua mãe também falava?

Pe: Falava bastante, bastante. E assim, não só ela, mas assim minha avó, mãe dela.

P: Então isso é legal. O que ela falava? Você lembra?

Pe: E aí que tá, né engraçado isso, né. Porque minha avó, ãh, esteve presente na nossa vida. A Rê até atendeu ela como fisioterapeuta. E é uma pessoa assim mais, digamos, mais fechada, mas que quando se abria, falava coisas mais do casamento. Não falava uma coisa muito da infância da minha mãe, ou das minhas tias e tal. E a minha mãe me passava que a minha avó, não era tão presente assim na infância dela.

P: Hum, hum.

Pe: E tinha uma pessoa fundamental na infância dela que era a babá, que é a Dedé que até hoje convive com a gente. Então as histórias mais de brincadeira da minha mãe, de coisas, de traquinagem ou de brincar de boneca. O meu conhecimento é mais pela Dedé, que é uma pessoa.

R: É a Dedé que conta como a sua mãe brincava, e como ela era com as amigas e emburrava, não sei o que.

P: É senão era do jeito dela ela emburrava.

R: É a Dedé que conta muita coisa da infância da sua mãe, né.

P: Mais do que a própria mãe da sua mãe?

Pe: Exatamente, exato.

P: E você?

R: Assim, tem duas coisas, que até agora fiquei lembrando falar da minha mãe brincando. Ela tinha uma coisa muito assim, de ensinar a gente, de fazer aqueles saquinhos de cinco Marias.

P: Sei.

R: Eu lembro a gente costurando pra brincar. Ela tinha, a gente fazia enfeite de Natal juntas, então tipo todo Natal, a gente ficava com coisa de feltro, uma coisa muito do fazer com a minha mãe.

P: Hum, hum.

R: Que eu acho que me marcou muito, que até hoje eu faço muito disso. E eu faço muito com as meninas também, né?!

P: Ah, com certeza

R: De fazer coisas, de produzir coisas assim. E aí, e tinha uma, e eu me lembro dela falar, eu acho que a minha mãe tinha, é ela falava muito de uma boneca que ela tinha.

P: Hum, hum.

R: E que ela gostava muito, e que era meio, que ela levava pra todo lugar, que ela tinha, mas me dá a impressão que a minha mãe teve uma infância meio, que a minha avó podava um pouco assim, sabe?! Restringia demais, pelas coisas que a minha mãe conta, dá essa impressão assim.

P: Tá.

R: Dava essa impressão.

P: Não é claro, isso?

R: Não, não é uma coisa que ela falava.

P: Não só na infância, até a fase adulta, enfim.

R: Mas isso.

P: Risos.

Pe: Pelo que seu pai me conta. (Risos)

R: É. A minha avó é uma pessoa muito assim, sabe.

P: Autoritária?

Pe: Ela tinha dois irmãos mais velhos.

R: Autoritária. É então eu acho que isso marcou muito a infância da minha mãe, e quando ela me falava dessa boneca que ela tinha, que era uma não sei o que, me dava uma idéia de que ela meio se agarrava naquela boneca, não sei por que, é uma imagem que eu tenho assim, dela sozinha . porque ela tinha dois irmãos mais velhos, ela era meio caçula assim, pouco, tinha uma distância maior e me dava meio à impressão, de que era uma coisa meio podada assim.

P: Você lembra-se de você ter algum objeto que você ficou por muito tempo com ele, e aí você talvez lembre ou não se você se separou dele na sua infância?

R: É, eu me lembro, eu me lembro de umas três coisas.

P: Pode ser desde um, uma fralda, desde um pano.

Pe: É (SI) tenho sim

R: É eu me lembro de umas três coisas, mas eu já era um pouco mais velha.

P: Tudo bem.

R: Tipo duas bonequinhas que eu guardei até hoje, que eu tenho até hoje. Já sem olho tudo.

P: Hum, hum.

R: Duas bonequinhas pequeninhas assim, que eu gostava muito, e eu me lembro de ser mais ou menos na mesma época da fofolete.

P: Sei.

R: E eu fiquei guardando essas fofoletes que eu tinha, que eu amava. Eu abria aquelas coisas e ficava. E aí depois chegou uma hora que me convenceram que eu tinha que dar aquelas fofoletes. Até hoje eu não me conformo que eu dei, sabe assim, tipo. (Risos)

P: Eu sei.

R: Mas eu não me conformo eu falo gente como eu não guardei minhas fofoletes, assim, que eram coisas que pra mim eram muito importantes.

E lembro que tinha um coelhinho, que eu ganhei numa páscoa que eu tive uma alergia absurda.

P: Hum, hum.

P: (Risos)

R: Que eu não pude comer chocolate, então minha mãe comprou esse coelhinho. E aí ela fez roupinha pro coelhinho.

P: Nossa.

R: Então, aí eu ficava pondo e tirando a roupa. O coelho mudava a cor basicamente assim, mas eu lembro que eu. Eu lembro muito

P: Mas isso você era mais velha ou não? Porque assim, pequeninha, às vezes você tem um boneco que te traz certa segurança, ou algum objeto sabe. Você lembra? Você tem essa lembrança? Ou você não teve de repente?

R: Eu acho que eu não tive.

P: Tá. E você Pedro?

Pe: Ah, eu só de relatos.

R: Você tinha um lencinho, que eu tenho um monte de foto.

P: Então pode ser.

Pe: É, então é relato, eu não tenho essa memória.

P: É, então interessante isso.

Pe: Do lencinho, depois tinha um cobertorzinho. Eu ficava.

P: Isso, isso.

Pe: É engraçado, tô fazendo o gesto do dedo, né. Acho que tocava entre os dedos assim, pra dormir.

P: É, porque é você, né. Faz parte da tua história.

Pe: É, é. Assim, eu tive, acho que pelos relatos, né. Eu comecei a ter esse do cobertor, o relato é quando eu tive nefrite com cinco anos, fiquei quarenta dias de cama, tal.

P: Hum. Nossa.

Pe: Eu adquiri a coisa do dedinho com cobertor e antes era um paninho né.

R: É que tem um monte de foto de você com esse paninho.

Pe: É o paninho e tal. Mas assim, eu não lembro.

P: Não lembra? Não lembra nem dessa separação em relação a ele?

PE: Não, não lembro nem da cor e tal.

P: E você não teve isso, quer dizer, você não se lembra?

R: Eu não me lembro.

P: Tá.

R: E aí só pra voltar das brincadeiras antigas dos meus pais. Eu lembro que meu pai contava, tinha muita coisa que ele passava mesmo, só meninas né. Mas era assim, coisa tipo de moleque do interior, tipo de brincadeiras meio sacanas que ele fazia com as pessoas, assim, de grudar a moeda no chão.

Pe: Risos.

P: Sei.

R: Aí a pessoa vai pegar e tá grudada, ou punha dinheiro num fiozinho e eles iam puxando e a pessoa ia abaixando. Risos.

Contaram-me umas coisas assim, tipo meio piadinhas, assim.

P: Sei.

R: Mas eu me lembro dele fazer pipa com a gente bastante, de ir empinar com ele, bastante.

P: Mais aonde ele empinava?

R: Lembro. De bolinha, ah, bolinha de gude, eu amava.

P: Bolinha de gude.

R: Eu amava, eu tinha uma coleção assim. Lembro da.

P: Você não batia figurinha?

Pe: Batia.

R: Batia figurinha também.

Pe: É eu batia, mas não. Eu me lembro de bater figurinha, mais mesmo na Copa de 82, que tinha um.

P: Era o Naranjito, não era?

Pe: Era o Naranjito. Exatamente. Eu tinha onze anos. E era meio assim pra completar o álbum. Não era uma coisa de hobby assim sabe. E a bolinha de gude também não era meu hobby.

P: Tá. Não. Tá.

Pe: Não era, tinha às vezes, assim, mas

P: Você só recorda, mas não era uma coisa que te.

Pe: Não fez diferença

P: Que te fez diferença.

Re: Não, eu não, eu tinha uma coleção assim, que era, que eu ficava carregando pra tudo quanto é lado, e minhas bolinhas de gude ninguém podia mexer naquilo.

P: É mesmo?

R: E eu me lembro de brincar de bolinha de gude também. E que mais. E meu pai tinha muita coisa corporal, assim. Gosta de pegar, fazer cócegas. E, às vezes eu me pego, a minha mãe também tinha muito isso assim. Na hora de dormir.

P: Hum.

R: Tinha essa brincadeirinha antes de dormir.

P: Que brincadeirinha?

R: De cócegas, de apertar

P: Tá.

R: Essa coisa meio assim.

P: De chamego.

R: Ou então na hora de acordar, meu pai acordava a gente, acordando tudo assim, né, ele ia pegar

P: Não é pra menos que você é fisioterapeuta, né?! (Risos)

P: (Risos)

R: Não eu passava (SI).

P: É.

P: Olha que interessante, gente. Porque tudo é, você falou várias vezes sobre postura, sobre expressão corporal. Interessante isso.

P: É. (Risos)

R: É e o meu pai era, é até hoje, ele tá do teu lado, ele pega no teu braço começa a apertar, fazer massagem, pega a sua mão e fica não sei o que. E eu puxei dele com certeza, eu fico pegando as meninas, a mesma coisa. (Risos)

P: Muito legal. Como que vocês vêm o brincar ao longo de suas vidas assim? A questão assim, do assunto mesmo. Como que você vê? Como ele tá sendo? Aí eu vou até englobar assim, como é que você.

R: Eu acho, das meninas, né!?

PE: Não ainda não, mas como que você tá enxergando o brincar, ao longo da sua vida, quer dizer.

R: Eu assim tenho.

P: Sem entrar nos filhos ainda. Depois a gente entra.

R: Eu acho que, por exemplo, eu acho que eu era muito séria, eu exigia demais de mim, queria muito ser certinha assim. Então hoje em dia eu olhando pra trás, eu acho que eu devia ter brincado muito mais, sabe, devia ter sido menos responsável, menos certinha, não tão boa aluna.

P: Tá.

R: E eu acho que a escola é... de certa forma, não me ajudou a sair disso, assim. Engraçado que depois, assim, eu acabei pondo minhas filhas na mesma escola.

P: (SI)

R: Eu estudei no Vera, também.

P: Ah você fez no Vera também?

R: Estudei no Vera.

P: Mas a escola Vera Cruz não te propiciou isso?

R: Eu acho que não.

P: Tô surpresa.

Pe: Vai ver o Palmares então...

R: Porque o Vera.

P: É.

R: Ele tinha uma coisa.

P: Você fez lá?

P: Só o colegial.

P: Han.

R: Porque o Vera ele tinha uma coisa assim.

P: (SI)

R: De te ensinar a raciocinar, de não dar a resposta pronta, né, assim. De você construir a coisa

P: Então.

R: Aquela coisa, mas o brincar não é forte, eu não acho. Pelo menos não era naquela época. E eu acho que eu precisaria ter tido uma coisa assim, sabe de desencanar um pouquinho do resultado, vamos brincar de fazer isso, sabe assim.

P: Tá.

R: Que eu acho que, daí eu me vejo assim adolescente, muito responsável demais pra idade que eu tinha assim, meio. Hoje em dia eu vejo assim, pensando meu, porque que eu, sei lá, eu sempre saí, sempre fui ao cinema, sempre tive minhas amigas. Então eu consegui equilibrar, mas eu não sei, na escola, por exemplo, era difícil, assim o recreio pra mim, sabe, a partir de certo ponto. Até certo ponto eu lembro que era gostoso o recreio, assim de brincar de pega-pega, de não sei o que. Eu me lembro de eu brincando, mas teve um ponto assim, que eu acho que teve uma quebra assim, que eu não sabia o que fazer no recreio, não sabia brincar, que eu acho que eu precisava ser dirigida assim, sabe?!

P: Tá.

R: É nesses ambientes mais estranhos. E em casa eu tinha essa coisa que era mais aí tudo bem, era mais gostoso com as minhas irmãs e tal. Aí o que eu vejo, por exemplo, do brincar ao longo, acho que eu fui resgatar um pouco essa sensação de ah, deixa rolar, quando eu comecei a pintar.

P: Hum.

R: Que aí era assim, que até o cara, o Dalton que foi, que é o meu professor ele tem um, o método dele é justamente, não se preocupem com o resultado do que tá fazendo, não precisa ficar bonito, o que importa é o fazer, né. Então é o prazer que você tem em fazer aquilo, assim. Então acho que de certa forma, eu meio recuperei isso nesse, porque isso é o que eu tinha de fazer.

P: E você começou a pintar com quantos anos?

R: Ah, eu comecei a pintar. (pausa) Eu entrei no Dalton, no.

P: Você era mais velha?

R: No terceiro ano do colegial

R: Mas assim hoje em dia, eu me policio pra conseguir brincar com as meninas, assim. Porque acho que é muito fácil você cair numa coisa de aí tenho que fazer isso, das tarefas. E hoje em dia, eu acho que eu gosto e tô me permitindo, sabe com elas a brincar assim mais. Também quando eu vejo já saí disso, aí tem que voltar, sabe assim.

P: Depois você vai me explicar melhor isso. Aonde que você, que você tá, como assim? Eu não entendi. Onde que você passa com as meninas?

R: Não, porque eu acho, assim, é muito precioso você vê essa coisa da criança que não tá preocupada com o tempo, com, né, que é.

P: Sim.

R: E assim, a escola que a gente optou por elas, desde que eram, desde pequeninhas, é uma escola que chama Espaço Brincar, tipo assim, não tem limite disso, não tem programação, não tem divisão por classe, por idade, não tem é, como chama. Ah, então agora a gente vai fazer isso, a gente vai fazer aquilo não.

P: Rotina

P: Não tem rotina?

R: Não tem rotina, tem uns espaços.

Pe: Mas isso é polêmico, porque foi difícil.

R: Não.

P: Mas isso foi antes do Vera?

R: Foi. É, a Maia entrou no Vera só agora. A Joana ainda está no Espaço Brincar

A: É, vai até os seis anos.

P: A Joana tá com quatro, né?

R: Com quatro.

P: Vai até os cinco anos, é.

P: Ah, tá bom, entendi.

R: De deixar da uma coisa assim.

P: Tá.

R: De começo, meio e fim da brincadeira, de não cortar uma brincadeira que tá, de respeitar o brincar como um processo fundamental pra criança, tipo é. Ah tá uma brincadeira rolando, ninguém vai parar isso porque é a hora da argila. Deixa terminar a brincadeira e aí vem a argila.

P: Hum, hum.

R: Aí vem outra proposta.

P: Hum.

R: Mais de respeitar um ciclo de uma brincadeira, sabe?!

P: Hum, hum.

R: O processo do desenvolvimento com começo, meio e fim. Porque é a questão do tempo, assim, porque hoje em dia é tudo, aí agora é hora disso, agora é hora daquilo, tem a hora disso a hora daquilo, quando você vai ver vida da criança tá toda interrompida.

P: Hum, hum.

R: Né?

P: Hum, hum.

R: Eu acho que a gente tinha um pouco isso, né?! Porque também eu lembro que eu fazia muitas aulas.

P: Hum, hum.

R: Eu lembro que com nove anos eu fazia patins, tênis, inglês, natação. É, sabe assim?! Quatro atividades, fora a escola. Então assim, era uma coisa de meio aprender coisas e eram diversificadas, era legal por isso, mas ao mesmo tempo, e o tempo, né?!

P: E o seu espaço, né?!

R: É. Porque aí tudo bem tinha o fim de semana, mas, né, no dia a dia, essa brincadeira. Então hoje em dia eu me preocupo em proporcionar esse espaço pra elas e eu vejo que eu também, assim que eu também posso entrar no brincar, né, tipo assim, como que eu como mãe, posso entrar também e chegar uma hora e falar danem-se o que eu tenho pra fazer, sabe. Porque toda hora você tem o que fazer, né.

P: É.

R: Né?! Não, ah, me deixaeu ficar aqui meia hora só brincando. Então assim, eu tento fazer isso e assim, é muito bom, muito bom. Porque é uma proximidade, você chega num nível de proximidade com a criança que vc não tem se você ficar só de fora “ah faz isso, faz aquilo”.

P: Verdade.

R: Não é?! Que é uma coisa que entra numa sintonia, assim, né?!

P: É. E você Pedro?

Pe: Bom, falou bastante, né.

P: Tagarela, né?

Pe: Mas assim já entrou nas crianças ou até onde foi o brincar?

P: Você que sabe. Fica a vontade.

Pe: É, pois é assim, eu acho que eu tenho o perfil parecido com o dela. É, a gente, a gente, infância e adolescência demais, tipo organização, cuidado total, acho que num determinado momento eu me preocupei muito com, com, tipo, essa coisa de. Eu não tinha essa questão dela de não me sentir a vontade no recreio, não. Não era assim, eu era meio dono da bola, é, levava a bola.

P: Risos.

R: Ele que escolhia quem que ia entrar, quem podia jogar ou não

P: É Pedro?

Pe: É. Levava a bola, dividia os times, tal. Desde moleque, tal.

R: E é assim até hoje. (Risos)

Pe: e Assim até hoje, mas assim, então, é, eu não tenho muito, assim na cabeça essa ruptura de quando eu parei de brincar, se eu acho que brinco até hoje jogando futebol, talvez não tenha parado de brincar, mas ao mesmo tempo, super assim, é afinado com a as preocupações da minha mãe, que eram assim mais de organização, de gestão, né. Essa palavra horrível, que é da época, mas que a minha mãe sempre desempenhou, mas eu acho que eu sempre foi um pouco assim. Meu irmão é mais largudo ainda nesse sentido, então coitado dele.

P: Risos.

Pe: É, e aí felizmente a Renata tem um viés assim, mais.

R: Mais bagunçado.

Pe: Mais bagunçado.

P: Risos.

Pe: Então, tipo assim.

R: Arrumei a casa.

P: Risos.

R: (SI)

P: Como que vocês definem o brincar? Você terminou, desculpa Pedro.

Pe: Não, ah, não.

P: Você tem mais alguma coisa pra acrescentar?!

Pe: Ah, não. Tenta definir o brincar acho que você fala com mais propriedade.

P: Como que você define o brincar hoje? Hoje?

R: Hoje?

P: Hoje

R: Hoje. (Risos). Eu acho que brincar, não precisa, não tem que ter um, não tem que ter um fim. Não é uma coisa que tenha né assim. O brincar é, sei lá, você dispor de um tempo livre assim. Não sei, eu acho que, aí difícil eu falar o que eu penso

P: Ah, mas você consegue. Já falou bastante coisa.

Pe: Pra mim, preciso ajudar. Pra mim é o desligar, pra mim é a coisa mais difícil hoje, algum tempo, ou quase sempre, é o desligar. Você, tipo, desligar a chave e simplesmente usufruir e compartilhar, que pra mim é uma coisa raríssima, mesmo hoje, mesmo com filhas e tal. Porque pra mim continua sendo uma coisa raríssima. Sei que elas têm uma afinidade, uma proximidade grande assim, mas o brincar, o tipo, tirar o sapato e rolar na terra e por, pintar a cabeça, a cara e desenhar fora do, manchar a mesa.

R: A gente sempre bagunça.

Pe: Isso é tudo a Renata, assim. Mas eu acho que é fundamental pra elas, né. Digamos, assim, vivenciar esse tipo de coisa. Pra mim, vamos dizer assim, sempre foi muito, muito, muito raro assim.

P: Mas hoje, vou tentar ser mais clara. Como que vocês estão enxergando hoje, essa questão do brincar? Na atualidade.

R: Acho que tá cada vez mais, muito difícil o brincar, assim. Então é acho que a preocupação, porque hoje em dia tem muito assim a competência, né. O que você sabe fazer. Como você ocupa o seu tempo, né. Uma coisa meio, não sei, não sei explicar, é, eu acho que o brincar é outra coisa. É você tá lá, assim, porque, por exemplo, falta pras pessoas hoje em dia, uma liberdade corporal pra brincar.

P: Hum.

R: Então hoje em dia você sair correndo, rolar na grama e se sujar e não sei o que. Não vou, aí não vou me sujar, não vou. Então acho que tem, o brincar envolve essa liberdade corporal.

P: Hum, hum.

R: Envolve uma liberdade assim de você, é imaginar e falar sem se vetar tanto, né?!

P: Hum, hum.

R: Sem se vetar tanto, e ser mais autêntico.

P: E você acha que as pessoas. E você acha que isso tá menos?

R: Ah, eu não sei, eu acho que as crianças.

P: É o que você tá presenciando?

R: O que eu acho é que as crianças elas sabem brincar, todas sabem, mas eu acho, que elas são... acabam sendo desviadas da brincadeira.

P: Tá.

R: Assim, né. Então eu acho que a televisão desvia, porque ela coloca uma programação que ela não participa, que ela tá só vendo a brincadeira do outro, né

P: Hum, hum.

R: Eu acho que essa coisa interrompida do cotidiano, tipo não tenho tempo

P: Das tarefas.

R: Porque tem muitas tarefas

P: Hum, hum.

R: Tem muita obrigação, então agora é hora disso, agora é hora daquilo. Então não dá tempo de uma brincadeira ser construída e executada.

P: Hum, hum.

R: E finalizada. É, eu não sei, eu fico preocupada, mesmo, assim. É eu fico aflita quando você começa a ver, ah tem isso, tem a festa de não sei o que. Ai tudo bem, na festa vai brincar, mas o que eu vejo assim, ridículo, toda festa hoje em dia tem que ter um recreador que fica dirigindo a brincadeira. Como assim? A criança sabe brincar, não precisa disso, mas aí parece que tem que ter, sabe essa pessoa que faz esse papel assim, de aí então agora nós vamos todo mundo fazer isso.

P: Mesmo assim é meio programado, né

R: Meio tudo programado e não autêntico assim.

P: É.

R: Não parece que tem uma, né. Acho que o brincar é outra coisa.

P: Tipo assim, conta quinze minutos, corre cotia e depois.

R: É.

P: Como se menosprezasse a capacidade que a criança tem de criar?!

R: É, de criar, de imaginar, de construir, de qualquer coisa, né. Na verdade, o que eu vejo é só você favorecer isso, que acontece a brincadeira, né. Então eu acho que isso tinha na minha época

P: Que era o que a sua mãe fazia.

R: Era o que a minha fazia.

P: Ela falou, ela não literalmente sentava, mas ela disponibilizava e deixava

R: Deixava, e ela deixava brincar mesmo assim. Eu me lembro de ficar horas brincando de alguma coisa, então não tinha que fazer nada né. Acho que a partir de certo ponto, teve essa coisa de, acho que com nove anos que tinha isso, que eu tinha muitas atividades, mas quando a gente tava em casa. E é engraçado, porque quando eu tive as meninas, minha mãe sempre falava pra mim. Minha mãe falava assim: “mas você não deixa brincar sozinha, vocês não deixam as crianças brincarem sozinhas.”

P: É.

R: Elas achavam que isso era uma coisa da nossa época. Ela falava: “gente, criança tem que brincar, adulto tem que conversar, não tem que ficar o tempo todo servindo.”

P: Auxiliando.

R: Auxiliando e não era.

P: Isso era da sua primeira que ela falou isso?

R: Era

P: E a segunda você deu uma arrumada, né?! (Risos)

R: É. E ela falou mesmo assim, mas hoje em dia eu entendo totalmente o que ela tava falando, né. E eu pra mim, eu tava, só assim, ajudando, sei lá, não sei tipo. Eu achava que eu tava fazendo certo, mas hoje em dia eu vejo assim, que a partir do momento que eu me coloquei um pouco mais de lado também, “não, vai brincar você

P: Hum, hum.

“R: que eu tô aqui conversando com a minha amiga.” sei lá, numa festa, por exemplo. Ela ficou com muito mais liberdade, também, sabe de brincar, do que quando eu ficava com ela indo pra todos os lugares na festa, assim.

P: Você acha que você deu mais autonomia pra ela?

R: Dei mais autonomia, acho que assim ela brinca mais

P: Hum, hum.

R: Então, por exemplo, eu me lembro de ir à pracinha com a Maia, e ela era mais retraída. Então eu ficava indo com ela em todos.

P: Brinquedo por brinquedo.

R: E minha mãe ficava louca e falava: “deixa brincar!” (Risos)

E aí hoje em dia, eu tenho, eu me forcei, no começo foi meio forçado, e acho que a escola Espaço Brincar, ajudou nisso assim, de falar: “não, eu tô aqui, pode ir, né.”

E aí ela foi, melhorou muito pra ela, ela ficou menos retraída. Então.

P: Você tá falando desse cordão umbilical aí que tinha?!

R: É, é, porque aí eu achava que eu tinha que fazer tudo com ela, e eu acho que a hora que você solta à criança eu acho que ela consegue ser mais, é livre mesmo, mas sei lá, ela se achar no meio do que tava acontecendo.

P: Se identificar.

R: É se identificar ou não com outras pessoas, né.

P: Acho que até se diferenciar, né?!

R: É, porque é difícil, né.

P: De você principalmente, né?!

R: É. E com a Joana já foi bem mais tranqüilo

P: Imagino.

R: Foi bem mais natural né. Bem mais fácil.

P: Vocês acham importante, você já me respondeu isso, mas aí o Pedro, pode dá um complemento disso. Um adulto participar das brincadeiras com as crianças? Por quê?

Pe: Ah, assim, acho que elas.

P: É, primeiro você acha importante?

PE: Acho.

P: Tá.

Pe: Mais é difícil saber, assim, até que certo ponto ela demanda por você ser adulto, e tal. Ser a referência, e, de fato, se é necessário naquela brincadeira tal, acho assim, é engraçado pra mim, porque eu não tenho essa desenvoltura da Renata nas brincadeiras, mas é, às vezes, assim, eu acho que eu funciono como mola propulsora em algumas brincadeiras, e às vezes, a recorrência a mim inibe um pouco, sabe?! É, acho que assim é apenas uma coisa momentânea: “ah, me ajuda a fazer tal coisa, vamos fazer tal coisa”. E às vezes, com elas mesmas não, vai mais naturalmente é, eu acho, é engraçado essa pergunta por que às vezes, eu acho mais necessário pro adulto pra ele sair um pouco daquela redoma, sabe? Em torno dele e entrar num mundo mais.

P: Lúdico?

Pe: Lúdico, exatamente. Do que necessariamente pras crianças, embora em alguns momentos eu ache que seja importante, as crianças gostam assim, e tal. Mas eu acho assim, que na minha concepção, às vezes, funciona mais pra gente desvincular um pouco.

P: Mas às vezes. Eu vou dá um retorno aqui. Teve muitas, vocês têm muitas lembranças da sua família.

R: É isso que eu ia falar, porque eu acho que é importante ter as duas coisas. É importante só ter o brincar das crianças e ter o brincar só com o adulto. Porque senão o adulto fica sempre naquela posição de cima, que o adulto fala não pode isso, não pode aquilo. Acho que a hora que você, que entra a brincadeira, é um tipo de vínculo assim, que fica pra vida toda. Eu tenho lembranças desses momentos de brincadeira com os meus pais de proximidade, de afeto, de tudo, que eu acho que é superimportante ter. E elas solicitam isso: “ai senta aqui um pouquinho, pára de fazer isso, vem aqui comigo.”

P: É.

R: Mas eu sinto que não precisa ser o dia todo isso, é um pouquinho que você faz. De repente você vê que elas já não precisam mais tanto, né.

P: Elas já te largam na verdade, né?!

R: Elas largam, é quando você pode sair meio de canto e elas nem vão perceber, elas já tão brincando. Então eu acho que é legal ter as duas coisas, que eu acho que o adulto pode ajudar muito é estar atento para que a brincadeira aconteça.

P: Péra aí, só um minutinho. Desculpa aconteceu alguma coisa aqui. É.

R: Pode ir?

P: Pode ir.

R: Porque eu acho que tem as duas coisas é o brincar sozinho com as crianças e o brincar com o adulto. Repete o que eu falei?

P: Por favor.

R: Porque eu acho que o brincar com o adulto traz uma proximidade, assim, de afeto, coisas que marcam muito assim, que é uma hora que você tá lá só com a criança, que você não tá lá preocupada com a hora disso, ou com a comida, ou com mandar fazer xixi, cocô. Você tá lá com elas, então assim, acho que a gente consegue ser mais autêntico e mais relaxado. É a gente vê coisas nelas, não sei, tem uma proximidade que acho que é muito marcante e que elas pedem que aconteçam assim, né. Agora eu acho que não precisa muito tempo disso, assim. Quando você brinca um pouco, elas mesmas depois já não solicitam assim, tanto. Então só pra meio que.

P: Então assim, o adulto, você acha que a participação dele, o que ele vai favorecer?

R: Acho que primeiro do brincar mesmo do adulto com a criança é a proximidade, assim. Isso é o básico, assim.

P: Tá. A afetividade.

R: É. Eu acho que nisso ele passa um monte de coisas na brincadeira. Passa coisas da infância dele na brincadeira, né, de coisas de histórias. Então eu vejo que nessas horas nas brincadeiras com elas, eu falo: “ah, quando eu era pequena, eu.” E aí elas querem saber mais, então, é a hora que aparece também um pouco do que você é, do que você foi. O que eu acho é que o brincar favorece isso, essa proximidade que numa outra hora não vai ter, pois você tá fazendo outra coisa. Você tá conduzindo, tá mandando, tá, né.

Agora eu acho que o outro papel do adulto no brincar da criança, primeiro é quando ele disponibiliza e favorece a possibilidade do brincar. Então tem o espaço pra brincar, ter o tempo pra brincar. Respeitar, então, por exemplo, hoje aconteceu isso, era à hora delas irem dormir, tinha que tomar banho ainda, mas elas estavam de um jeito tão gostoso entre elas, que eu falei: “aí, porque que eu vou ficar, ah tem que dormir agora, né”, assim, né tipo. Tinha uma coisa tão deliciosa assim das duas fazendo a mesma coisa e conversando e ligadas.

P: Elas estudam de manhã?

R: Elas estudam de manhã.

P: Hum.

R: Então, assim, eu tenho essa preocupação, ah da rotina, da hora de dormir, mas eu era muito rígida nisso, e hoje em dia, gente.

Pe: Quem tem sou eu.

P: Hum?

Pe: Quem tem sou eu.

R: Ah, mas elas estavam brincando tão gostoso, que quando

P: Essa preocupação?

R: É, e daí eu acho que o papel do adulto é essa sensibilidade de ver quando a brincadeira precisa de uma, como chama.

P: Uma atividade.

R: De um upgrade, assim. Aí chega uma hora que elas não estão conseguindo muito.

P: Um estímulo.

P: É.

R: Aí você vem com outro elemento, né. Continuam a brincar e você vai embora, ou de perceber quando a brincadeira já não tá muito legal, assim. Porque aí elas estão na naquele ciclo que elas não conseguem sair daquilo, aí você. Ou a agora.

P: Coloca o um desafio.

P: Propõe outra coisa, né.

P: Ou propõe outra coisa.

R: É, ou propõe outra coisa. Ou não, é mesmo à hora de parar de brincar. Então vamos escovar os dentes, né, pra vestir pra dormir, né.

P: Hum, hum.

R: Então acho que o papel do adulto é estar atento, não é só largar, né.

P: É.

R: Larga a criança e brinca aí. Então acho que é possibilitar, mas estar lá acompanhando de longe, né, pra favorecer. E o principal é não atrapalhar também, né.

P: Sim, sim. Fundamental.

R: A gente atrapalha muito o brincar né?! E eu acho que.

P: O que é que você chama de atrapalhar muito o brincar?

R: Ah, não. Porque agora você tem fazer isso, agora fazer não sei o quê. (Risos)

P: Risos.

Pe: Risos.

Pe: Pois é, acho que ela tava falando.

R: Tem que ter isso também, mas, sei lá, por que.

P: Já que você entrou nessa história dos filhos, então eu vou fazer essa pergunta. Vocês brincam com seus filhos.

P: A Renata bem mais que eu.

R: Eu brinco.

Pe: Eu brinco pouco.

R: Ah, você brinca também PE.

Pe: Eu brinco assim, muito. Primeiro são meninas, né.

P: Risos. O homem bola, né.

Pe: Então tudo que eu faço.

P: Eu vou sair daqui com a imagem de uma bola.

Pe: O homem, o homem bola.

P: Vou chegar em casa vou falar pro Roger é um bola, entendeu? Ele só joga bola. Se você vai jogar bola pode convidar o Pedro. Risos.

R: É. Risos.

Pe: O Homem bola tem filhas, então pra mim é um desafio. Risos. Concorde?

R: Ah fica com a gente na casinha de boneca?! Risos.

Pe: É pra mim é diferente.

P: Né?

P: e O que eu consigo brincar e aproximar e tal. Eu acho que consigo entrar no mundo delas, assim.

P: De que forma?

Pe: É contar história assim, sei lá faz-de-conta. E acho que até não é só com as minhas filhas, porque aí é uma proximidade natural.

R: Mas elas adoram né?

Pe: É, eu acho que eu consigo um vínculo com as crianças que eu tenho na minha família muito mais mulheres do que homem, acho que eu tenho um sobrinho só, e o resto tudo é sobrinha, nessa questão do contar história, de contato, né e eu acho que é tão, tão maluco, né.

R: Mas eu acho que é mais de ser afetuoso.

Pe: Então contato, acho que é mais pelo jeito afetuoso, carregar no colo, de olhar no olho, prestar atenção no que tá querendo ou no momento.

P: Hum, hum.

Pe: Mas, eu acho que aí as crianças te ensinam né?

P: Hum.

Pe: E isso vale pra qualquer pessoa, né. Pode ser a pessoa que tá tentando vender um chiclete na rua, você abrir a janela e olhar na cara dela e ver o que ela tá demandando. E mesmo que não for dá, não puder dar, não acha que não

P: Não concordar em dar.

Pe: Você estabelecer um tipo de relação, que eu acho que me ajuda nos relacionamentos com as crianças. Esse jeito assim, de prestar atenção no que a pessoa, seja criança, adulto. É, esteja demandando, esse não é um brincar, né, mas é um relacionar, né, é diferente.

P: Hum, hum.

P: A Rê, eu acho que consegue abarcar mais coisas assim.

P: Você brinca com as suas filhas?

R: Eu brinco bastante, mas assim

Pe: Só pra dizer, a Renata não só brinca, mas ela faz como a mãe dela fazia de oferecer mil possibilidades de brincar. Oferecer espaço, ãh, mil coisas pra, se ela tem essa disponibilidade que, às vezes, eu fico maluco, né.

Porque eu faria o corte.

P: ãh.

PE: Tipo: temos refeições, banho, dormir. E algumas coisas, você não tem mais tempo pra nada, né. Se for seguir a cartilha usual. Você não tem tempo. Vai lá estuda de manhã, tem que acordar tal hora pra ir pra escola. Tem que tomar café tal hora, pra ir com alguma alimentação. Aí volta da escola e tem que se alimentar, aí tem alguma atividade a tarde, beleza. Aí volta e tem que tomar banho, aí tem que jantar e tem que dormir.

Aí se você pegar o dia, não é verdade, ainda mais com o deslocamento em São Paulo, não é verdade?! Risos.

P: Risos. Isso é o homem, é o racional, você entendeu, mas é verdade.

Pe: Mas é.

R: Risos.

P: Engraçado, eles têm o pensamento diferente, né?!

Pe: Mas assim,.

R: Totalmente diferente.

P: Interessante, né.

Pe: Eu não concordo necessariamente com isso, mas isso acontece de certa forma. E eu acho que nesse meio tempo regrado, o desafio é você conseguir proporcionar coisas lúdicas, como você falou, brincadeiras, né. E eu acho que ela consegue.

P: E quais as brincadeiras Renata?

R: Quais as brincadeiras que eu brinco com as meninas? Ah, acho que tem algumas coisas mais corporais, de subir em cima, de, sei lá, de elas ficarem dando cambalhota em cima de mim, ou de às vezes de correr lá na fazenda. Brincar de pega-pega tem coisas que a gente brinca assim, às vezes, mas eu acho que eu desenho, eu sento no chão, fico desenhando.

R: Ou assim, de brincar, que eu tenho várias coisas que eu faço que, sei lá, vamos pintar. Fazer pintura, aí eu monto tudo e, mais raras vezes eu pinto junto, porque aí, porque eu percebo que quando eu pinto junto, eu por mim pintaria, mais aí eu percebo que quando eu pinto junto, elas ficam mais querendo olhar e fazer igual

P: Igual.

R: Igual.

P: Você acha que inibe?

R: Inibe. Daí eu parei, eu tipo monto lá, fico do lado, eu mesmo não desenho, porque aí, mas daí, às vezes, eu mesma vou desenhar, porque aí elas me vêem desenhando, mas aí é diferente, assim. Porque eu sinto que quando é pra elas fazerem, às vezes, eu atrapalho, parece que eu sou modelo, que elas ficam querendo seguir assim. E aí meio que inibe assim.

P: Sei.

R: Isso eu sinto que acontece assim. Sei lá, eu vou lá à fazenda com elas e andam muito. E nesse fim de semana a gente ficou horas no galinheiro pegando verduras pras galinhas e dando, tipo assim esqueceu-se do tempo e fiquei lá com elas fazendo isso.

Aí vamos lá à balança e eu fico balançando, tem coisas que são assim, meio de ficar junto assim, né.

P: Que horas no dia a dia, né? Vocês brincam?

Pe: Eu não brinco. Então o meu, tipo, o meu, o meu estar com elas, é pela manhã, né quando eu, eu.

R: O Pedro fica com a responsabilidade de tudo mundo chegar na hora certa na escola, porque eu sou uma lerdá. (Risos)

Pe: É eu levo à escola, né. Então ela tem que acordar dar o café.

R: Ele fica feito um louco até conseguir levar a Maia pra escola.

Pe: Levar a Maia pra escola. Mas, assim, é um momento que pra mim é fundamental e prazeroso.

P: Tá.

Pe: E eu acho que pra elas é também, apesar da correria do.

R: É a hora que elas estão com você, né.

P: É então.

R: Acho que pra Maia acordar.

Pe: É mais de manhã então?

P: É de manhã.

R: Acorda começa a contar tudo que aconteceu no dia todo pro Pê, né?

P: É.

R: Eu acho que ela conversa muito com você de manhã, né?

P: É.

Pe: Essa é a mais velha?

R: A Maia é.

Pe: É, é.

P: Tá.

Pe: E assim a gente tem um pedaço do ir à escola que é a pé, pra, mais pra Maia, que é a mais velha agora. E às vezes conversando o caminho inteiro. E a gente conversa bastante a aí.

R: Fica vendo os cachorros.

Pe: Vê os cachorros e vai e fala com vizinho, e fala com o cara da lavanderia. E esse não é um brincar, né. É uma coisa de.

P: Compartilhar.

Pe: É exatamente, compartilhar. E assim, se relacionar, né. Que eu acho que é mais a minha cara, né, então depois de.

P: Tá.

P: É, desde o cachorro até...

R: Desde o portão, até dá de cara com vizinho, aí conversa.

Pe: É com o vizinho.

R: E fala com a Maia, fala com o Pedro e tem uma coisa assim gostosa, né.

P: E no final de semana?

Pe: No final de semana aí muda um pouco, embora eu trabalhe quase todo final de semana.

P: Ah é?

Pe: Em alguns períodos do final de semana.

P: É bom, é.

Pe: Mais é, (Risos).

P: É. (Risos)

P: Que bom, né? (Risos)

R: É isso, né. E fala: - Vou trabalhar só às seis da tarde. Só que aí pra ele ir comentar o jogo, sei lá, ele tem que ver não sei o que, saber que aconteceu tal coisa. Então ele já tá trabalhando desde a hora que ele acordou. Ele só pode fazer tal coisa de manhã, porque à tarde.

P: É mais assim.

R: Tem uma coisa que da rotina de trabalho, que pra ele, não tem muita interrupção, mas é o tempo que você tá mais com as meninas, né?

Pe: De final de semana. Mas assim, como a Renata falou, a gente tem o refúgio nosso que é Atibaia.

P: Hum, hum.

Pe: E lá a gente tem mil possibilidades que a gente foge um pouco dessa coisa.

P: Vocês vão todos finais de semana?

Pe: Quase todos.

P: Tá.

Pe: A gente. Assim pra mim São Paulo é uma coisa muito difícil de final de semana, por conta delas mais, porque eu proporcionar alguma coisa legal pra elas, ou me divertir com elas em São Paulo, pra mim é impossível. Eu odeio Shopping.

P: Áhan.

Pe: Eu não gosto de parque, eu odeio qualquer coisa que aconteça em São Paulo.

R: Não vai a teatro.

Pe: Não gosto de teatro.

P: Não gosta de São Paulo?

Pe: Não gosto de São Paulo. Eu só gosto de São Paulo depois das 11 da noite pra tomar um chope com alguém, aquele lugar que você vai e tá aberto. Ah, quero falar com alguém. São Paulo pra mim só serve depois das 11 da noite. Então pra elas não faz sentido 11 da noite. Então pra mim não funciona. Eu não sou o cara que leva, porque tem mil opções, né, teatro

P: Mil opções.

Pe: Eu não curto nenhuma delas.

P: Entendi.

Pe: Eu não proporciono pra elas

P: E você?

R: Eu fico tentando fazer isso sozinha, né. (Risos) Só que é difícil, porque daí, primeiro que, quando ele tá junto ele não quer fazer isso. E aí quando, as outras vezes a gente tá em Atibaia ou é sei lá. Ou essa coisa de eu estar sozinha com elas, sei lá, às vezes por um período meio tentando conciliar com os horários dele. Mas aí nunca dá certo de ir ao teatro, aí se eu posso eu vou. Eu sempre fico olhando a programação pensando aí eu queria ir, tipo eu realizo pouco, mas fico tentando muito.

P: Elucubrando.

R: Então assim faço a listinha quero ver essa, quero ver essa, mas a gente vê muito pouco, na verdade a gente fica muito pouco.

Pe: Mesmo Circo que eu gosto.

P: É porque é mais final de semana, né.

R: É circo também.

Pe: Não, mesmo Circo é uma coisa que eu gosto.

R: Tudo só tem de final de semana.

P: Mas Circo tem, tem lá na Pompéia.

Pe: Então.

R: É, mas ele não tem ânimo.

Pe: Circo eu gosto, eu não vou, não vou.

P: Ah, desculpa.

R: Tipo elas nunca foram num Circo. A única vez que eu levei elas, num negócio, foi de palhaço, que era tipo. E virou assim, dois meses de brincadeira, porque aí eu e a Maia.

P: Pois é, super legal.

R: A gente ficava brincando, imitando os palhaços e fazíamos os números juntos, aí abaixa e caí. Tipo ela adorou muito, e fui eu, com as duas. Assim pra eu contar com ele, aí.

Pe: Mas é diferente, a gente fez um dueto de palhaços, no final de ano pra elas.

P: É, é. Mas onde vocês brincam com seus filhos, aqui no dia a dia?

R: Eu brinco aqui nessa sala.

P: Aqui na sala?

R: É.

P: Então você pode considerar, por exemplo, que na memória delas daqui alguns anos o espaço delas.

R: Ah, é essa sala. Aqui dessa casa é essa sala. Porque essa casa ela é muito fria, venta muito. Então, por exemplo, essa época do ano elas não conseguem brincar lá fora quase. Aí no Verão não, no Verão a gente brinca muito ali. Aí põe coisa com água, elas ficam peladinhas, a gente faz bastante coisa lá fora. Põe a mesa lá fora, às vezes, a gente come lá fora. Mas a brincadeira mesmo, assim cotidiana acontece aqui, nessa sala. Porque no quarto elas quase não brincam, acho que tem essa coisa de.

P: No quarto quando elas brincam é só elas, né praticamente.

R: É.

P: Coisas que elas tão aí no momento.

R: É, é, agora tem sido mais freqüente, assim.

P: É.

R: Porque aí, agora já dá pra deixá-las sozinhas lá. Assim, e elas ficarem brincando. Porque essa coisa de ficar sempre meio vigiando, a Joana era pequeninha tudo. Acaba que elas ficam no ambiente onde tem adulto, então quando eu tô trabalhando aqui, fazendo as coisas e meio olhando elas, né.

P: E aí.

R: É, agora eu sinto falta de levá-las mais pra parquinhos, sabe?! Eu gosto, então às vezes. No Verão é mais fácil, porque a hora que eu brinco mais com elas é a partir das 5 da tarde, que eu, a Marta vai embora e eu fico com elas

P: Hum, hum

R: Então ou eu fico brincando aqui. E quando tá Verão e horário de Verão.

P: Como é bom, né?!

R: Aí a gente vai à Praça Pôr do Sol, assim, sabe, tem uma.

P: Elas se divertem.

R: Eu odeio esse frio, a gente não faz nada.

P: Ainda mais com duas crianças, em casa, né?

R: É.

P: Aí é bom pra dormir, né.

P: Vocês acreditam que o brincar com os seus filhos. Eu sei que vocês acreditam, nisso, mas essa é a última pergunta tá. É importante pro desenvolvimento deles, mas que tipo de desenvolvimento?

R: Acho que tudo do desenvolvimento, mais específico, né. Eu acho que faz parte.

P: Que tipo, emocional, cognitivo.

R: É eu acho que. O brincar com eles, a gente com eles ou o brincar total.

P: Tanto faz.

R: o brincar não importa com quem.

P: Não. Você brinca com seus filhos.

R: Ah, a gente brinca com os filhos.

Pe: Sim, sim.

R: Eu acho que você brincar com seus filhos, você passa um monte de coisas pra eles, assim, do.

P: Em termos de desenvolvimento pra eles, entendeu?

R: É, eu acho que cria, dá referências, assim, de sociabilidade, de como se relacionar com as pessoas, de como reagir às situações, de. E eu acho que o ponto, no aspecto cognitivo também, você favorece que eles, por exemplo, aceita e estimula o que vem deles, não fica só impondo, achando que só o que você faz é certo. Você pode tanto interferir de um jeito bom, como de um jeito ruim. Desde aquela coisa básica assim, tipo criança pequeninha vai fazer um quebra-cabeça, de você falar, não essa peça é aqui, ou seja, vai dando, não deixa experimentar e tentar e tal. Porque aí você vai dando, e acho que interfere se a criança é segura, como que ela faz, né. De como, de saber o que vem dela e se pode resultar em coisas ou não, sabe assim, de.

Pe: É, mais é isso aí, é isso aí.

P: (SI)

R: Eu acho que é isso.

P: Tem alguma coisa Pedro, que você quer acrescentar?

Pe: Não assim, eu acho que, como a parte do brincar a Renata domina mais. (Risos)

E eu acho que é fundamental tudo que ela falou. Eu concordo e ainda bem que na família tem a Renata que tem mais essa iniciativa.

P: Risos.

Pe: Da minha parte é mais a questão do compartilhar e de adquirir mais confiança e de.

P: É mais o aspecto emocional?

PE: De parceria, emocional, justamente. O que assim, eu consigo, eu faço um paralelo, assim, com o que eu vivo hoje com o meu pai, que foi um cara que se separou, saiu da família, entre aspas, saiu do dia a dia, quando eu tinha nove anos, mas eu acho que ele construiu coisas que puderam ser mantidas e recuperadas depois. Então, assim, não que ele brincasse todo dia.

P: Sim.

Pe: Porque ele tava ausente.

P: Sim.

Pe: Mas assim, quando ele brincava, ele brincava mesmo, né, ele tava ali presente e não sei o que lá. E, assim, eu não vou (Risos) eu vou estar presente sempre, mas, assim, eu acho que é importante, assim, essa coisa de quando você está junto, você está.

P: É aquela história de que na importa o quanto, mas como.

Pe: Exato, não é a quantidade de tempo.

R: Ficar atento com a criança, estar realmente com ela ou não, né, porque às vezes a gente tá lá do lado, mas não tá mesmo, né.

Pe: Não tá, que é normal também a gente ter esses momentos.

R: É normal, né.

P: É, é. Tem, tem várias vezes.

R: E hoje em dia, às vezes, a Maia é tão engraçada. Porque às vezes eu tô fazendo alguma coisa, e a Jô fica: - Mãe, não sei o que. E Joana não adianta, eu não consigo prestar atenção em duas coisas ao mesmo tempo, tal. Aí a Maia, aí eu até já sei quando você, quando eu falo com você e você não responde, eu já sei que eu tenho que esperar. Ela falou isso essa semana assim, tipo, porque eu realmente não consigo fazer duas coisas ao mesmo tempo. E então eu vejo que tem assim uma solicitação, assim, que você não dá conta, né.

P: Hum, hum.

R: E às vezes você tá lá junto pra brincar, e alguém fala com você, ou.

P: O telefone toca.

R: O telefone toca ou. Então assim, você tá lá, mas não consegue tá mesmo, né, que eu acho que isso é uma coisa que atrapalha muito nessa vida, assim. Tipo tem solicitação, vem telefone, vem isso, vem aquilo, você tem que ah o celular, né, você tem que tá meio plugada nas coisas, mas aí isso te desplug.

P: Você tem que organizar tua casa.

R: Mas aí isso te desplug e pára ali com elas, né. Então esse, é.

P: Jogo de cintura.

R: Esse jogo de cintura que é difícil, eu acho

Pe: Ah, só acho que tem mais uma coisa. A Renata falou do momento ali na televisão, mas isso eu acho uma coisa interessante, porque a Renata odeia televisão, assim mortalmente.

P: Essa pequena.

Pe: Não.

R: Eu.

P: Ah! Você? Desculpa.

R: Ela, ela odeia, ela odeia e não assiste.

P: Perdão.

R: Nada.

R: Nem o que é bom.

P: Como é que chama a sua filha pequena?

Pe: Maia.

R: Não, Joana.

Pe: Joana, Joana.

P: Ah então foi por isso que eu pensei que fosse a menor.

Pe: É, é. E eu também não gosto, eu só gosto de assistir futebol. Então a gente não tem o hábito de ver televisão. E, assim, a gente, às vezes, a gente usa a televisão. Elas acham que elas não gostam também, assim, pela nossa, pela nossa. Elas gostam quando a gente tá tal. E isso é uma coisa que até hoje, assim, às vezes a gente usa a televisão mesmo pra entretenimento quando a gente tá fazendo alguma coisa.

Pe: Exemplo tem que arrumar as coisas pra ir pra fazenda, e elas estão naquela pilha.

P: Não é um, não é.

P: É um calmante.

Pe: Exato. Não é um: ah, vamos assistir televisão pra.

P: Não é um prazer?

Pe: Não.

R: Às vezes eu faço isso, final da tarde, ah então a gente vai ver um filme, aí eu sento com elas e a gente vê um filme.

Pe: Pipoca e tal. Mas não é contra a questão do canal infantil, eu ia chegar ao canal infantil.

R: É.

Pe: Porque a gente tem o canal a cabo, o canal infantil o Discovery Kids. O que a Renata tem até hoje, ou se eu não tô mentindo, há três dias disse pra mais velha, que ela falou: ah, não é possível que você não tenha o Discovery Kids em casa, se você tem todos os canais.

P: Quem falou?

P: A Maia. Uma coisa assim.

R: Que até hoje foi assim. Não tem Discovery Kids aqui em casa. Só na fazenda.

Pe: Não pode assistir, ou na casa da avó.

P: Risos. É brincadeira que vocês fazem isso?

Pe: Juro por Deus.

R: Ah não tem aqui, ah não. Eu falo assim: ah é só na fazenda, lá na fazenda. Então elas não vêem Discovery Kids aqui não tem televisão mesmo.

P: Aqui nunca.

R: Aí quando querem ver alguma coisa, é um DVD que eu.

Pe: Escolhe um DVD qual, porque, debatem tal.

R: Agora pode um que é de uma hora, agora pode um que é de vinte minutos, sei lá.

Pe: Aqui não rola, aqui não passa, entendeu.

P: Aliás, é um quadro.

Pe: É um quadro.

P: Bonito seu quadro.

Pe: A Renata não sabe nem ligar a televisão.

R: Eu sei sim.

Pe: Risos.

R: Só que aí a Maia, outro dia, falou assim: mãe, a gente não tem mesmo Discovery Kids, aqui em casa. Falei: tem, mas eu acho que, eu não gosto. Aí porque eu já falei várias vezes.

Pe: Não, não você deu uma resposta enviesada, você falou não tem!

R: Porque eu não gosto, dos comerciais eu acho que interrompi. Eu falei, não, tem, mas não eu falei: porque eu não gosto que vocês vejam.

Pe: Ela não falou isso aí não. (Risos)

P: Risos. Você tá mentindo ou.

R: Eu falei, não eu falei, que não tem. Eu falei não Maia é que eu não gosto que vocês vejam televisão aqui em casa, deixa pras situações especiais como na fazenda, na casa da vovó.

P: Entendi.

R: Porque lá vocês vêem Discovery Kids, aqui não

P: Ta.

R: Aqui vocês vêem vídeos

P: Tá. Vídeo, né. (Risos) DVD, né Renata. Vídeo é.

R: Vídeo é. Até eu falo vídeo.

P: (Risos) Daqui a pouco você vai falar assim, vamos escutar com a vitrola, né um LP.

Pe: A Maia fala até hoje.

Ela conviveu com o vídeo, né, acho que ela pegou um pouco do vídeo, né.

R: A Maia pegou ainda um pouco.

Pe: Então a gente tinha um vídeo antes, né.

P: Posso finalizar aqui.

P: Pode, pode.

P: Então gente obrigada tá